

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS JAGUARÃO
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - EAD**

ANA FLORISE MORAIS OLIVEIRA

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO
SOBRE A OBRA *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

**Jaguarão
2026**

ANA FLORISE MORAIS OLIVEIRA

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO
SOBRE A OBRA *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras Português
licenciatura a distância da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial
para o título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Dênis Moura de
Quadros.

Jaguarão

2026

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A481o Oliveira, Ana Florise Moraes.

Literatura afro-brasileira e representatividade: um
estudo sobre a obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis
/ Ana Florise Moraes Oliveira. – 2026.
103 p. : il.

Orientador: Dr. Dênis Moura de Quadros
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - Letras - Habilitação
Português, Campus Jaguarão, 2026.

1. Literatura afro-brasileira. 2. Silenciamento
literário. 3. *Úrsula*. I. Quadros, Dênis Moura de. II.
Título.

ANA FLORISE MORAIS OLVEIRA

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A OBRA
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Letras Português licenciatura a distância da
Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 03 de julho de 2026.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Dênis Moura de Quadros
Orientador
Unipampa

Profa. Dra. Geice Peres Nunes
Unipampa

Profa. Me. Mara Livia Farias Cardoso
FURG



Assinado eletronicamente por **DENIS MOURA DE QUADROS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/07/2026, às 20:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GEICE PERES NUNES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/07/2026, às 20:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Mara Livia Farias Cardoso, Usuário Externo**, em 04/07/2026, às 14:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2081330** e o código CRC **E0658B43**.

Dedico,

A Deus, que me fortaleceu em todos os momentos. Aos meus pais, que sonharam meus sonhos junto comigo, e *in memoriam* ao meu tio Fernando, tia Francisca e minhas avós Rosa, Inês e Florise, minha eterna gratidão e amor. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que me fortaleceu e concedeu sabedoria, força e perseverança durante todo o processo. Agradeço pelas bênçãos recebidas ao longo dessa nova trajetória, por me cercar de pessoas incríveis que foram essenciais para esta conquista.

Agradeço aos meus pais, Francinilde Maria e Raimundo Nonato, por serem minha maior inspiração, meu porto seguro e meu imensurável alicerce. Meu pai me ensinou, na prática, o verdadeiro significado da perseverança: desde muito jovem trabalhou para ajudar no sustento da família e, mesmo diante das dificuldades, nunca desistiu dos estudos, tornando-se o primeiro formado da família nos cursos de Letras e Contabilidade. Seu amor pela literatura de cordel despertou em mim o encanto por essa área e inspirou minha escolha pelo curso de Letras. Minha mãe, formada em Geografia, sempre trabalhou incansavelmente, mas nunca deixou de dedicar tempo à leitura para mim e meu irmão, despertando em nós o amor pelos livros e mostrando, por meio de seus gestos, a importância da educação e, também da humanização. Esta conquista é nossa!

À minha tia/mãe, Francilene Maria, agradeço por todo o carinho, amor, conselhos e alegria. Sempre que preciso de energia, é nela que encontro minha fonte de força para seguir a diante nessa longa estrada da vida.

Com todo o afeto do meu coração, agradeço à minha família Moraes e Oliveira: minha madrinha Jesuslene, Camila, Gabi, Ares, Aurora, primos, primas, tios, tias, que acompanharam minha trajetória na pesquisa e na educação.

Aos grandes amigos e professores que conheci ao longo da minha formação no curso de Letras, de modo especial as professoras e professores: Francéli, Lucio, Isabel, Aline, Fabiane, Rafael, Nathália, Danilo, Sátira, Cláudia, Yanna, Leila entre tantos outros que contribuíram significativamente para o meu crescimento intelectual, humano e profissional. Vocês são os faróis que iluminaram o caminho para a realização deste meu sonho, assim como do sonho de tantas outras pessoas.

Expresso minha profunda gratidão ao Prof. Dênis Quadros, meu orientador, pela atenção, paciência, dedicação e acolhimento ao longo desta trajetória. Seus ensinamentos, orientações e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho, sempre com um toque humano, amigo e cordial.

Deixo registrado também minha gratidão ao Romildo, que sempre esteve

disposto a ajudar, não importando a hora ou a circunstância. Sou profundamente grata por toda a atenção, cuidado e dedicação em resolver, auxiliar e incentivar diante dessa jornada.

À Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), em especial ao curso de Letras Português EaD, pela oportunidade de estudo, formação e crescimento acadêmico. Ao corpo docente do curso, minha gratidão pela dedicação, inspiração e compromisso com a educação e com a formação de tantas vidas provenientes de vários estados do Brasil.

Aos meus amigos e colegas de graduação, que estiveram presentes ao longo dessa caminhada, especialmente à minha amiga Gisela Alves e o meu amigo Francisco Assis, pela força diária, apoio constante e pelos diálogos memoráveis compartilhados durante essa trajetória.

E, por fim, agradeço aos membros da banca examinadora e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização desta importante etapa da minha vida. Esta conquista também pertence a cada pessoa que caminhou ao meu lado, pois, para vencer, aprendi que é preciso vencer juntos.

“Em uma sociedade racista, não basta não ser racista. É preciso ser antirracista”.

Angela Davis

RESUMO

Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, destaca-se como uma obra pioneira da literatura afro-brasileira ao romper padrões literários da época, humanizar personagens negros e promover reflexões sobre escravidão, identidade negra e memória, aspectos que podem contribuir para a formação docente na perspectiva de uma educação antirracista. Este estudo teve como objetivo analisar as percepções de estudantes do curso de Letras sobre a representação de personagens negros na obra. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem mista, caráter exploratório-descritivo, realizada por meio de questionário on-line aplicado a discentes de Letras da Unipampa. O referencial teórico fundamentou-se em estudos de autores como Muzart (2013), Barros (2023), Munanga (2005), Santos e Carvalho (2018), Faustino (2024), Adichie (2019), Duarte (2020), Ribeiro (2019) e Morais Filho (1975), entre outros que apresentaram observações pertinentes a respeito da temática analisada. Os resultados permitiram caracterizar o perfil dos participantes e analisar suas percepções sobre a literatura afro-brasileira e a obra *Úrsula*. Verificou-se baixo contato com a obra (39,4%) e com disciplinas relacionadas à temática (57,6%), embora a maioria reconheça a importância da literatura afro-brasileira para a formação docente (78,8%), para a educação antirracista (87,9%) e para a ampliação das discussões étnico-raciais no curso de Letras (82,4%). Na análise qualitativa, os participantes destacaram *Úrsula* como marco da literatura afro-brasileira, ressaltando o pioneirismo de Firmina, a valorização das personagens negras e a denúncia da escravidão e do racismo. Conclui-se que o limitado conhecimento sobre a obra evidencia seu histórico de silenciamento e reforça a necessidade de ampliar os espaços de discussão e valorização da literatura afro-brasileira, incluindo obras como *Úrsula*, na formação docente. O estudo contribui para fortalecer a presença dessa produção literária no curso de Letras e estimular práticas educativas voltadas à valorização da diversidade cultural, à formação crítica dos estudantes e à construção de uma educação antirracista.

Palavras-chaves: Literatura afro-brasileira; *Úrsula*; Maria Firmina dos Reis; Formação Docente; Educação Antirracista.

ABSTRACT

Úrsula, by Maria Firmina dos Reis, stands out as a pioneering work of Afro-Brazilian literature for challenging the literary conventions of its time, humanizing Black characters, and encouraging reflection on slavery, Black identity, and memory, thereby contributing to teacher education within the perspective of anti-racist education. This study aimed to analyze the perceptions of undergraduate students in the Portuguese Language and Literature program regarding the representation of Black characters in the novel. This was a field research with a mixed-methods, exploratory-descriptive approach, using an online questionnaire administered to students enrolled in the Language and Literature program at Unipampa. The theoretical framework was based on studies by Muzart (2013), Barros (2023), Munanga (2005), Santos and Carvalho (2018), Faustino (2024), Adichie (2019), Duarte (2020), Ribeiro (2019), and Morais Filho (1975), among other scholars whose contributions supported the discussion. The findings made it possible to characterize the participants' profiles and analyze their perceptions of Afro-Brazilian literature and the novel *Úrsula*. Low levels of familiarity with the novel (39.4%) and with courses addressing the topic (57.6%) were identified; however, most participants recognized the importance of Afro-Brazilian literature for teacher education (78.8%), anti-racist education (87.9%), and the expansion of ethnic-racial discussions within the Language and Literature program (82.4%). The qualitative analysis highlighted *Úrsula* as a landmark of Afro-Brazilian literature, emphasizing Maria Firmina dos Reis's pioneering role, the humanized representation of Black characters, and the novel's critique of slavery and racism. The study concludes that the limited knowledge of the novel reflects its historical silencing and reinforces the need to broaden the inclusion and appreciation of Afro-Brazilian literature, including works such as *Úrsula*, in teacher education. Furthermore, the findings contribute to strengthening the presence of Afro-Brazilian literature in the Language and Literature curriculum and to promoting educational practices committed to cultural diversity, students' critical development, and anti-racist education.

Keywords: Afro-Brazilian literature; *Úrsula*; Maria Firmina dos Reis; Teacher education; Anti-racist Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Representação de Maria Firmina dos Reis	24
Figura 2– Obra musical atribuída a Maria Firmina dos Reis	25
Figura 3- Resenha de Úrsula publicada no jornal em 1861	26
Figura 4 - Úrsula: A) Primeira edição; B) Republicação após 116 anos	28
Figura 5- Faixa etária dos participantes da pesquisa	48
Figura 6- Distribuição dos participantes por identidade de gênero	49
Figura 7- Distribuição dos participantes quanto a identificação étnico-racial	49
Figura 8 - Distribuição dos participantes quanto a região do Brasil que reside	50
Figura 9 - Distribuição dos participantes quanto ao ano ou semestre cursado	51
Figura 10 - Frequência de leitura dos participantes da pesquisa	52
Figura 11 - Distribuição dos participantes quanto a motivação de leitura	52
Figura 12 - Frequência de participantes que tiveram ou não contato com a literatura afro-brasileira em alguma disciplina do curso de Letras	53
Figura 13 - Percentual de participantes que leram o livro Úrsula	55
Figura 14 - Frequência de respostas sobre o contexto de contato com a leitura da obra Úrsula	56
Figura 15 - Frequência de respostas sobre a ampliação da ocupação da literatura afro-brasileira na formação de professores	58
Figura 16 - Frequência de respostas sobre se a literatura afro-brasileira pode contribuir para a promoção de uma educação antirracista	59
Figura 17 - Frequência das respostas sobre relações étnico-raciais e diversidade cultural na formação em Letras	60
Figura 18 - Frequência de respostas sobre se o livro Úrsula contriui para reflexões sobre o racismo	61
Figura 19 - Frequência de respostas sobre a representação dos personagens negros na obra Úrsula	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF Constituição Federal

EAD Educação a Distância

UNIPAMPA Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 A literatura afro-brasileira	17
2.2 A Voz feminina negra na literatura brasileira	20
2.3 Maria Firmina dos Reis: Uma pioneira	23
2.4 O retrato do negro na literatura brasileira a partir de <i>Úrsula</i>	28
2.5 A literatura como forma de compreensão e reflexão sobre a sociedade	33
2.6 Educação antirracista e o ensino de literatura	35
2.7 Formação crítica como pilar na preparação de professores	38
3 METODOLOGIA	42
3.1 Caracterização da pesquisa	42
3.2 População	42
3.3 Coleta de Dados	43
3.4 Procedimentos Metodológicos	44
3.5 Aspectos éticos, riscos e benefícios	45
3.6 Análise de dados.....	46
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
4.1 Caracterização dos participantes e o perfil leitor	47
4.2 Análise quantitativa das percepções sobre a literatura afro-brasileira e a obra <i>Úrsula</i>.....	53
4.3 Análise qualitativa das percepções dos participantes sobre as contribuições da leitura de <i>Úrsula</i>	65
5 CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICES	93
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	94
APÊNDICE B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE.....	97
APÊNDICE C - FORMULÁRIO DA PESQUISA	98

1 INTRODUÇÃO

A literatura, ao narrar histórias de personagens, lugares e situações, permite a compreensão de aspectos universais da experiência humana (Oliveira; Dias; Carvalho, 2019). Nesse contexto, a literatura afro-brasileira ocupa um lugar de destaque por valorizar identidades, culturas, memórias e perspectivas negras (Leonardeli; Castro; Meireles, 2024). Logo, por isso essa produção textual constitui um importante espaço de resistência e luta antirracista (Vitorino; Ferreira, 2021)

O racismo no Brasil é um fenômeno estrutural e histórico, resultado de séculos de desigualdade social e exclusão das populações negras (Barros, 2022; Figueiredo, Oliveira; Araújo, 2025; Santos, 2021; Silva Junior, 2022).

Por meio das letras, autoras e autores negros passaram ao longo dos anos a reivindicar visibilidade e reconhecimento cultural em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo (Vieira; Cruz; Oliveira, 2024). Como também, o silêncio na literatura expressa essa invisibilização da população negra (Mariano, 2023). Partindo desse ponto de vista, a voz feminina negra emerge nas produções literárias ao romper com padrões impostos por uma sociedade patriarcal e racista (Dourado; Camargo, 2023).

As vozes das autoras negras brasileiras ecoam por todo o país, pois elas existem e, além de existirem, vestem uma camada de luta mesmo diante de silenciamento (Silva, 2013). Entre a “*escrevivência*” e a “*inscritura*”, as obras dessas escritoras negras oxigenam o campo literário com algo legítimo que reivindica memória, ancestralidade e identidade (Quadros, 2024).

A escrita dessas mulheres representa uma importante ferramenta de denúncia ao mesmo tempo que tece uma memória que não pode ser esquecida (Costa; Souza, 2023). Alguns estudos apontam a autora Maria Firmina dos Reis como pioneira da literatura afro-brasileira, ao ser a primeira mulher latina e negra a escrever livros e contar histórias com personagens negros com voz ativa e expressando sentimentos e perspectivas (Muzart, 2013; Miranda, 2021), prática distinta do que era padronizado na literatura do Brasil nesse período do tempo (Lira, 2022).

O romance *Úrsula*, introduz na sociedade brasileira a partir da escrita de Maria Firmina dos Reis, personagens capazes de expressar seus sentimentos mesmo em circunstâncias devastadoras como do período escravocrata (Krachenski, 2018). Dessa forma, a autora rompe com o silêncio imposto pelos discursos dominantes da

elite aristocrática de sua época, e evidencia as dores da escravidão e seus efeitos permanentes na sociedade brasileira (Santos; Carvalho, 2018).

Por meio de personagens como Túlio e Susana, a autora expõe a memória de um povo que sofreu com a estrutura escravista (Pereira, 2019; Silva, 2021; Santos; Carvalho, 2018). Contudo, para além da representação da população negra, Maria Firmina dos Reis aborda outros temas importantes, como as relações de poder, a desigualdade social, o machismo e a opressão das mulheres na sociedade (Bertoli; Moreira; Pacheco, 2024). Dessa forma, *Úrsula* é considerada uma obra literária com grande relevância educacional e social (Chehab; Agapito, 2019; Correia, 2012).

A literatura em muitos aspectos, torna-se também uma arma no combate de ideias racistas, através de narrativas que valorizem as tradições da cultura negra (Barros, 2023). Neste cenário, os livros podem ser utilizados como instrumentos de aproximação ou reconhecimento cultural, a fim de alcançar distintas camadas da sociedade (Carvalho et al., 2025). Logo, os personagens apresentados em obras da literatura afro-brasileira, como *Úrsula*, agem como agentes de denúncia social e mudança (Santos; Carvalho, 2018).

Levando em consideração o âmbito educacional, o contato com obras que discutem questões raciais, pode ampliar a compreensão dos estudantes sobre a realidade social brasileira e, até mesmo desenvolver uma postura mais crítica diante de diversos tipos de desigualdades, como a racial (Costa; Arruda; Cadoná, 2024; Silva 2018; Silva; Tobias, 2016). Além disso, o ensino de literatura afro-brasileira fortalece práticas pedagógicas voltadas para uma educação antirracista (Vitorino; Ferreira, 2021; Vieira; Cruz; Oliveira, 2024).

A implementação da Lei nº 10.639/2003 tem provocado mudanças no currículo escolar, promovendo a inclusão de conteúdos sobre história, cultura e literatura afro-brasileira (Brasil, 2003). Diante do cenário apresentado, observa-se um maior acesso a literatura de valorização da cultura negra (Barros, 2023). Entretanto, ainda é um desafio sua prática efetiva no contexto escolar (Porto; Silva; Sousa, 2023; Oliveira; Soares, 2021), além disso, o racismo continua presente na sociedade atual brasileira (Bahia; Santana; Simplicio, 2023; Santos, 2021).

Por outro lado, é necessário também ouvir a opinião dos estudantes, especialmente daqueles que utilizam o livro literário como recurso didático, pois isso permite identificar lacunas que nem sempre são percebidas pelo professor e reconhece os alunos como agentes importantes no processo de ensino e

aprendizagem (Diehl; Alves; Honorato, 2025; Santo; Arantes, 2026). Além disso, o contato com obras da literatura afro-brasileira permite que os estudantes ampliem seus conhecimentos sobre a diversidade cultural brasileira, valorizem diferentes identidades e reconheçam vozes que foram historicamente silenciadas (Timbane; Santos, 2022); dessa forma, contribuindo para uma formação acadêmica mais inclusiva, crítica e comprometida com a educação antirracista (Pereira; Braulio, 2023).

Diante desse contexto e da necessidade de ampliar as discussões sobre a literatura afro-brasileira e sua contribuição para a formação docente, o presente estudo propõe-se analisar as percepções de estudantes do curso de Letras sobre a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, relacionando essas percepções à importância da literatura afro-brasileira e o enfrentamento do racismo. Para alcançar esse objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: Caracterizar o perfil sociodemográfico e o perfil leitor dos estudantes do curso de Letras, bem como seu contato com a obra *Úrsula*; investigar a percepção dos estudantes acerca da literatura afro-brasileira na formação docente e na promoção da educação antirracista; verificar como os estudantes percebem a representação dos personagens negros na obra *Úrsula*; e analisar as contribuições atribuídas pelos estudantes à leitura de *Úrsula* para a valorização da literatura afro-brasileira, a formação crítica e o enfrentamento do racismo.

A metodologia utilizada caracterizou-se como um estudo de campo, de abordagem mista e caráter exploratório-descritivo, desenvolvido por meio de levantamento de dados realizado mediante a aplicação de questionário on-line a estudantes do curso de Letras EAD da Unipampa. Dessa forma, este estudo buscou compreender o perfil dos participantes, suas experiências de leitura e suas percepções acerca da literatura afro-brasileira e da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

Para a construção do referencial teórico, foram utilizados estudos de autores como Muzart (2013), Barros (2023), Munanga (2005), Santos e Carvalho (2018), Faustino (2024), Adichie (2019), Duarte (2020), Ribeiro (2019) e Moraes Filho (1975), entre outros pesquisadores que contribuíram para fundamentar e nortear as discussões sobre a literatura afro-brasileira, considerando a importância da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, para a valorização de produções de autoria negra, bem como suas contribuições para a formação docente e para a construção de práticas educativas comprometidas com a educação antirracista.

Esta monografia está estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução da pesquisa, situando o tema investigado e os principais aspectos que orientam o desenvolvimento desse estudo. O segundo capítulo contempla a fundamentação teórica, que foi estruturada em sete partes: A literatura afro-brasileira, a voz feminina negra na literatura brasileira, Maria Firmina dos Reis: Uma pioneira, o retrato do negro na literatura brasileira a partir de *Úrsula*, a literatura como forma de compreensão e reflexão sobre a sociedade, educação antirracista e o ensino de literatura e a formação crítica como pilar na preparação de professores. O terceiro capítulo expõe os procedimentos metodológicos adotados nesse estudo. O quarto capítulo evidencia os resultados obtidos a partir da coleta de dados e as discussões decorrentes dessa análise. Por fim, o quinto capítulo apresenta a conclusão, retomando os principais resultados alcançados e as reflexões decorrentes do mesmo. Além de propor reflexões e possíveis contribuições para o fortalecimento de práticas educativas voltadas à literatura afro-brasileira e à educação antirracista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A literatura afro-brasileira

A literatura, de sua égide à contemporaneidade, constitui-se como ferramenta de expressividade humana, à medida que à nível universal, desempenha papel central na construção, preservação e manutenção de identidades individuais e coletivas, dentro do contexto de suas narrativas culturalmente estabelecidas (Carvalho *et al.*, 2025). Isso quer dizer que dentre suas várias funções, as narrativas funcionam como um espelho onde identidades são refletidas e perspectivas descortinadas, à medida que contos e narrativas contemporâneas transmitem de forma gradual, valores culturais e sociais dos sujeitos que ora as estão contando, ora as estão escrevendo e ora estão lendo (Souza; Beltrame, 2024).

Essas ideias são mote para a discussão sobre literatura afro-brasileira, uma vez que sua narrativa evidencia a maneira como essa parcela da população pode contar suas histórias e vivências a partir de uma perspectiva própria (Conceição *et al.*, 2025), rompendo com o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi denomina como uma história única (Adichie, 2019).

Duarte (2020) alega que a literatura vem a ter cor. Considerando essa perspectiva a cor carrega significados identitários materializados na literatura afro-brasileira em reflexão a uma visão de mundo marcada pela vivência histórica de africanos escravizados e de seus descendentes na memória de um povo (Lima, 2021).

Paz (2023) evidencia que durante muito tempo, o papel do negro nos livros era posto em segundo plano em prol do protagonismo de personagens brancos. No contexto identitário discutido por Duarte (2020), esse quadro denota indivíduos que não conseguiam se enxergar na literatura, demovendo, pois, a representatividade cultural desta, e a própria percepção dos afro-brasileiros quanto a sua importância no meio. Assim, levando em consideração que a reflexão sobre critérios raciais é intrínseca de indivíduos negros (Ribeiro, 2019), o fato de a literatura também ser instrumento de resistência e transformação social é motor para que a narrativa afro-brasileira erga seus culhões no romper de preconceitos (Carvalho *et al.*, 2025)

Discutir sobre preconceito é então imprescindível para um diálogo coeso sobre literatura afro-brasileira, uma vez que este constitui-se como um dos sustentáculos que geriram a reclusão e a invisibilidade que africanos e seus descendentes sofreram

desde o período da escravidão, isso dentro e fora do contexto literário (Vitorino, Ferreira, 2021).

Ao pontuar noções sobre preconceito, raça e racismo, Almeida (2019) oferece contribuições significativas para a compreensão desses temas, que à nível epistemológico tem definições próprias, contudo, estão intimamente ligados entre si. Travassos; Williams (2004) discutem sobre o conceito de raça, em que ressaltam que estudos científicos afirmam que raça não é algo fixo ou biológico, mas uma construção social, cultural e histórica da espécie humana.

Nesse sentido, a forma de separar e hierarquizar grupos humanos surge junto com a formação do pensamento moderno europeu (Borba, 2020). Pois, durante muito tempo, o modelo padrão de humanidade, cultura e racionalidade era identificado e idealizado mediante a referência europeia, essencialmente constituída por pessoas brancas (Araújo, Maeso, 2012).

Por consequência, a ideia de preconceito racial nasce desse modo, quando alguém julga outra pessoa com base em estereótipos e sentimentos negativos atribuídas a um grupo racializado; e até mesmo marginalizado (Silva, Barros Filho, 2023).

Gomes; Herneck (2024), falam que ainda que os estereótipos sejam então um método pautado na generalização de atitudes e criações preconceituosas sobre uma cultura ou pessoas, que destoa de padrões impostos por outro grupo, a estereotipagem por si só não abarca todo discurso do preconceito racial, sendo, assim apenas uma ferramenta deste.

O racismo seria, pois, o tipo de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam¹. (Almeida, 2019, p. 22).

Aportando no cenário nacional, o racismo germina no solo brasileiro a partir do processo de colonização do país, que trouxe africanos escravizados para trabalho campesino, sobretudo, nas lavouras canavieiras (Richards, 2024; Muller, 2022). Em simbiose, o etnocentrismo e o eurocentrismo permeariam todo o processo colonial, gerando frutos que seguem presentes até os dias atuais (Sousa; Brussio, 2023).

Assim, para que o campo literário seja fidedigno à transmissão de narrativas culturais, funcionando como Carvalho *et al.* (2025), denomina enquanto registro

¹ Grifo do autor.

narrativo de uma memória coletiva, a escrita afro-brasileira precisou ganhar contornos que a caracterizassem como tal, assumindo identidade própria e com isso, quebrando estereótipos socialmente construídos acerca do que significa ser negro dentro dessa sociedade.

Esses estereótipos estão ligados à maneira como a figura do negro passou a ser retratada nos livros nacionais, especialmente na pós-abolição, onde estes foram postos à margem da sociedade, reclusos da ideia de igualdade preconizada na histórica lei Áurea (Paiva, 2021).

Contudo, Paz (2023) descreve em seu estudo, que as correntes teóricas continuaram fieis as ideologias europeias sobre a “branquitude”, gerindo preconceitos de igual forma. Assim, o papel dos negros nos livros ficou relegado à imagem do empregado, marginal, ignorante ou imoral (Ferreira, Roque; Taufe, 2023). Já a condição da mulher negra, cuja representação erotizada, segundo Paz (2023), aportou no simplismo chulo do teor sexual².

Nasce então a necessidade de abrir espaços para uma literatura mais justa, que honre a imensidão da raiz afrodescendente sem as sombras de ideias e ideais estereotipados (Costa, Pereira; Dias, 2022). Para que pessoas negras sintam-se representados como tal, a leitura de uma obra, seja ela de qualquer gênero, mas que implique em reconhecer-se na narrativa, como quem se vê de fato no espelho (Vieira, Cruz; Oliveira, 2024).

É nesse viés que Duarte (2020) justifica a construção do termo “afroidentificado”, pois para ele, essa condição identitária abre alas para uma escrita destoante dos discursos bibliográficos distorcidos sobre a negritude brasileira, quebrando padrões e paradigmas cristalizados no seio nacional desde o Brasil colônia.

O escritor afroidentificado passa a construir um modelo literato de características próprias, narrando em primeira pessoa os dilemas vividos sob sua pele, sexo, e condição social. Vê-se então uma escrita que “busca dizer-se negra³, até para afirmar o antes negado, e que também nesse aspecto, revela o projeto de ampliação do público leitor afro-brasileiro” (Duarte, 2020, p. 9).

A literatura afro-brasileira constitui um importante instrumento de valorização

² A cargo de exemplificação, cita-se obras como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo; *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado; *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; *A Moreninha*, de João Manuel Macedo; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; bem como representações estereotipadas na figura da *Negrinha*, e do *Saci*, ambos personagens do escritor Monteiro Lobato (Barros, 2023).

³ Grifo do autor.

da história de um povo, logo, nesse contexto, suas obras resgatam memórias silenciadas e denunciam as desigualdades e violências decorrentes da escravidão (Santos; Rodrigues, 2020). Duarte (2011, p. 13) sintetiza literatura afro-brasileira da seguinte forma:

Um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento de um texto à Literatura Afro-brasileira situa-se na temática. Esta pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba. A denúncia da escravidão já está no citado Úrsula, de Maria Firmina dos Reis (...).

Nesse entorno, a mulher negra escritora tem seu destaque literário por narrar em suas linhas a realidade da população negra, sobretudo, feminina, ante a problemática do racismo (Fernandes, 2025; Novack; Chagas, 2025), que Almeida (2019) denomina como estrutural e sistêmico na sociedade brasileira. Logo, por isso que esse tipo de literatura é considerado de resistência e de representatividade (Soares; Jorge, 2020).

Desse modo, uma análise apurada dessa contribuição permite, além do engrandecer dessa discussão, entender os motivos que dão à mulher afro-brasileira, destaque na construção de um discurso fidedigno às questões sobre intersecção de raça e gênero no cenário literato nacional, além de perpetuar a voz feminina em narrativas e temáticas importantes para entender uma sociedade (Cruz, Cunha; Pires, 2020).

2.2 A Voz feminina negra na literatura brasileira

O protagonismo feminino se fez presente em muitos contextos, não se nega, e nem se poderia, ante a vasta gama de produções que testifica esse fato (Almeida, 2023; Atienzo; Godoy, 2020). Contudo, mesmo existindo, esse protagonismo foi frequentemente silenciado, durante anos por questões sociais, políticas, raciais e principalmente sexistas (Zukoski, 2020; Gutiérrez; Grecco, 2020; Santos; Cavalcanti; 2023).

Uma contextualização dessa realidade permite aportar nas discussões de autores como Santos (2021) e Tedeschi (2016) sobre o silenciamento feminino ao longo das eras, pois apenas a partir daí, o viés do protagonismo feminino negro pode ser melhor compreendido. Nesse contexto, Tedeschi (2016) infere que à nível geral, a

história tem sido espaço de legitimação e domínio. No interim da escrita, esse espaço foi ocupado pela presença massiva de homens letrados que usaram esse privilégio político e social para significar e ressignificar a realidade à sua maneira, muitas vezes escrevendo sob uma lógica de superioridade sobre a mulher, e também acúmulo de poder (Santos; Cavalcanti, 2023; Hiwarkhedka; Sharma, 2024).

Para Adichie (2019), o poder pode ser definido, sobretudo, pela habilidade de contar uma história onde o protagonista se declara sempre maior que o outro. Desse modo, as consequências de contar uma história única não se limitam à redução de narrativas e pessoas, mas revelam como relações de poder sustentam estereótipos e desigualdades, ao legitimar apenas a visão de quem controla o discurso (Cunha, Silva; Mendes, 2024).

Nesses termos ao longo da história, a organização dos papéis de gênero reforçou uma divisão desigual de saberes e espaços sociais entre mulheres e homens (Gurieva *et al.*, 2022). Logo, a imagem que foi registrada, ensinada e reforçada do papel das mulheres na sociedade, teve como predição a ideia em que elas eram destinadas a cuidar do lar, dos filhos e da família, limitando espaços como a produção intelectual e a vida pública (Navrro, 2024; Bartosch *et al.*, 2023).

No campo da escrita, Tedeschi (2016) argumenta que o crivo doutrinário e excludente das produções literatas foi responsável pela instalação de um silêncio imposto ao feminino em nome de uma ordem social baseada em aspectos patriarcais, machistas e sexistas. Santos (2020) reitera então que a história da mulher na literatura vai de encontro a um processo de silenciamento. Por outro lado, o silenciamento dedicado às mulheres negras é ainda mais incisivo (Sales; Paiva, 2024). Segundo Nascimento; Santos (2018) as mulheres negras além de enfrentar o sexismo, elas precisam lidar com outra barreira social, reforçada pelo racismo, que as coloca em camadas mais profundas de exclusão.

Em *O que é lugar de fala* (2017), Ribeiro defende a existência da necessidade de um movimento feminino negro, porque, embora as mulheres compartilhem experiências de gênero, as negras não têm os mesmos privilégios ou oportunidades que as mulheres brancas. Ademais, Ribeiro (2017) se apoia nos estudos de Grada Kilomba, escritora e psicóloga portuguesa, que analisa a posição social das mulheres negras em sociedades marcadas pelo racismo e pelo patriarcado e argumenta que as mulheres negras enfrentam uma “carência dupla”, ou seja, não são homens e não tem a pele clara.

Dessa forma, as mulheres afrodescendentes carregam o peso de lidar com dois dilemas intrínsecos que afetam diretamente o modo como são postas nas matrizes sociais de seu tempo; em uníssono, elas têm que lidar com o massivo preconceito racial, bem como com os empecilhos inerentes aos citados aspectos de gênero (David, Ferreira; Alexandrino, 2024).

De acordo com Mesquita; Cassiano (2023), quando se estudam estruturas como o capitalismo patriarcal, geralmente, não consideram no seu contexto, as mulheres negras, cuja discriminação não é apenas de gênero, mas também racial. Por isso, além de combater o racismo e o sexismo, é necessário que o feminismo tradicional inclua pautas específicas das mulheres negras, frequentemente negligenciadas nas análises (Ferreira, Concha; Aras, 2024).

As mulheres negras enfrentam o racismo, o sexismo, e outras formas de opressão que não afeta da mesma forma para os demais grupos sociais (Silva *et al.*, 2024). Devido a esse cenário, as produções literárias elaboradas por mulheres negras refletem e abordam experiências e perspectivas que, muitas vezes, foram subestimadas e silenciadas (Freire; Wanderley, 2023).

Desse modo, a literatura escrita por mulheres negras é ferramenta para reconstrução de memórias e sentidos deturpados pelos frutos do racismo (Oliveira; Reis, 2021). Mediante a isso, as mulheres afro-brasileiras buscaram espaços de expressão e visibilidade que historicamente lhes foi negado (Fernandes, 2025), por isso, a identidade racial e cultural é central na construção de suas produções literárias (Souza, Godinho; Valle, 2024).

A noção de identidade posta nesse tipo de literatura se alicerça na construção de uma formação identitária que parte de dentro pra fora, ou seja, é escrita numa perspectiva de vivências pessoais que ao serem transformadas em narrativa, geram um processo automático de autoidentificação por parte dos outros agentes (Fernandes, 2025).

Assim é o caso de *Quarto de despejo* (1960), onde a escritora Carolina de Jesus narra as mazelas sofridas por sua condição de mulher negra moradora de favela (Fontes, 2020; Mitsuuchi, 2018) e de *Olhos d'água* (2016), onde a autora Conceição Evaristo salienta a condição de subalternidade da população negra (Araújo; Vieira Junior, 2020; Oliveira, 2019), como também, de tantas outras afro-brasileiras que denunciam aspectos intrínsecos de suas condições em suas obras (Santos; Vale, 2023), entre elas, ressalta-se Maria Helena Vargas da Silveira, autora negra gaúcha

que reivindica o seu direito de ser vista, mesmo diante das tentativas de invisibilização, eternizando-se por meio de uma escrita que legitima memórias, cultura, ancestralidade e resistência no Sul do Brasil (Quadros, 2024).

Desse modo, o campo de estudo da literatura negra é amplo, assim como a necessidade de analisá-lo cuidadosamente, dado seu alcance social, histórico e cultural relevante para a construção da identidade do povo brasileiro (Lima, 2021; Marra, Maringolo, 2020). Por isso, há de se reiterar a relevância da literatura feminina afro-brasileira como forma de afirmação e contribuição cultural (Fernandes, 2025).

2.3 Maria Firmina dos Reis: Uma pioneira

A trajetória de Maria Firmina dos Reis no contexto da literatura brasileira é categorizada por como sendo “transgressora”, tendo em vista que padrões e paradigmas que foram quebrados em decorrência de sua vida e obra (Oliveira, 2021). Não obstante, Duarte, (2018), descreve que a escrita de Maria Firmina dos Reis não foi apenas literária, mas também simbólica, pois a mesma usou a literatura como uma forma de resistência e contestação.

Como visto, num contexto social desigual gerido por séculos de escravidão à fio, não é anormal que a hegemonia patriarcal branca segmentasse seu poder também na literatura, deixando as mulheres, e especialmente mulheres negras, à parte do processo de construção dos saberes, tendo suas vozes, muitas vezes, silenciadas (Mariano, 2023). Nesse sentido, mulheres que conseguiram galgar sucesso nos seus ideais foram hercúleas exceções, não regras, principalmente mulheres negras (Oliveira; Sousa; Souza, 2019). E é nesse contexto que o pioneirismo de Maria Firmina é respaldado (Muzart, 2013).

Segundo fontes documentadas, Maria Firmina dos Reis foi uma autora maranhense, nascida em São Luís em 1822, considerada filha primogênita de pais que nunca se casaram e filha de uma mulher ex-escravizada (Adler, 2014), ilustrada na Figura 1. A família Reis era natural de Guimarães, vila interiorana e litorânea da então província maranhense, na qual Firmina passou a viver com sua tia, que lhe forneceu apoio financeiro e cuidados após a morte do pai (Morais Filho, 1975).

Figura 1- Representação de Maria Firmina dos Reis



Fonte: Memorial Maria Firmina dos Reis (2026).

Maria Firmina é biografada como poeta e romancista, bem como escritora negra vanguardista, compromissada com a causa abolicionista (Vieira, 2024; Oliveira, 2021). Apesar de ter vivido na segregação de uma sociedade escravagista, e nascida fora de um casamento, conseguiu se sobressair por meio da carreira educacional, que lhe deu bases sólidas para seguir como uma mulher intelectual e precursora da luta antiescravista no Brasil (Ferreira, 2022).

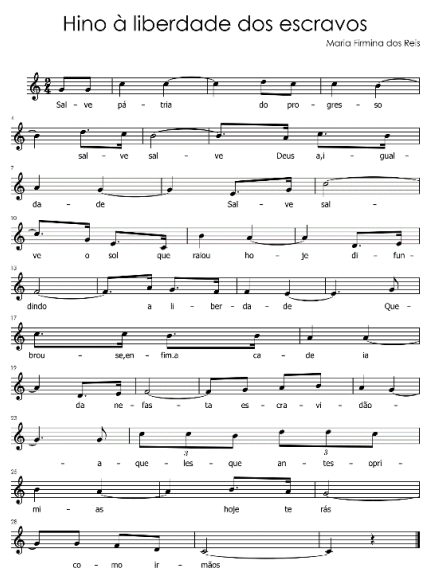
Segundo Miranda (2021), seu pioneirismo dá-se ainda no contexto de aprovação em concurso público estadual maranhense, onde ocupou o primeiro lugar dentre as candidatas para mestra régia na instrução primária em 1847. Fato inédito para uma mulher negra oitocentista (Adler, 2018). Os atos revolucionários dessa autora também incluem a fundação da primeira escola mista do Maranhão, um ano antes de abandonar o cargo público (Moraes Filho, 1975). O foco da escritora era a oferta de uma educação de qualidade para meninos e meninas maranhenses, bem como o alcance da educação para ambos os sexos, visto que o igualitarismo não era uma realidade brasileira (Dalcol; Alós, 2019).

É lícito acrescentar que o fato de Firmina ter conquistado tanto através da educação, tem múltiplos significados no contexto da emancipação feminina (Machado, 2019). Como assina-la Hooks (2020) em seus estudos, sobre a falta de instrução escolar, como uma das principais balizas para o fomento da exclusão das mulheres, tendo em vista que, sem o acesso a esta, elas tendem ao ostracismo imposto por um poder estatal desfavorável à sua ascensão social e econômica. Assim, o fato de

Firmina ter conseguido meios para ter uma educação em pleno exercício da segregação de raça, gênero e classe, é algo que impressiona, chegando até mesmo ao acesso da chamada “Atenas Brasileira”⁴⁴, somado a isso, ela conseguiu o reconhecimento nacional e internacional como escritora, devido ao seu papel de expoente feminino literário em várias dimensões (Silva; Fernandez, 2020).

Em termos de produções literárias, nota-se que Firmina era uma escritora dinâmica e multifacetada com obras que vão de romances, poemas, contos e outras formas de escritas das quais constam nos periódicos da imprensa maranhense, que foram num geral, veículo ímpar de publicações da autora (Faustino, 2024). Adicionalmente a isso, há relatos familiares que ela também criou música (Moraes Filho, 1975). O poema “Hino à liberdade dos escravos” é também tratado como composição musical (Santiago, 2022). Ilustrada na Figura 2.

Figura 2 - Obra musical atribuída a Maria Firmina dos Reis



Fonte: Música Brasilis (2026).

Na obra abolicionista “Hino à liberdade dos escravos”, Firmina defende o fim da escravidão, uma vez que, a mesma era opositora a esse tipo de sistema que desumanizava pessoas e negava seus direitos (Tolomei, 2019). Além disso, outros contos escritos por ela tecem críticas ao racismo, o patriarcado e também, demonstra a sua aspiração por uma sociedade com menos exclusão e desigualdades (Machado,

⁴⁴ Segundo Brandão (2021), a forma como a capital ludovicense foi conhecida após a presença massiva de intelectuais responsáveis pelas primeiras produções literárias ligadas à onda primária do Romantismo.

2019).

Outra obra de Firmina que apresenta musicalidade é o poema “Nênia”, presente em Cantos à beira-mar. No estudo de Santiago (2022), são analisados aspectos da construção desse poema; são apresentados argumentos e percepções que ajudam a comprovar a regularidade sonora dessa obra que perfaz características das canções como a métrica e o ritmo dos versos. Por outro lado, suas obras receberam resenhas em jornais de circulação fora do estado, destacando-se o periódico A Verdadeira Marmota, do Rio de Janeiro (Macena; Azevedo, 2024), apresentada na Figura 3.

Figura 3- Resenha de Úrsula publicada no jornal em 1861



Fonte: Memorial Maria Firmina dos Reis (2026).

São creditadas como obras da Maria Firmina dos Reis, Guepava romance publicado em 1861 (Moraes; Pereira, 2020), uma participação na antologia poética Parnaso Maranhense, lançada no mesmo ano (Faustino, 2024), também Cantos à beira mar, livro de poesias lançado em 1871 (Santiago, 2022) e ainda, a feitura de um artigo inserido no Almanaque de Lembranças Brasileiras, escrito entre 1863 e 1868 (Chaves, 2018).

Por outro lado, foi com o lançamento de *Úrsula* em 1859, que Firmina conseguiu maior destaque, sendo considerada a obra mais singular de sua trajetória como autora (Sousa, 2024). Logo, esta obra carrega o título de primeira narrativa de cunho abolicionista no Brasil, dando consequentemente à autora, papel central na gênese da interseccionalidade de autores e autoras negras nas obras literárias nacionais, bem como a assinatura de um estilo narrativo próprio, destoante dos escritos já existentes

em termos de narrativa escravagista (Oliveira, 2021; Mendes, 2014).

Segundo Lira (2022), Maria Firmina dos Reis tinha trinta e sete anos quando publicou seu principal romance, o que já é relevante por situar cronologicamente sua obra na vida da autora⁵, o lançamento do livro era singular para a época, de modo que tinha caráter elitista pois a maioria dos escritos literários era posta em folhetim, formato mais acessível em termos de custos e popularidade entre as camadas mais baixas da sociedade. Além disso, Firmina testemunhou mudanças drásticas na sociedade de seu tempo, uma vez que, o Maranhão no século XIX passou por diversos processos como a pacificação da revolta popular da Balaiada, o aumento da economia devido a exportação de algodão, e o apogeu da imprensa; do movimento do Romantismo brasileiro (Machado, 2019).

A obra *Úrsula* é assinada pelo pseudônimo de “Uma Maranhense”, fato que, embora denote a opressão aplicada a um público feminino inseguro por revelar-se na sociedade, uma vez que, as mulheres eram proibidas de se expor publicamente como autoras de livros, também afirma uma clara reivindicação de uma identidade regional e cultural feita por Maria Firmina, considerando que ela possui uma representação da voz feminina e negra na literatura (Santos, 2023; Lira, 2022).

A narrativa de *Úrsula* é dividida em vinte capítulos, que contam a saga amorosa da protagonista Úrsula com o personagem Tancredo (Andreta, 2013). Santos (2023) em detalhamento da obra, contam que os personagens negros, Preta Susana e Túlio, possuem diálogos e narrativas apresentados em primeira pessoa, fato inédito para os padrões da literatura dessa época.

Silva; Fernandez (2020) fala que a narrativa de *Úrsula* segue uma praxe nos romances do século XIX, que é o desenvolver de duas linhas narrativas que põem em concomitância, a centralidade de uma trama amorosa, mais os aspectos de cunho social. Dessa forma, a autora consegue abordar em sua obra temas importantes como a escravidão e a condição feminina sem abandonar a estrutura literária típica da época que era o Romantismo, que se desenvolveu no Brasil até 1880 (Quadros, 2016; Ferreira, 2012).

O método literário adotado por Maria Firmina dos Reis se revela adequado ao propósito da obra, que é denunciar aspectos vis da escravidão da época, sob um plano de fundo que pode ser visto como aprazível para os leitores desta, isto é, o típico

⁵ Pela dita Tipografia do Progresso, antigo editorial tipográfico maranhense do século XIX (Miranda, 2021).

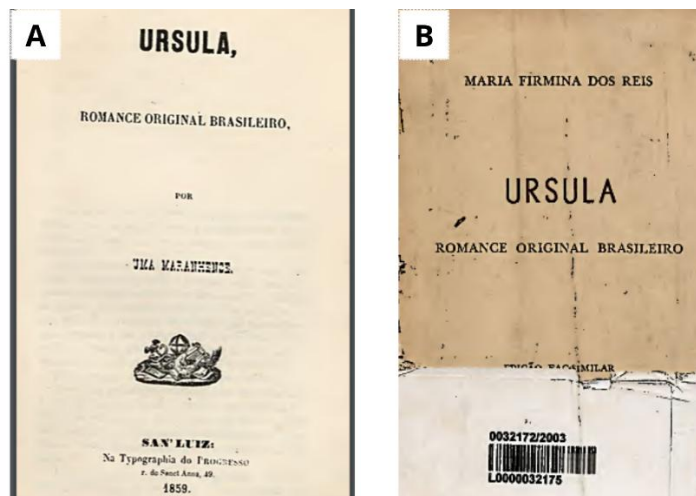
romance do casal apaixonado característico da escola literária em questão (Corrêa, 2025).

A narrativa trabalha então com um entrelace de personagens, cujos contextos se desdobram e revelam aspectos em uníssono, que formam um discurso para denúncia da escravidão, das desigualdades sociais e o questionamento do papel da mulher em uma sociedade patriarcal (Silva, Nascimento; Oliveira, 2021).

Costa; Souza (2023) preconizam que a escrita da Maria Firmina dos Reis costura de tal forma que todos os personagens têm sua relevância assegurada na obra, corroborando assim para o desenvolvimento das narrativas e o entendimento da obra pelo leitor.

Mesmo com tamanha riqueza discursiva, o romance abolicionista de Maria Firmina dos Reis enfrentou um século inteiro de invisibilidade e silenciamento, sendo que sua segunda edição ocorreu apenas em 1975, 116 anos após o seu lançamento original (Adler, 2018). Conforme é apresentado na Figura 4.

Figura 4 – *Úrsula*: A) Primeira edição; B) Republicação após 116 anos



Fonte: Memorial Maria Firmina dos Reis (2026).

2.4 O retrato do negro na literatura brasileira a partir de *Úrsula*

O sentido dos discursos postos em *Úrsula* só pode ser entendido sob prismas adequados, levando em consideração o contexto histórico, social, racial e literário correspondente ao enfoque de sua trama, perante o risco de não extrair desta, sua extensa riqueza literária (Silva; Rodrigues, 2018). Esses prismas configuram-se como a instauração de novas roupagens à modelos antigos, bem como a manutenção da

memória, aspecto indispensável para quem escreve sobre um povo (Costa; Souza, 2023).

O poder que a literatura tem de eternizar discursos, faz possível com que o meio literato cultive autores comprometidos em rechaçar valores que, deturpados ou não, urgem numa determinada realidade social, e outros, que através de suas linhas, ressignificam o antes estabelecido (Tennina, 2021; Ferreira; Silva, 2022). Nesse sentido, Firmina cria, através da literatura, uma identidade negra humanizada, não apenas como uma forma de denunciar a realidade opressiva do período escravocrata, mas tentar reconstruir e oferecer uma nova representação de personagens negros, que até então era impostos pela ideologia colonial (Lima; Costa, 2023).

O romance de Firmina apresenta a vivência dos personagens negros diante do impasse entre as memórias de sua terra ancestral e a realidade à qual foram forçados a se submeter no sistema escravocrata. (Palmeira, 2017). Desse modo, ao falar de suas dores, memórias e experiências, Firmina apresenta histórias e perspectivas que antes eram silenciadas (Silva; Fernandez, 2020).

Em *Úrsula* há duas narrativas sendo contadas, sendo que uma perfaz a típica trama romântica centrada no amor e no sofrimento, e outra, que se caracteriza como narrativa de denúncia e memória (Krachenski, 2018).

Muito da quebra de paradigmas consta no personagem Túlio, que é um dos primeiros personagens considerado como voz antiescravista na literatura brasileira (Silva, Nascimento; Oliveira, 2021). Com personalidade bondosa, humanizada, leal e consciente, ele não se encaixa nos estereótipos vestidos em personagens negros dentro do romantismo brasileiro (Melo, Silva; Souza Junior, 2024).

Apesar de constar como um personagem secundário, muito se pode interpretar sobre a importância do seu papel para trama, tendo em consideração que Túlio relata para Tancredo e o leitor sobre os horrores da violência escravista e o peso da desumanização de pessoas negras no Brasil do século XIX. (Krachenski, 2018).

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena que se lhe ofereceu à vista (Reis, 2018, p. 54).

Nesse sentido, a passagem do livro descreve o estado emocional da figura do negro escravizado e que apesar das condições desumanas, ele manteve-se com a

sua humanidade (Silva, Nascimento; Oliveira, 2021). Ademais, Tulio tinha total consciência social de sua posição como homem negro, e a distância social e racial entre ambos, mesmo assim ao longo do romance eles conseguem criar uma amizade real, embora a sociedade colonial não aprovasse entre um homem branco e um homem negro (Oliveira, 2020).

Então o pobre e generoso rapaz, engolindo um suspiro magoado, respondeu com amargura, malgrado seu, mal disfarçada:
 — A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor
 — continuou —, não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah, escravo é tão infeliz!
 ... tão mesquinha, e rasteira é a sua sorte, que (...) (Reis, 2018, p. 58).

Nota-se nesse diálogo, a inserção de um dos principais aspectos tirados dos escravizados em decorrência da colonização, que o punha como “selvagem” no regime escravocrata, a própria humanidade e excluía a possibilidade de estabelecer vínculos igualitários devido à sua condição de escravizado (Miranda, 2021).

Ao citar o caráter fraterno do personagem Túlio, Firmina vai de encontro ao que Costa; Ehrenberg (2025) afirmam ter sido o projeto para desumanizar o ser negro, que objetivou a transformação destes em seres irracionais, mas não foi capaz de suplantar o aspecto humano de seu interior.

A figura do negro em Maria Firmina é moldada de virtudes, generosidade e sensibilidade, que refutam estereótipos já construídos para justificar a ideologia da escravidão e estrutura o racismo no Brasil (Pereira, 2019).

Outrossim, um traço marcante em *Úrsula* é a presença constante de aspectos que remetem ao passado dos escravizados, suscitando o contexto colonial em clara intenção de cultivar a memória do povo transladado nos navios negreiros (Lira, 2022). Nesse aspecto, tanto o personagem de Túlio quanto o de Susana, entram nesse cenário para subverter o discurso escravista e denotar as consequências impostas pelo colonialismo escravocrata (Pereira, 2022).

Em tom enfático, Túlio adverte:

— Homem generoso! Único que soubeste compreender a amargura do escravo! Tu que não esmagaste com desprezo a quem traz na fronte estampado o ferrete da infâmia! Por que o africano seu semelhante disse: — És meu! — ele curvou a fronte, e humilde, rastejando qual erva que se calçou aos pés, o vai seguindo? Por que o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam escravidão? E entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo (Reis, 2018, p. 66).

A lembrança de uma terra natal, tomada à força do sujeito negro, é evidenciada na fala de Túlio, que enfermo, tem na mente um passado vívido onde a liberdade é tangível, sendo este, portanto, livre no país de origem (Lima; Costa, 2023).

A mesma menção a um passado que destoa do presente é também evidenciada na fala de Susana:

A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou:
— Sim, para que estas lágrimas?. Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade. Ali eu a gozei na minha mocidade! — continuou Susana com amargura (Reis, 2018, p. 120).

Essa fala de Susana assinala o infortúnio de se ver em condição destoante de sua juventude na sua terra natal, além da emoção inevitável da dor das memórias, que Firmina comunica como forma de denúncia do processo de sequestro da escravização (Ferreira, 2022).

Ao preconizarem a questão do sujeito diaspórico, Krachenski (2018), assumem que este atende a uma condição dupla, que é a de estar inserido numa realidade diferente da vivida outrora, e o desejo latente de um regresso esperado.

A simbiose entre Túlio e Susana denota a relação de cumplicidade que atiga o cultivo à memória, sendo preta Susana o ente representativo das lembranças de um povo cativo que carrega em vida traços de sua ancestralidade (Silva; Rodrigues, 2018), ao passo que em Túlio estão depositados a esperança de resistência e reconstrução identitária (Pereira, 2019).

A roupagem que Maria Firmina dá ao papel da mulher negra, também é evidenciado através da figura da anciã que resguarda os saberes de seu povo, distanciando finalmente a imagem da mulher preta sob a ótica fetichização sexual tão presente em obras anteriores (Silva, Nascimento; Oliveira, 2021). Susana relembra sua vida na África antes de ser capturada e escravizada:

Ah, meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade! (Reis, 2018, p. 120).

Firmina dá voz a Susana para mostrar para o leitor que, antes da escravidão, ela tinha casa, família, afeto e liberdade, e que tudo isso lhe foi roubado (Lima; Costa,

2023). Desse modo, junto com a memória de um passado distante que permanece viva, na mente da personagem, denota-se também mais um aspecto discursivo, que é o fato de os personagens negros narrarem em primeira pessoa suas emoções e sentimentos (Miranda, 2021). Logo, esses personagens conseguem evidenciar suas falas por si só, e não através de outros personagens (Corrêa, 2025).

Esse fato soma à singularidade da obra pela quebra de mais um padrão imposto, que é a figura da subserviência do negro para com a elite branca, onde este não tem voz ativa, e é tido como mero objeto que aceita o que lhe vier, sem conhecimento racional do que de fato lhe acontece (Silva; Rodrigues, 2018). Firmina não só denota esse sujeito como ser consciente, quanto critica a realidade em que está inserido que é o da sociedade escravocrata (Costa; Ehrenberg, 2025).

O fato de uma escravizada denominar como bárbaros os seus escravizadores, põe em xeque a verdadeira noção de barbárie e rompe com o discurso da lógica eurocêntrica (Oliveira, 2019), questionando a crueldade do sistema escravagista como os verdadeiros bárbaros (Mendes, 2014).

Santos (2022) corrobora essa discussão ao citar que nos momentos em que são narrados os detalhes lacerantes do sequestro, captura e perda de liberdade mediante as memórias dos personagens negros, Firminina volta-se para a irracionalidade do sujeito opressor, bem como todo o processo escravagista.

Não obstante, ao mostrar falas que comprovam a prática desumana da escravidão, Firmina costura argumentos que corroboram a decadência do sistema escravocrata, considerando incompatível com a ideia moderna de progresso (Tennina, 2021; Ferreira; Silva, 2022). Nesse sentido, uma das falas mais enfáticas do protagonista Tancredo, que mesmo sendo branco, declara em tom veemente:

— Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio — interrompeu o jovem cavaleiro. — Dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante (Reis, 2018, p. 58).

Assim, através de *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, traz novas lentes sobre personagens negros, através do processo de produção literária, construindo visibilidade positiva perante a figura do escravo estereotipado nos livros da época no contexto de um Maranhão segregado nos crivos de raça, classe e gênero (Lima; Costa, 2023; Santos, 2016).

Ao ser indicada a viabilidade de atitudes políticas na escrita de Firmina, e um posicionamento visível sobre as vozes silenciadas das vítimas do sistema escravagistas, a escritora promove o discurso em combate à desigualdade, trazendo-o a partir de sua própria fala nas narrativas meios para inserir na literatura brasileira a perspectiva da escrita de uma mulher negra (Miranda, 2021).

2.5 A literatura como forma de compreensão e reflexão sobre a sociedade

Uma das principais conclusões a que se chega com a análise de obras como a de Firmina, é que a literatura é composta não apenas de um, mas vários discursos que dão aos livros, sentidos que transpassam o puro ato de escrever ou ler (Miranda, 2021).

Todo o arcabouço investido numa produção literária permite então que se fale na literatura sob a perspectiva de suas múltiplas funcionalidades, tendo em vista que assim como as demais ferramentas desenvolvidas por humanos ao longo dos tempos, a narrativa escrita também serve para transmitir ideias (Carvalho *et al.*, 2025).

Alfarhan (2024), fala que desde os primeiros escritos até aos romances contemporâneos, a literatura vem funcionando simultaneamente como espelho e lente, ao passo que reflete realidades existentes e ecoa histórias, memórias e experiências ao longo do tempo.

Por isso, o livro pode contribuir como ferramenta para o estímulo da consciência coletiva, uma vez que, propicia informações relevantes no processo de construção de discursos que influenciam a forma como uma sociedade pensa e se comporta (Souza, Beltrame, 2024).

Levando em consideração como ponto de partida as ideias construídas na obra de Maria Firmina dos Reis, ainda que, como consta Pereira (2019), a autora provavelmente não tivesse uma noção apurada do impacto que sua obra causaria⁶⁶, a escritora, como denota Santos (2023), tornou possível com seu pioneirismo, o despertar social para o questionamento e reflexões de temas importantes na literatura, como o abolicionismo e as mazelas do sistema escravagista.

Assim, *Úrsula* e tantas outras literaturas produzidas dentro e fora do território nacional, são o que Ribeiro (2023) conceitua como representações escritas das

⁶⁶ Percepção evidenciada no prólogo da citada obra, onde a autora alega que por ser mulher, seu escrito valeria menos do que outros (Reis, 2018).

vivências humanas que, como sugere Souza; Betrame (2024), refletem as tramas culturais e sociais do espaço em que está sendo produzida.

Nesse sentido, é comum perceber que dentro da literatura é possível capturar traços do tempo em que a autora se encontra, refletir realidades e problemas da sociedade, como também pode contribuir na reconstrução da visão sobre temas presentes no mundo (Souza, 2018). Nesse cenário, é importante entender que a consciência humana não surge de forma isolada, uma vez que, que ela depende das relações históricas, culturais e sociais do grupo em que uma pessoa esteja inserida (Bianconi, 2022). Isso está em consonância com o estudo de Keromnes *et al.* (2019), em que evidenciam a maneira pelo qual cada pessoa consegue ter a percepção de si mesmo, não nasce também de forma isolada.

Desse modo, as narrativas e vivências compartilhadas em grupos sociais ao qual pertence, pode influenciar ou nortear comportamentos dentro de uma sociedade (Silva, Colvero; Knack, 2020). Conforme Euzébios Filo; Guzzo (2015) atestam que a consciência não é outra coisa, senão a resultante de um processo histórico social cujo amadurecimento se deu ao longo do tempo através das interações sociais humanas.

Por outro lado, cada pessoa só pode responder pela consciência de si mesmo dentro de uma consciência coletiva (Oliveira; Venera, 2024).

Silva; Martiniak (2013), dentro do processo de identificação social, a leitura aparece como uma possível atividade que alimenta as conexões entre pessoas, a ampliação de percepções e o aumento do estímulo para o despertar de uma consciência social.

Masnawati; Kurniawan (2022) adjetivam que a leitura é uma ação revolucionária no sentido de que é através desta que os agentes sociais serão autônomos, reflexivos, humanos e sobretudo, mais críticos perante o mundo que lhes é tangível. Consequentemente, os diversos tipos de literatura põem-se como ferramenta de metamorfose social (Thumala Olave, 2021).

Puchner (2019) elenca que a escrita literária constitui um espaço oportuno para aprendizagem, onde ficam guardadas as experiências humanas, transformadas pela linguagem literária em formas de entendimento.

Se por um lado, o papel da literatura na consciência social faz um meio pela qual o homem produz e se coloca ante o conhecimento, por outro, o leme identitário suscitado nesses termos, dá-se pelo que Dadico (2017) categoriza enquanto um processo de individualização reflexiva.

A individualização reflexiva inicia-se e é gerida quando os escritos literários suscitam no leitor, um processo de identificação com aquilo que é lido, vê-se refletido nas páginas, e põe-se enquanto sujeito consciente e reflexivo no contexto do discurso que quer transmitir (Silva, 2019).

Em síntese, ao entrar em contato com um texto, o leitor tem a chance de conhecer modos de viver, experiências e perspectivas diferentes das suas, porque a leitura oportuniza novos sentidos ao mundo e a si mesmo (Bandeira; Portilho, 2020).

A conceituada escritora Conceição Evaristo (2020) chama de “escrevivências”, quando a escrita assume o papel de denotar todo um constructo de experiências das mulheres negras, articulando vida e obra numa narrativa ímpar, muitas vezes, denunciante.

Assim, o contato com o conjunto de “escrevivências” postas na escrita literária seja ela ficcional ou não, ocasionam um encontro do indivíduo com narrativas e identidades que lhes são próprias, intrínsecas (Souza; Betrame, 2024).

Dentro do constructo do estudo que se discute a interrelação de literatura e discursos sobre raça e gênero, é importante que se denote o quanto seu papel é crucial na missão de formar cidadãos compromissados com uma consciência racial e social destoante dos discursos históricos estereotipados sobre a negritude e consequentemente, sobre práticas segregacionistas (Thomas; Pereira, 2023).

Se a literatura tem múltiplos papéis dentro na sociedade que está inserida (Souza; Betrame, 2024), um deles está diretamente relacionado ao seu poder de transformação social, gerindo mudanças que à curto ou longo prazo, reverberam nas tessituras sociais existentes (Carvalho *et al.*, 2025).

O caso de *Úrsula*, assim como de outras obras literárias produzidas com intenções sociais dialoga diretamente com o repensar de identidades e transformações sociais através da leitura (Dalcol; Alós, 2019; Vieira, 2024).

2.6 Educação antirracista e o ensino de literatura

Uma discussão sobre o papel social da literatura ante a construção de uma sociedade mais equânime, não pode se estender sem uma pauta educativa, sendo ambas, educação e literatura, agentes indissociáveis na construção do saber (Wahyuni *et al.*, 2024).

Inserir a educação num contexto de raça não se trata apenas de uma simples

reparação histórica onde a narrativa sobre a cultura negra pende de forma estática (Santos; Voss, 2025). Mas, fazer com que esta assuma a veia ativa e revolucionária onde o cidadão leitor se faz crítico ante sua realidade (Lucy *et al.*, 2025).

De igual forma, é importante se reiterar a dinâmica que a própria educação nacional assumiu ao longo dos tempos em termos de raça, pois se a educação antirracista é tão respaldada nos currículos educacionais contemporâneos, também foi precedida de estereótipos embasados pela própria ciência (Barros, 2022).

Ao abordar a educação de cunho antirracista é, sobretudo, romper as heranças de uma educação anticolonialista, à medida que a narrativa da cultura negra vai sendo posta de maneira homogênea e íntegra, à partir das narrativas estereotipadas que há muito urgiram no contexto das africanidades presentes no Brasil (Santos, Aguiar; Silva, 2023).

A discussão em termos de “colonialidade” e seus derivados no âmbito atual, se justifica pelo fato de que ainda que o Brasil não seja mais colônia, as características de poder alicerçadas na dinâmica maioria versus minorias, cuja a população afrodescendente está inserida, ainda perpetuam na sociedade brasileira (Silva; Araújo, 2023).

Marchesan; Guerber; Licnerski (2025), considera assim que a colonialidade subsiste no contexto da modernidade, à medida que rege os sistemas desta, alicerçando passado e presente num tipo de poder que Silveira; Nascimento; Zalembeza (2021) explica como sendo capaz de guiar comportamentos sociais sem a resistência dos indivíduos, os conduzindo a reproduzirem preconceitos.

Oliveira; Pedroza; Paulino (2023) afirmam que na área da educação, as instituições escolares vêm a propagar esse poder à medida que dissemina o chamado racismo institucional na sua práxis que favorece discriminações que sustentam aspectos pejorativos e discriminatórios sobre a cultura negra.

Em linhas claras, as escolas, como instituições sociais, não são neutras (Nogueira; Nogueira, 2002). Logo, se a sociedade é racista, a escola pode, consciente ou inconscientemente propagar preconceitos (Braúna; Souza; Sobrinha, 2022). Desse modo, não é possível falar de luta contra o racismo sem denotar o papel da escolar nesse entorno (Costa, Arruda; Cadoná, 2024).

Silva; Paixão (2025) cita que ao longo das duas últimas décadas, vem se verificando um esforço contínuo das instituições brasileiras em adaptar o ensino ofertado ao modelo de sociedade vigente nos tempos atuais, o que possivelmente

sinaliza com uma educação em ritmo de novas perspectivas e evolução.

Essa mudança paradigmática e profunda em que o Brasil passou a entender melhor a sua história, cultura e identidade respingou no processo educacional e no aparato jurídico, ao longo dos anos (Bezerra, 2021). Isso pode ser observado na criação da Lei 10.639/03, que outorgou a adesão do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas de nível fundamental e médio no Brasil (Fortunato; Pereira, 2025; Camata; Costa, 2021).

Neste viés, a literatura também passou por uma mudança profunda de perspectiva, pois no passado, muitos livros reforçavam estereótipos e representações negativas sobre pessoas negras, logo essas obras contribuíam para a manter preconceitos (Corrêa Junior, Souza; Bernd, 2010; Santos, 2015; Barros, 2018).

Bassete; Santana; Batista (2023) afirmam que mudanças curriculares fomentam a luta pedagógica em prol do ensino antirracista, à medida que conduzem a educação rumo a ressignificação social diante de séculos de preconceitos, estereótipos, segregação e exclusão em espaços educacionais e sociais.

Por outro lado, a literatura pode exercer o papel de válvula de resgate de histórias, memórias e experiências que foram apagadas ou silenciadas ao longo do tempo (Silva, 2020; Ramalho, 2023; Duarte, 2024), assumindo assim a Incumbência de ser um agente de transformação, capaz de mudar a forma como grupos e indivíduos são representados em suas próprias narrativas (Dourado; Camargo, 2023). Soares; Rocha (2025) acentuam que um currículo escolar multicultural incorpora a pluralidade no país, conciliando saberes ancestrais e todo o constructo histórico narrativo que constitui o Brasil, sendo sua natureza um projeto de cunho político e pedagógico, rumo ao respeito e valorização das identidades brasileiras.

Contudo, como toda metamorfose conjuntural, o ensino de literatura afro-brasileira nas escolas ainda segue seus desafios (Silva, 2023; Moura, 2023). Tem proeminência a falta de instrução educacional apropriada de professores nesse entorno, bem como a resistência de alguns setores da sociedade em defesa de uma cultura menos heterogênea (Silva, 2023; Medeiros; Rezende, 2024).

No que tange a esta primeira problemática, Barbosa; Magalhães; Ordóñez (2022) denotam que a literatura vai muito além de apenas transmitir conteúdos escolares de maneira apenas teórica e sem envolvimento. Isso acontece quando a literatura não consegue exercer seu papel de despertar a sensibilidade, reflexão e humanização dos estudantes se suas aulas forem reduzidas a um sistema meramente

mecanizado (Fischer; Silva, 2018).

Outrossim, o ensino de literatura deve assinalar seu processo de descolonização através, também, da revisão dos cânones literários escolares adotados durante o planejamento curricular (Sá, 2021), que poderia incluir mais autores afro-brasileiros nas atividades de leitura em sala de aula (Bassete; Santana; Batista, 2023).

Esse feito requer então um trabalho apurado com a didática, afim de que as potencialidades da literatura afro-brasileira se façam cumprir na prática (Conceição *et al.*, 2025). É insuficiente que os conteúdos sejam inseridos nos currículos escolares sem uma metodologia assertiva, sendo necessário uma atenção redobrada dos docentes quanto a forma de trabalhar tais conteúdo (Medeiros; Rezende, 2024).

A didática, como ciência voltada para os estudos visando as melhores formas de ensinar e aprender, há ser posta da maneira mais ampla possível, o que significa que não pode se limitar apenas ao conteúdo escolar ou aos métodos tradicionais de ensino (Silva, Lira; Ruela, 2024; Batista; Cunha, 2021). É fundamental que os professores tenham em mente a importância de compreender os alunos como seres inseridos em um ambiente real, com histórias e vivências próprias, incluindo e adaptando ao processo de ensino (Pereira; Teixeira, 2024).

Desse modo, alunos negros encontram na leitura formas de se sentir-se representados com vozes e narrativas que reflitam sua própria existência (Rodrigues, 2024; Timbane; Santos, 2022; Leonardeli, Castro; Meireles, 2024).

Para além do currículo, os docentes precisam também se prepararem para visualizar a sociedade de forma mais ampla e pluralizada (Pereira; Teixeira, 2025; Semião *et al.*, 2023; Guerch, 2019). Pois não cabem no mundo contemporâneo apenas professores que se limitam ao domínio de conteúdo, e não identificar injustiças sociais, além de agir de modo consciente dentro do processo educativo (Fernandes; Andrade, 2020; Seidel; Bentley, 2025).

2.7 Formação crítica como pilar na preparação de professores

Por meio da educação é possível construir discursos e práticas que comunguem com uma sociedade mais igualitária, justa e equilibrada (Martins; Jesus, 2024; Lamsal, 2024; Maher *et al.*, 2024). Aliado a isso, no Brasil a Constituição Federal (CF) de 1988 em seu artigo 205, estabelece que a educação é um direito de todos e

dever do Estado e da família, além de que no inciso terceiro onde fala em princípios do ensino determina que a educação promova pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (Brasil, 1988). Logo, por isso o direito à educação aos alunos coincide com o direito a que lhe seja garantido a oportunidade de estudar e desenvolver-se de modo não discriminatório (Mendes, 2023; Santos, 2025).

Nesses termos, o direito à educação, na verdade, não é algo limitado apenas ao ato de ensinar conteúdos escolares, até porque também é um meio de oportunidade de criação de espaços e ferramentas que impulsionam o pleno desenvolvimento dos seres humanos, permitindo assim uma sociedade mais justa e pacífica (Sahoo; Divi, 2023). Consequentemente, a educação torna-se uma força motriz para a realização dos direitos humanos e humanizados (Schinkel *et al.*, 2023), além de possibilitar o progresso social e a liberdade (Aguilar; Pinheiro, 2024).

Sob a ótica da formação individual, é através da educação, e primordialmente, a qualidade desta, que sustentará ações concretas e habilidades que guiam os seres humanos a atuar de maneira reflexiva, crítica e consciente dentro da sociedade (Soares *et al.*, 2024; Tavares, 2009).

Quando se fala em criticidade como pilar da formação docente, não se destaca outra questão, senão a habilidade de suscitar nos futuros professores, os mecanismos certos para que sua atuação em sala de aula desperte a consciência social esperada para as verdadeiras transformações no meio; não somente nos alunos (Prado, 2025).

Se a escola tem papel ímpar e crucial na disseminação e na ruptura de paradigmas, as universidades desempenham maior importância, uma vez que, são nesses espaços que o indivíduo consegue desenvolver uma consciência crítica mais ampla, questionadora e participativa como agente de mudanças em diversas áreas de atuação, seja na própria instituição ou na sociedade (Moodley; Chetty, 2024; Silva, 2011).

Se hoje se pondera, uma sociedade mais diversificada, conscientemente aberta às diferenças e pluralidades do meio, isso implica reconhecer também que os professores demandam uma contribuição na promoção de ações que propiciem reflexões e estimulem a consciência social (Ketko, 2017; Heinz, Rory; Keane, 2025).

Falar dessa mudança é possível, pois Halliday; Bockler (2025) delimita que os seres humanos são capazes de dar novos sentidos às coisas e transformar sua visão de mundo, a depender de como ocorre seu processo de formação crítica. É no interim desse processo formativo, pois, que será delimitado o tipo de sujeito que será formado

(Pöllänen *et al.*, 2023).

Schwertner (2017) preconiza que o papel das escolas e universidades é gerir uma educação interventiva, ou seja, com influência direta no desenvolvimento humano e como ele situará a si próprio no seu meio.

No entanto, conforme assinala Van Beveren *et al.* (2018), o ensino universitário encontra-se com sérios dilemas quanto a sua capacidade de produzir conteúdo reflexivo, instigadores e problematizadores, com vista ao conjunto de responsabilidades que as instituições educativas do ensino superior têm diante do processo educativo e formativo.

Em muitos momentos a universidade deixa de cumprir o papel de formar indivíduos reflexivos e construtores do saber, tornando-se um espaço onde o ensino se limita à repetição mecânica e obsoleta de conteúdo (Souza; Pucci; Ferreira, 2025; Pasqualin, Lavoura, 2020).

Nas práxis educativas, o conceito “educação bancária”, termo elaborado pelo educador Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do oprimido* (1987) descreve a relação dual entre professor e aluno que transcorre de forma estática, engessada, voltada para o repasse de conteúdos e não na produção do saber verdadeiro (Govender, 2020; Freire, 1987; Santos, 2022).

Na interpretação de Oliveira (2021), é o tipo de educação onde a figura do professor é tida como a única fonte de conhecimento, sinónimo de autoridade e poder, enquanto à do educando limita-se ao papel de receptáculo passivo, alguém do que realmente poderia vir a ser, mas não foi.

Em termos de criticidade, Bem; Silva; Reges (2021), a educação bancária por trabalhar com uma visão monocultural, acaba limitando a diversidade de saberes e não abre alas para diferentes perspectivas socioculturais e representações históricas, essenciais para a formação crítica.

Nesse viés, Nicoson; Teixeira; Mårtensson (2024), suscitam o uso de uma literatura pautada numa pedagogia crítica, cujo objetivo seria despertar educadores conscientes e engajados em promover práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras.

Esse modelo de abordagem casa com os preceitos freirianos sobre educação libertária, uma vez que, direciona os sujeitos para ações reflexivas onde o diálogo educacional não faz-se apenas na abordagem de teorias e conceitos estáticos, mas problematiza o contexto de elaboração desses termos, e principalmente, sua

intencionalidade e aplicabilidade na práxis dos sujeitos (Araújo *et al.*, 2022)

O conceito de práxis em Freire é sinônimo de autonomia ação crítica e, sobretudo, reflexão, por isso se discute a ideia de uma educação com vista à emancipação (Rodrigues, 2024; Mayo, 2021; Serpa *et al.*, 2021), no sentido mais amplo possível, onde não somente as instituições, mas todos os agentes sociais seriam libertos do que restringe sua identidade e representatividade no meio (Medeiros, 2021).

Clark; Grieshaber (2024), explica que é fundamental que os professores tenham espaço para pensar, questionar e debater ideias de maneira livre e crítica. Desse modo, a educação libertadora é indissociável do diálogo responsável para a ruptura das contradições paradigmáticas que regem professor e aprendiz, onde esse primeiro se apropria do seu papel transformador através estímulo à criticidade, e o segundo se beneficia desse feito, repensando e se colocando ativamente na produção de conhecimentos (Assis *et al.*, 2025).

Para isso, professores em processo de formação precisam ter liberdade intelectual e consciência social para poder disseminar um ensino de qualidade comprometido em respeitar a diversidade humana, pluralidade cultural, a justiça social e a transformação da sociedade (Seidel; Bentley, 2025; Cezar, 2024).

Assim, docentes universitários precisam se manter à par dessas mudanças conjunturais, tendo em vista a responsabilidade que têm como futuros formadores de opiniões e mentalidades nos seus eixos de atuação (Abrahão, Diego; Móstoles, 2024; Markauskaite, Carvalho; Fawns, 2023). Isso porque não basta conhecer os conteúdos da área de atuação, logo, é necessário compreender também os novos desafios que influenciam o processo de ensino e aprendizagem.

3 METODOLOGIA

A pesquisa científica é uma atividade sistemática voltada para o estudo abrangente de um objeto ou fenômeno, a fim de obter novos conhecimentos, identificar padrões e desenvolver recomendações práticas e teóricas (Barros; Lehfeld, 2008). Dentro das modalidades de pesquisa científica, o estudo de campo se destaca como um dos mais importantes (Guerra, 2024). Segundo Gil (2002), o estudo de campo são pesquisas que tem como pilar norteador um conjunto de etapas de investigação em que envolvem observações in loco, entrevistas e análise de documentos.

Além disso, considera-se que pesquisas que adotam métodos mistos combinam procedimentos quantitativos e qualitativos no mesmo estudo; isso ocorre quando se deparam, geralmente, com um problema de pesquisa que demonstra maior grau de complexidade e maior necessidade de compreensão sobre um determinado tema (Trigueiro et al., 2014).

Por outro lado, o estudo de Gil (2008) fala que temas sociais são comumente utilizados em pesquisas tanto exploratória quanto descritiva para descrever características ou comportamentos de uma população ou situação. Desse modo, a aplicação de questionário é uma das abordagens eficazes para análise e observação do objeto de estudo. Neste sentido, Marconi; Lakatos (2021), descreve que o questionário é um instrumento de coleta de dados comum em pesquisas científicas que envolve o envio de perguntas aos participantes, de modo dinâmico essas respostas são obtidas em um intervalo de curto de tempo.

3.1 Caracterização da pesquisa

Tratou-se de um estudo de campo, de abordagem mista, com caráter exploratório-descritivo, que utilizou levantamento de dados por meio de questionário on-line para investigar as percepções de estudantes do curso de Licenciatura em Letras – Português sobre a representação de personagens negros na obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. A análise foi conduzida conforme o estudo de Ferreira (2022).

3.2 População

A amostra foi composta por estudantes do curso de Letras da Universidade

Federal do Pampa (UNIPAMPA), ofertado na modalidade Educação a Distância (EaD), matriculados em diferentes períodos semestrais. Com base no relatório do sistema GURI da UNIPAMPA, observou-se que o curso de Letras – Português na modalidade EaD apresenta um total de 431 estudantes matriculados no 1º semestre de 2026. Esses dados foram obtidos por meio do Portal do Aluno, sistema institucional responsável pela gestão e organização das informações acadêmicas da universidade.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram: ter idade entre 18 e 60 anos e estar regularmente matriculado no curso de Letras EaD da UNIPAMPA. A amostragem foi do tipo não probabilística por conveniência, considerando a disponibilidade e o interesse dos estudantes em colaborar com esse estudo. A amostra final foi composta por 33 participantes. Foram garantidos o anonimato e a confidencialidade das informações, sendo os dados obtidos utilizados exclusivamente para fins científicos.

3.3 Coleta de Dados

Inicialmente, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos de participação, os possíveis riscos e benefícios, bem como sobre o caráter voluntário de sua participação nesse estudo. Também foi apresentado o Termo de Confidencialidade, assegurando que as informações fornecidas seriam utilizadas unicamente para a execução dessa pesquisa. Após a leitura e concordância com os termos, os participantes tiveram acesso ao questionário.

Nesse cenário, a coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online, elaborado na plataforma *Google Forms* e organizado em dois blocos temáticos: O primeiro bloco, denominado caracterização dos participantes e perfil leitor, reuniu questões sociodemográficas e acadêmicas. Além disso, contemplou questões relacionadas aos hábitos de leitura, frequência de leitura de literatura afro-brasileira, motivações para a leitura, participação em disciplinas que abordaram durante o processo de ensino sobre a literatura afro-brasileira.

No segundo bloco, intitulado “Percepções sobre a Literatura Afro-Brasileira e a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis”, foi subdividido em três partes: A Parte A – Contato com a obra *Úrsula* buscou identificar o nível de familiaridade dos participantes com esse romance. Para isso, foram incluídas questões sobre a leitura da obra, cujas opções de resposta eram: “li integralmente”, “li parcialmente”, “conheço

a obra, mas não a li” e “não conheço a obra”. Também foi investigado o contexto em que ocorreu o contato com a obra, considerando alternativas como: em alguma das disciplinas do curso de Letras, leitura individual, projetos de ensino, pesquisa ou extensão, eventos ou grupos de leitura, além das opções “não tive contato com a obra” e “outro”.

A Parte B – Percepções sobre literatura afro-brasileira e formação docente teve como objetivo analisar as concepções dos estudantes a respeito da presença e da relevância da literatura afro-brasileira na formação inicial de docentes. Foram apresentadas afirmações relacionadas à suficiência da abordagem da literatura afro-brasileira na formação docente, à necessidade de ampliação de seu espaço nos cursos de licenciatura, à sua contribuição para a formação crítica dos estudantes, à importância da inserção de autores afro-brasileiros no currículo, ao potencial dessa literatura para a promoção de uma educação antirracista, ao combate ao racismo por meio da literatura e à relevância das discussões sobre relações étnico-raciais e diversidade cultural na formação do curso de Letras.

Já na Parte C – Percepções sobre a obra *Úrsula*, buscou compreender as avaliações dos participantes desse estudo acerca das contribuições dessa obra para a reflexão sobre temas como o racismo, a escravidão no Brasil, as relações raciais, a desigualdade social e a formação dos estudantes de Letras. Além das questões objetivas, foi incluída uma pergunta discursiva: “Na sua percepção, a partir da leitura do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, quais são as contribuições de sua leitura para a literatura brasileira e/ou afro-brasileira e para uma educação antirracista?”.

Vale ressaltar que, as questões das Partes B e C foram estruturadas com base em uma escala Likert de cinco pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Essa estratégia possibilitou a quantificação das tendências de percepção dos participantes em relação aos temas que foram utilizados nessa pesquisa. Para a elaboração dos itens, adotou-se como referência metodológica o estudo de Kowalczyk, Oliveira e Vasques (2021).

3.4 Procedimentos Metodológicos

A dinâmica do estudo ocorreu em três momentos. No primeiro, foi realizado um pré-teste presente no primeiro bloco, que consistiu na aplicação de algumas questões

acerca da literatura afro-brasileira, com o objetivo de verificar o nível de conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema. No segundo momento, foi aplicado o questionário principal da pesquisa presente no segundo blog, com o intuito de identificar as percepções dos estudantes sobre os personagens negros da obra analisada. No terceiro momento, os dados foram analisados e interpretados, sendo apresentados por meio de gráficos.

A aplicação dos questionários ocorreu após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pampa, conforme a Resolução CNS nº 466/2012, sob Parecer nº 8.454.505, e mediante a concordância dos participantes, expressa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados ocorreu no mês de junho de 2026. Foram consideradas como categorias de análise os seguintes aspectos: caracterização literária dos personagens negros na obra *Úrsula*, contexto histórico da obra, crítica social e racial, frequência de leitura de obras afro-brasileiras, grau de identificação com personagens negros e importância da obra literária para o debate sobre a literatura afro-brasileira e para o combate ao racismo.

3.5 Aspectos éticos, riscos e benefícios

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), por meio da Plataforma Brasil, sob o Parecer nº 8.454.505, em conformidade com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012 e nº 510/2016. Todos os participantes manifestaram sua concordância mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo-lhes assegurados o anonimato, a confidencialidade das informações, a participação voluntária e a possibilidade de desistência da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Os riscos envolvidos foram considerados mínimos, restringindo-se à possibilidade de desconforto emocional decorrente de reflexões relacionadas ao racismo, às desigualdades sociais e às representações de personagens negros na literatura, bem como ao risco mínimo de exposição de dados inerente às pesquisas realizadas em ambiente on-line. Tais riscos foram minimizados mediante a garantia do anonimato, a liberdade para não responder às questões que pudessem causar

desconforto e a utilização exclusiva dos dados para fins acadêmicos.

Embora não tenham sido previstos benefícios diretos aos participantes, a pesquisa proporcionou benefícios indiretos ao estimular a reflexão crítica acerca da representação de personagens negros na literatura brasileira, favorecendo a valorização da literatura afro-brasileira, a sensibilização para as questões raciais e o fortalecimento de práticas educativas antirracistas. Ademais, contribuiu para a ampliação dos estudos sobre literatura afro-brasileira e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e comprometidas com a promoção da equidade racial.

3.6 Análise de dados

As respostas obtidas nas perguntas abertas foram submetidas à análise de conteúdo, conforme os procedimentos estabelecidos por Flick (2009). Os dados quantitativos foram analisados no programa BioEstat 5.3 (Ayres et al., 2007). Para a caracterização da amostra e a análise das respostas ao questionário, foram utilizadas estatísticas descritivas, com apresentação de frequências absolutas (n) e relativas (%), bem como a elaboração de tabelas e gráficos. Vale ressaltar que, a consistência interna dos itens das escalas do questionário foi avaliada por meio do coeficiente Alfa de Cronbach, conforme recomendações de Ozdemir, Koc e Gundogdu (2018). Além disso, o cálculo foi realizado de modo separado conforme os blocos da pesquisa e as afirmações em escala Likert referentes aos temas: literatura afro-brasileira e à obra *Úrsula*, considerando apenas as respostas válidas para cada conjunto de itens.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização dos participantes e o perfil leitor

A pesquisa contou com a participação de 33 estudantes do curso de Letras Português EaD matriculados em 2026 na UNIPAMPA. Considerando que, em 2026, o curso possuía 431 alunos matriculados, conforme relatório institucional, a amostra corresponde a aproximadamente 7,7% do total de estudantes.

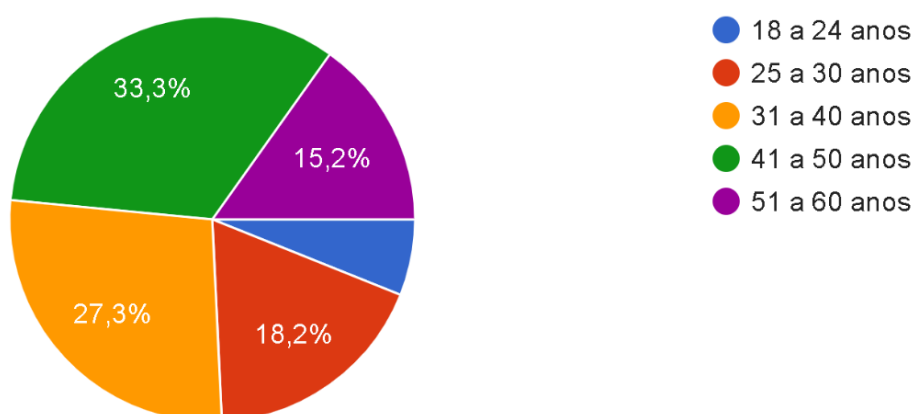
Ademais foi realizada uma análise da consistência interna das escalas conforme o coeficiente Alfa de Cronbach. O bloco de afirmações referente à literatura afro-brasileira apresentou $\alpha = 0,771$, indicando boa consistência interna entre os sete itens analisados. Segundo o estudo de Souza; Alexandre; Guirardello (2017), os valores de referência para boa consistência interna são $0,70 \leq \alpha < 0,80$.

Já o bloco de afirmações relacionado à obra *Úrsula* apresentou $\alpha = 0,942$, indicando excelente consistência interna entre os seis itens avaliados. Conforme o estudo de Tavakol; Dennick (2011), resultados que apresenta Alfa de Cronbach de 0,942, indicam excelente consistência interna, apresentando assim expressiva confiabilidade das respostas obtidas na pesquisa.

Vale dizer também que, o cálculo do bloco 2 foi realizado apenas com os participantes que responderam todas as afirmações em escala Likert, desse modo foram excluídas as respostas "Não tenho elementos suficientes para avaliar ou Não li a obra", por não integrarem a escala de concordância desse teste.

A participação dos entrevistados é essencial para a realização de uma pesquisa científica na área da educação (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2023). Levando em consideração essa afirmação, a análise dos dados sociodemográficos e das percepções dos participantes da pesquisa permitiu compreender como os futuros professores reconhecem a importância da literatura afro-brasileira, seu potencial no enfrentamento ao racismo e as contribuições da obra *Úrsula* para a formação de uma educação antirracista. Desse modo, os critérios de inclusão utilizados foram: alunos que estivessem regularmente matriculados no curso de Letras – EAD da Unipampa e tivessem entre 18 e 60 anos de idade. Conforme é apresentado na Figura 5.

Figura 5 - Faixa etária dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

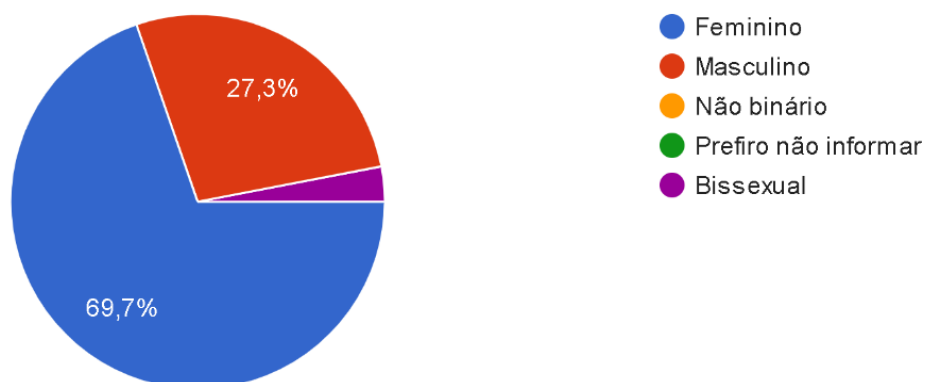
Quando os participantes desse estudo responderam sobre a faixa etária, observou-se predominância de estudantes com idade entre 41 e 50 anos (33,3%; $n=11$), seguida pelas faixas de 31 a 40 anos (27,3%; $n=9$), 25 a 30 anos (18,2%; $n=6$) e 51 a 60 anos (15,2%; $n=5$). Os participantes com idade entre 18 e 24 anos representaram a menor parcela da amostra (6,1%; $n=2$).

Esses resultados revelam a presença expressiva de estudantes adultos, indicando que a modalidade EaD tem possibilitado o acesso ao ensino superior para pessoas que, muitas vezes, conciliam estudos, trabalho e outras atividades. Resultados similares foram encontrados no estudo de Godoi (2016) em que foi evidenciado que em sua pesquisa científica sobre o ingresso nas universidades mediante sistema EaD a maioria dos participantes eram compostos por pessoas adultas.

Além disso, segundo Zonta; Zanella (2022), os universitários adultos estão cada vez mais participando do ensino superior, mesmo em circunstâncias diversas que exigem também responsabilidades como o trabalho. Os autores afirmam que houve uma ampliação do acesso ao ensino superior, permitindo que pessoas de diferentes idades ingressem nas universidades do Brasil.

Outro aspecto importante avaliado foi quanto ao gênero. A pesquisa salientou a termo “identificação de gênero”. Logo, os participantes poderiam assinalar segundo suas próprias concepções, apresentado na Figura 6.

Figura 6- Distribuição dos participantes por identidade de gênero

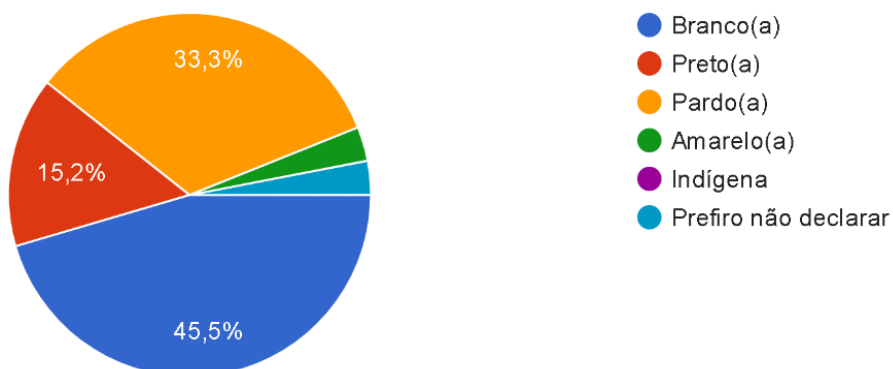


Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Sobre esse aspecto sociodemográfico, verificou-se a predominância do gênero feminino, correspondendo a 69,7% dos participantes (n=23), enquanto os estudantes do gênero masculino representaram 27,3% (n=9). Apenas um participante respondeu alternativa outro (3,0%). Esse resultado aponta que as mulheres participaram em maior quantidade do que os homens. Isso é perceptível também, em outros estudos como os achados da pesquisa de Nunes; Pire; Maia (2020) que foi realizado com 197.625 estudantes de cursos de licenciatura no Brasil; demonstrou que há uma maior tendência quantitativa de mulheres em cursos de formação de professores.

Com relação à identificação étnico-racial, a maioria dos participantes declarou-se branca 45,5% (n=15), seguida por participantes pardos 33,3% (n=11) e pretos 15,2% (n=5), conforme a Figura 7. As categorias indígenas e “prefiro não declarar” apresentaram frequência reduzida, correspondendo a aproximadamente 3,0% (n=1) cada.

Figura 7- Distribuição dos participantes quanto a identificação étnico-racial



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Esses dados demonstraram que há diversidade étnico-racial entre os estudantes participantes da pesquisa. Por outro lado, o percentual maior ainda é constituído por pessoas que se identificam como brancas.

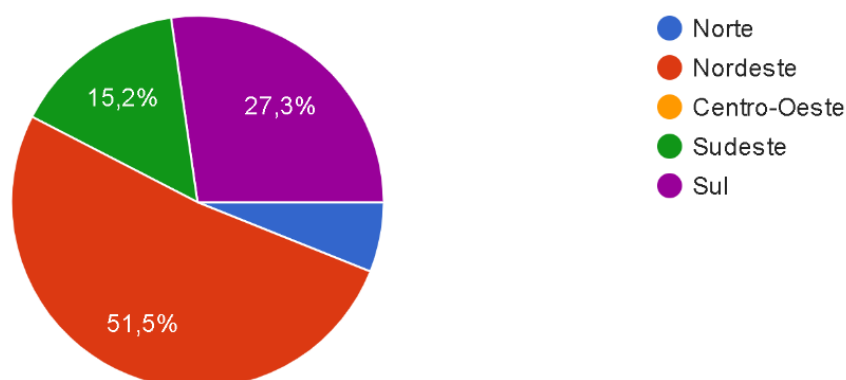
O estudo de Guimarães (2003) aponta que o número de estudantes negros e pardos em universidades públicas é inferior a quantidade existente na população brasileira. Estudos mais recentes, como o de Silva (2021), apontou que as desigualdades raciais ainda persistem nas universidades públicas no Brasil.

Entre as possíveis causas que levam a esse déficit são descritas por Ribeiro; Mendes (2023), em seu estudo os autores explicam que as políticas de ações afirmativas ampliaram o acesso, contudo, alguns outros obstáculos dificultam que esses alunos consigam ingressar no ensino superior, entre elas, o racismo institucional, o sentimento de não pertencimento ao ambiente universitário e as desigualdades socioeconômicas acumuladas historicamente.

Em relação à região de residência 51,5% (n=17) responderam que são moradores da região Nordeste, 27,3% (n=9) da região Sul e 15,2% (n=5) da região Sudeste, ilustrado na Figura 8. Vale ressaltar que a região Norte apresentou participação menor, com aproximadamente 6,0% dos respondentes (n=2), enquanto não houve registros de participantes residentes na região Centro-Oeste.

Esse resultado sugere que, embora a UNIPAMPA esteja localizada na região Sul do Brasil, a modalidade EaD conseguiu oportunizar o alcance da educação mesmo com distâncias geográficas, ou seja, as pessoas de diferentes regiões do país, ingressaram no curso superior ofertado nesse tipo de modalidade educacional.

Figura 8- Distribuição dos participantes quanto a região do Brasil que reside

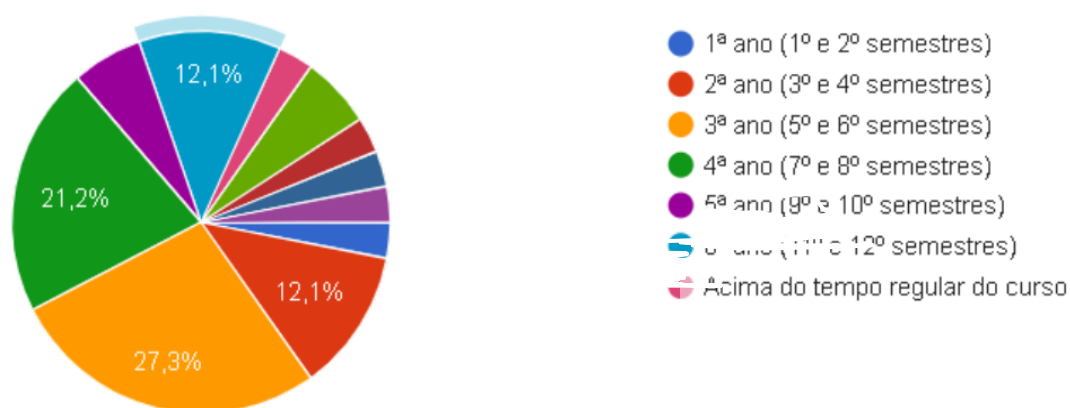


Fonte: Dados da pesquisa (2026).

De acordo com os autores Azevedo; Caseiro (2021), a educação à distância cumpre um papel importante na democratização do acesso ao ensino superior, principalmente, para estudantes que precisam de flexibilidade de tempo e enfrentam alguns tipos de limitações.

Em relação ao ano do semestre cursado, a maioria dos participantes estão matriculados no 3º ano do curso (5º e 6º semestres), correspondendo a 27,3% da amostra (n=9), seguido pelos estudantes do 4º ano (7º e 8º semestres), com 21,2% (n=7), figura 9. Os alunos do 2º ano e os estudantes que já ultrapassaram o tempo regular de integralização do curso apresentaram, cada um, 12,1% das respostas (n=4).

Figura 9- Distribuição dos participantes quanto ao ano ou semestre cursado



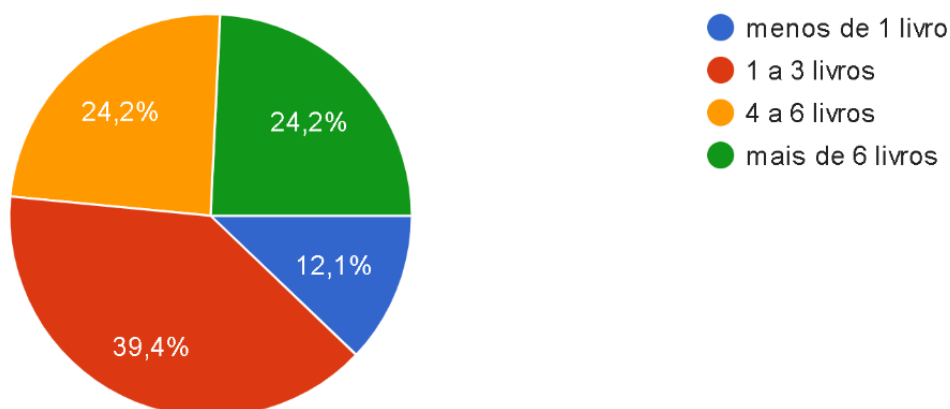
Fonte: Dados da pesquisa (2026).

As demais categorias apresentaram percentuais menores. Isso indica que a amostra contempla discentes que estão em diferentes momentos da formação acadêmica. Essa distribuição é relevante, pois permite reunir percepções de alunos com distintos níveis de experiência educacional, tempo de estudo e conhecimento. Para Bicalho; Souza (2014), os anos de curso contribuem para o desenvolvimento de formação acadêmica, mas também ajuda no amadurecimento pessoal.

Após o delineamento da caracterização do perfil dos participantes quanto as questões sociodemográficas, foi realizado um pré-teste presente ainda no primeiro bloco, correspondente a perguntas sobre o perfil de leitores desses participantes e sobre seu conhecimento a respeito da literatura afro-brasileira. Nesse sentido, em relação à frequência de leitura, observou-se que a maior parte dos participantes afirmaram ler entre 1 e 3 livros por ano, correspondendo a 39,4% da amostra (n=13),

Figura 10. Em seguida, 24,2% (n=8) declararam ler de 4 a 6 livros por ano, percentual idêntico ao daqueles que leem mais de 6 livros anualmente (24,2%; n=8). Apenas 12,1% (n=4) informaram ler menos de um livro por ano.

Figura 10 - Frequência de leitura dos participantes da pesquisa

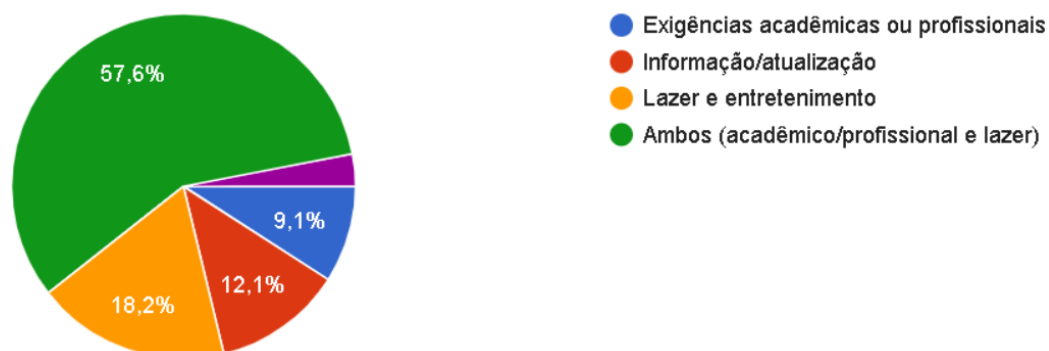


Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Esses resultados indicam que a maioria dos participantes da pesquisa mantém algum hábito de leitura regular. Segundo Cardoso *et al.*, (2022), a frequência de leitura entre estudantes do ensino superior pode variar de aluno para aluno, contudo, a leitura frequente ainda não é predominante entre todos os discentes.

Já quando perguntados pelos motivos que levam esses participantes a realizar alguma leitura, independente do gênero textual, verificou-se uma predominância da opção “ambos (acadêmico/profissional e lazer)”, assinalada por 57,6% (n=19). Em seguida, destacaram-se a leitura voltada ao lazer e entretenimento 18,2% (n=6), os objetivos acadêmicos ou profissionais 12,1% (n=4) e, alguns participantes relataram outras motivações específicas, ilustrada na Figura 11.

Figura 11- Distribuição dos participantes quanto a motivação de leitura



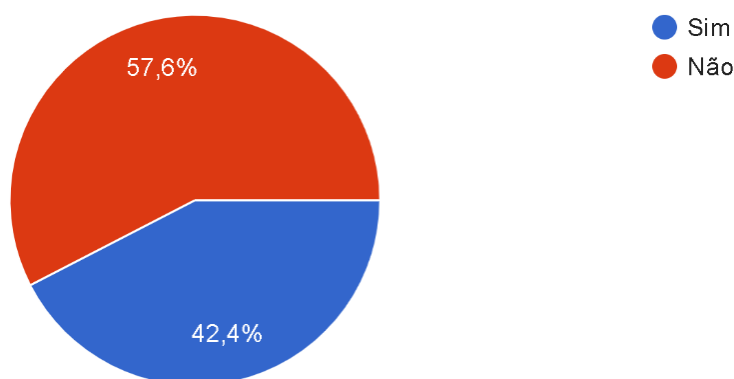
Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Esses dados sugerem que a leitura ocupa papel de destaque na vida dessas pessoas, e ultrapassa o contexto meramente formativo. De acordo com o estudo de Darwich *et al.*, (2020), a leitura é mais do que algo relacionado ao âmbito educacional, vai muito além do que ensinar ou aprender, pois a leitura é uma prática que gera sentimento de satisfação e envolvimento emocional.

4.2 Análise quantitativa das percepções sobre a literatura afro-brasileira e a obra Úrsula

Inicialmente, os participantes foram questionados sobre se tiveram contato com a literatura afro-brasileira em alguma disciplina durante o curso de graduação, 57,6% responderam que não tiveram contato com a literatura afro-brasileira (n=19), enquanto 42,4% (n=14) afirmaram já ter cursado algum componente curricular voltado para essa temática. Resultado ilustrado na Figura 12. Essas respostas evidenciam que uma parcela de discentes do curso de Letras-Português ainda não teve acesso a conteúdo específicos sobre literatura afro-brasileira durante a sua trajetória acadêmica.

Figura 12- Frequência de participantes que tiveram ou não contato com a literatura afro-brasileira em alguma disciplina do curso de Letras



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

No campo da educação o aparato legal construído ao longo dos anos trouxe transformações no currículo escolar no Brasil, como a valorização e a introdução de estudos referentes a cultura afro-brasileira e dos povos indígenas (Marques, 2014). Entre eles, a Lei nº 10.639/2003, trouxe ampliação e visibilidade ao ensino da história, da cultura e da literatura afro-brasileira nos currículos escolares (Anjos, 2023).

Contudo, de acordo com o estudo de Oliveira; Soares (2021), todavia, ainda se faz necessária a implementação e o aprimoramento de ações que promovam a democratização do acesso a disciplinas que tenham, em seu conteúdo, a abordagem da literatura afro-brasileira.

A literatura afro-brasileira, embora reconhecida como um campo fundamental para a compreensão da formação cultural e literária do Brasil, ainda não se apresenta, de modo geral, como uma disciplina obrigatória nos cursos de ensino superior (Paula; Felício, 2020). Por outro lado, em algumas universidades do Brasil, sua abordagem pode ocorrer mediante a escolha dos alunos durante a oferta de disciplinas optativas (Matias; Guimarães, 2021). Desse modo, a Lei nº 10.639/2003 representa um marco, mas ainda não conseguiu garantir que a literatura afro-brasileira ocupe um lugar na estante das matérias anuais curriculares (Alexandre; Vieira; Neves, 2025; Santos, 2015; Rodrigues, 2024; Oliveira; Soares, 2021).

É nesse cenário que o estudo da literatura afro-brasileira se fortalece, uma vez que, várias produções permitem uma compreensão a respeito das experiências de um povo, as construções históricas de uma sociedade e as memórias que permeiam narrativas marcadas por lutas sociais (Duarte, 2010). Dessa forma, a literatura afro-brasileira configura-se como um importante meio de reflexão sobre trajetórias de vida e experiências sociais.

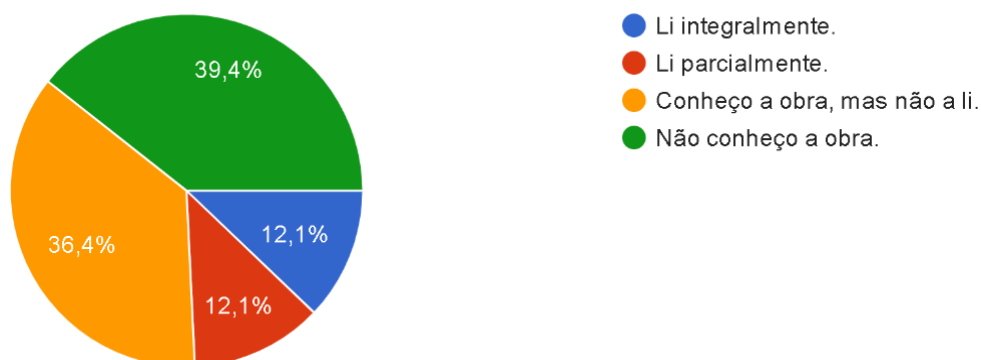
Portanto, estudar a literatura afro-brasileira significa reconhecer a pluralidade de vidas, escritas e tudo que se pode constituir. Segundo Munanga (2005, p. 86):

Esta capacidade de criar e falar do país, de sua gente, de seus costumes, de sua fé, do cotidiano, é a invenção da arte negra, que flui tal e qual magia ritual, transformando o que não se consegue por meio de formas técnicas. As ideias contidas nesta arte reformularam a prática, levando a um pensar e refletir sobre o cotidiano, fazendo com que os compositores sejam os verdadeiros pensadores e criadores da sociedade autenticamente brasileira e pluricultural.

Em seguida foi perguntado a respeito da leitura da obra *Úrsula*, observou-se que 39,4% dos participantes (n=13) responderam não conhecer a obra, 36,4% (n=12) afirmaram ter conhecimento, mas declaram não ter lido, 12,1% (n=4) informaram ter realizado a leitura completa, e outros 12,1% (n=4) disseram conhecê-la apenas superficialmente. Dados apresentado na Figura 13. Os resultados demonstraram que há lacunas no contato efetivo de estudantes com obras da literatura afro-brasileira e, também produções textuais fundamentais para a compreensão dessa temática como o

romance *Úrsula*.

Figura 13- Percentual de participantes que leram o livro *Úrsula*



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A literatura afro-brasileira possui um papel norteador na valorização da diversidade cultural no Brasil e na construção da identidade nacional, como um povo miscigenado e que respeita o direito de contar sua história (Zin, 2021). Por apresentar oportunidades desiguais na sociedade é por meio de instrumentos da comunicação como o uso de livros que as narrativas da população negra podem ser ouvidas (Lima, 2021). Logo, por isso, leituras como *Úrsula* oportuniza o acesso ao conhecimento de uma literatura representativa e sensível às questões sociais, além de ser um marco da publicação nacional de uma autora negra, pioneira e inovadora na democratização do olhar libertário da cultura afro-brasileira (Miranda, 2019; Miranda, 2021).

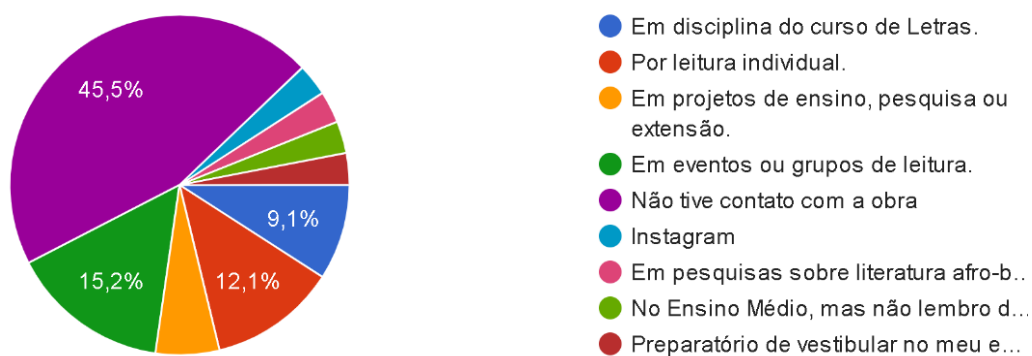
Maria Firmina foi excluída do cânone literário brasileiro por vários anos e algumas das razões podem estar relacionadas ao sexismo e ao racismo (Faustino, 2024). Nesse aspecto, Campos (2022, p. 24) pontua sobre seu silenciamento:

Apenas nos anos 1970 redescobrimos (achou-se posteriormente a citação de Maria Firmina no Dicionário bibliográfico brasileiro, de Sacramento Blake, publicado entre 1880 e a virada do século) que “uma maranhense” era Maria Firmina dos Reis, professora e escritora. Talvez pela formação acanhada, pela vida afastada dos grandes centros culturais e pelo pseudônimo que assinalava diretamente a autoria de uma mulher, Maria Firmina tenha permanecido em “silêncio” obscuro com seu *Úrsula*.

Em 1975 foi um ano importante para o estudo sobre a Maria Firmina dos Reis, uma vez que, foi nesse ano publicados a sua primeira biografia, escrita pelo jornalista Moraes Filho, cuja obra permanece como uma importante referência para a compreensão da vida e da trajetória dela, além da publicação do artigo de seu conterrâneo Josué Montello, que contribuiu para ampliar a divulgação de sua obra e evidenciar sua relevância para a literatura nacional (Mendes, 2014)

Em continuação a temática sobre a obra *Úrsula*, os participantes estiveram diante de outro questionamento. Dessa vez, foi perguntado a eles, em qual contexto eles tiveram contato com a leitura desse livro. Verificou-se que 45,5% optaram em dizer que "Não tiveram contato com a obra" em nenhum contexto. Entre aqueles que tiveram contato com obra, destaca-se a leitura em eventos ou grupo de leitura, correspondendo a 15,2% das respostas, 12,1% responderam que a leitura ocorreu no cenário obrigatório de preparatórios de vestibular, já 9,1% indicaram que esse livro foi discutido em algum momento nas disciplinas do curso de Letras. Esses dados estão presentes na Figura 14.

Figura 14- Frequência de respostas sobre o contexto de contato com a leitura da obra *Úrsula*



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

As demais categorias apresentam percentuais menores, sendo respostas atribuídas a categoria outros, uma vez que, essa alternativa permitia que os participantes informassem opções que não estavam previstas entre as alternativas apresentadas. Nesse cenário, os dados revelaram que o contato com *Úrsula* está fortemente em eventos científicos ou grupos de leitura; com outros cenários com o percentual menor.

Ademais, resultado como esse sugere que o livro tem sido mais acessado em contextos extracurriculares, do que na universidade. Assim, os resultados indicam que obras relevantes da literatura afro-brasileira, como *Úrsula*, ainda possuem circulação limitada nas disciplinas do curso de graduação em Letras.

Segundo o estudo de Souza; Godinho; Valle (2024), relatam que a universidade desempenha papel fundamental na divulgação e valorização da produção literária afro-brasileira, especialmente, de autoras historicamente marginalizadas pelo cânone literário tradicional. A realidade apresentada pelos dados da pesquisa mostra que há

um silenciamento das obras de Maria Firmina dos Reis no Brasil, mesmo ela sendo uma pioneira na literatura afro-brasileira. Conforme o estudo de Faustino (2024), apesar de sua importância, Firmina permaneceu décadas de invisibilidade no cenário literário em uma sociedade que ela mesma dizia em suas obras, ser desigual.

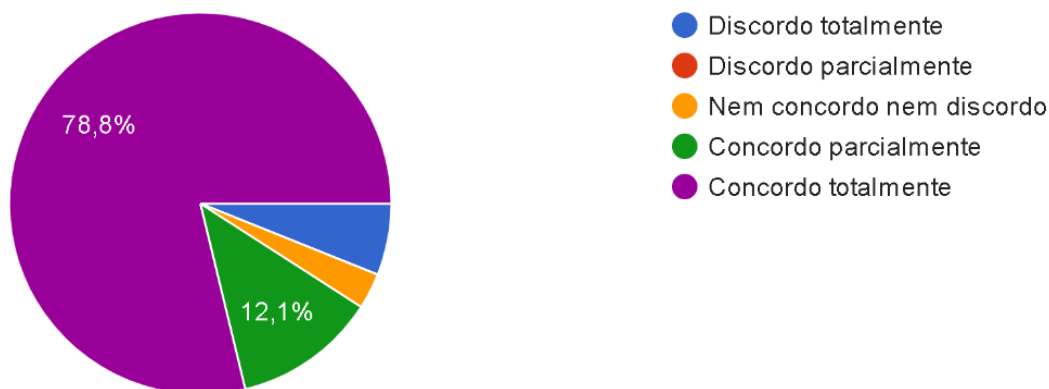
Segundo Carvalho; Teixeira (2021), fala sobre o silenciamento de autores negros no Brasil; as consequências disso pode ser espelhada pelo desinteresse de conhecer essas narrativas. E isso é visto também com maior vigor em literatura feita por mulheres negras (Dourado; Camargo, 2023). Em concomitância a essa linha de pensamento, Pereira (2022) explana que o legado da escravidão e o racismo favoreceu autores brancos na literatura. Outros estudos como de Mariano (2023) também repercutem essa perspectiva.

As respostas apresentadas no gráfico correspondente à Figura 15 evidenciaram um elevado nível de concordância entre os estudantes do curso de Letras, quanto à importância da literatura afro-brasileira na formação docente. Quando questionados sobre se "A literatura afro-brasileira é trabalhada na formação docente de forma suficiente?", 78,8% dos participantes afirmaram concordar totalmente, enquanto 12,1% concordaram parcialmente.

As outras alternativas tiveram percentuais menos expressivos, além disso não houve registro de discordância parcial. Esses dados sugerem que há uma tendência de reconhecimento da necessidade e importância de ampliar a presença da literatura afro-brasileira na formação dos futuros professores. No entanto, ainda há aqueles que não estão de acordo com a ocupação da literatura afro-brasileira e todas as contribuições que ela pode oferecer. Nesse aspecto Munanga (2005, p. 104) fala que: "(...) o silêncio brasileiro na reflexão sobre o tema do racismo na sala de aula, e os chavões de preconceituosidades difundidos por uma historiografia pouco questionada, temos um resultado que aponta para a não aceitação ou a negação da própria imagem".

Durante muito tempo, a história ensinada nas escolas privilegiou uma visão eurocêntrica, invisibilizando ou estereotipando a população negra. A consequência disso é apresentado por Silva (2023), o desconhecimento da importância das contribuições africanas e afro-brasileiras para a formação da sociedade brasileira. O que de certa forma inviabiliza a efetividade do acesso a temas que apresentem a diversidade formativa, cultural e histórica do Brasil.

Figura 15- Frequência de respostas sobre a ampliação da ocupação da literatura afro-brasileira na formação de professores



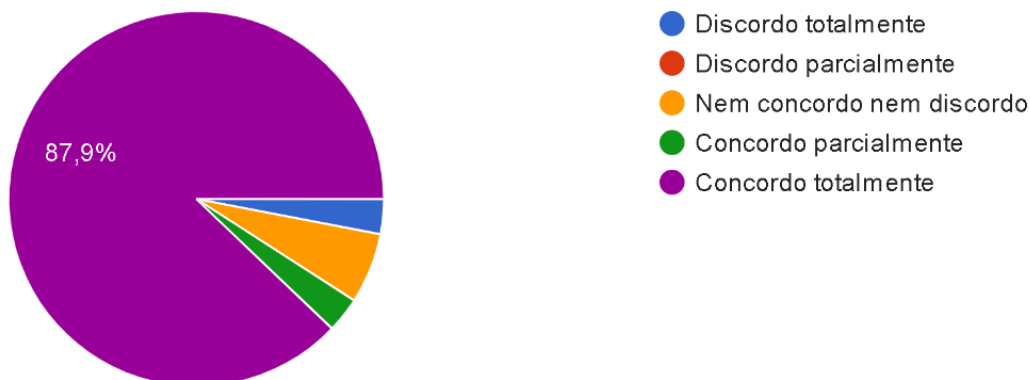
Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Para Calegari (2015), a produção literária de autores negros e de outras minorias ainda não ocupam espaços compatíveis com sua relevância histórica e cultural no Brasil. Por outro lado, o contato com essas obras ajuda na formação dos professores na instrumentalização pedagógica de cidadãos mais cientes e comprometidos com uma educação mais representativas e contemplativa da diversidade cultural (Anjos, 2023). Seguindo essa linha de pensamento, os alunos poderão aprender mais sobre o letramento racial e para execução de práticas antirracistas (Pereira; Braulio, 2023).

Na questão "A literatura afro-brasileira pode contribuir para a promoção de uma educação antirracista?", presente na Figura 16, 87,9% dos participantes afirmaram concordar totalmente com a alternativa, enquanto uma pequena parcela declarou concordar parcialmente ou manteve uma posição mais neutra. Não foram observados percentuais de discordância parcial. Esses resultados demonstram que os futuros professores do curso de Letras - Português reconhecem a importância dessa literatura com relação ao enfrentamento ao racismo.

Além disso, é preciso entender que a literatura vai muito além de um simples livro, ou seja, não é apenas um instrumento para o desenvolvimento da leitura e da escrita, mas também um meio de promover reflexões sobre direitos humanos e relações étnico-raciais na sociedade (Puchner, 2019; Santos; Voss, 2025). Por isso, a necessidade de debater a literatura não como conteúdo complementa, mas como disciplina formativa docente e também na educação básica.

Figura 16– Frequência de respostas sobre se a literatura afro-brasileira pode contribuir para a promoção de uma educação antirracista



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A literatura pode envergar a construção de bases norteadoras e reflexivas sobre temas importantes da sociedade, como o combate do racismo (Costa; Pereira; Dias, 2022). É por meio de suas narrativas comunicativas que histórias são contadas e registradas para que não se perca ao longo do tempo, e que possa contribuir dentro de processos de conhecimento (Medeiros; Pinho, 2018). Logo, por isso, esse tipo de ferramenta de trabalho pode servir como forma de educar e promover discussões importantes no contexto acadêmico (Teixeira; Vieira; Sales, 2019). Desse modo, o professor de estudos de língua portuguesa tem papel fundamental na utilização de recursos didáticos, como as obras literárias, na sala aula, de modo que possa contemplar a valorização da pluralização de histórias e culturas (Sarteschi, 2010), como também contribuir para práticas pedagógicas antirracistas (Melo; Mira, 2021).

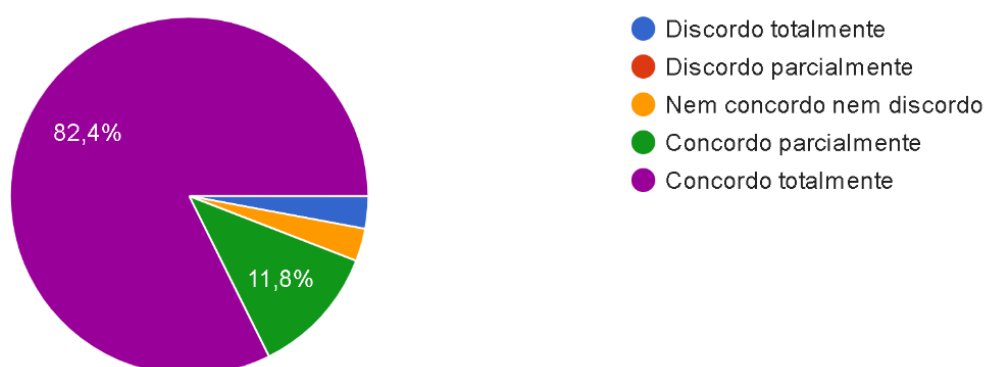
Contudo, é necessário partir do princípio que existe racismo e que o racismo está presente na sociedade brasileira e que ele está presente também no contexto escolar. Munanga (2005, p. 147), explica sobre isso:

Porém, antes de pensarmos em quais estratégias poderemos adotar, é importante que estejamos atentos ao seguinte ponto: se todos nós estamos de acordo com a necessidade de se desenvolver estratégias de combate ao racismo na escola (que é o objetivo desse livro), concordamos com o fato de que o racismo existe na sociedade brasileira. E mais, concordamos que racismo está presente na escola brasileira. Esse é um ponto importante porque rompe com a hipocrisia da nossa sociedade diante da situação da população negra e mestiça desse país e exige um posicionamento dos(as) educadores(as).

Os participantes responderam à questão sobre “A formação em Letras deve

promover discussões sobre relações étnico-raciais e diversidade cultural?”, apresentado na Figura 17. Os dados apontam que 82,4% dos participantes da pesquisa concordam totalmente que a formação em Letras deve promover discussões sobre relações étnico-raciais e diversidade cultural, enquanto apenas 11,8% concordam parcialmente com essa afirmação. Uma pequena parcela elegeu a opção nem discordo e nem concordo ou discordo totalmente. Nenhum participante escolheu a alternativa discordo parcialmente.

Figura 17– Frequência das respostas sobre relações étnico-raciais e diversidade cultural na formação em Letras



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Esses dados revelam que os estudantes compreendem que a formação de professores deve contemplar uma educação que dialogue com temas relacionados à diversidade cultural e étnico-racial. São questionamentos como esse que ajudam a entender a perspectiva dos estudantes de licenciatura em Letra a respeito da formação docente e da inclusão de práticas pedagógicas mais comprometidas com o enfrentamento de preconceitos e desigualdades sociais.

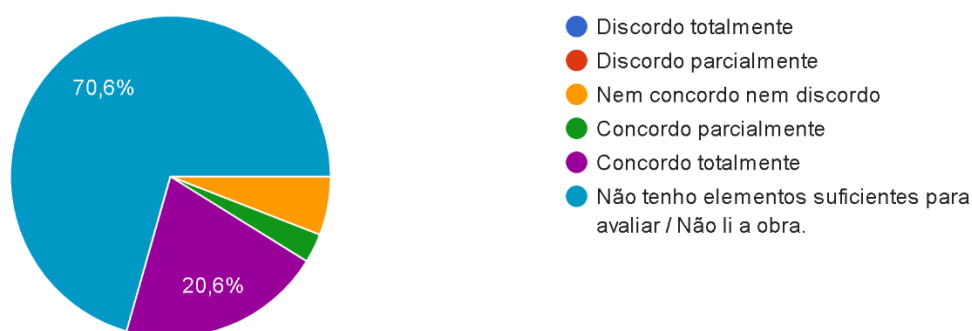
Os autores Silva; Lima; Paula (2022, p. 251) destacam que:

O processo de luta pela busca de valorização da diversidade étnico-racial na sociedade e a construção da identidade docente no processo formativo carregam, ao longo do desenvolvimento histórico, desde a escravidão, estereótipos em relação ao negro, impondo uma cultura sobre a outra e negando o exercício de seus direitos.

Para Orlando; Ferreira (2014), a formação continuada é necessária para que os professores possam desenvolver práticas pedagógicas mais inclusivas, com um olhar sensível para a abordagem dos conteúdos em sala de aula, adotando metodologias que promovam o respeito às diferenças étnico-raciais, a diversidade cultural e o enfrentamento de práticas segregativas.

Os resultados referentes à pergunta "A obra *Úrsula* contribui para reflexões sobre o racismo?", ilustrados na Figura 18, demonstraram que: 70,6% afirmaram não possuir elementos suficientes para avaliar ou não leram a obra, 20,6% dos participantes concordam totalmente que a obra contribui para reflexões sobre o racismo. As demais alternativas apresentaram percentuais menos expressivos e não houve registro de respostas na opção de discordância parcial.

Figura 18 – Frequência de respostas sobre se o livro *Úrsula* contribui para reflexões sobre o racismo



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

O racismo não pode ser abordado apenas como um problema moral, logo é necessário entender a construção de sua formação, que perfaz aspectos como político, econômico e social (Sousa; Brussio, 2023). Nesse sentido, Firmina foi uma escritora pioneira ao dar vida a personagens negros que narravam suas perspectivas, de modo sutil, a autora criou formas mediante a literatura para denunciar a prática de discriminação racial (Silva; Nascimento; Oliveira, 2021). Ao dar voz às vítimas do sistema escravista, Firmina se posiciona no combate ao racismo, permitindo que o leitor conheça esse lado da história; e possa realizar uma reflexão crítica dessa sociedade (Santos; Carvalho, 2018).

Conforme destaca Silva (2021, p. 482), "Para compreendermos as proposições da Literatura Afro-brasileira, é necessário pensar sobre o porquê de uma literatura 'afro-brasileira', porquanto os negros foram por bastante tempo apresentados pelo cânone, através de autores que denunciavam as péssimas condições escravistas em meados do século XIX". Essa perspectiva reforça que a literatura afro-brasileira rompe com o olhar de autores brancos sobre personagens negros, e aponta perspectivas de autores negros sobre relatos de suas vivências.

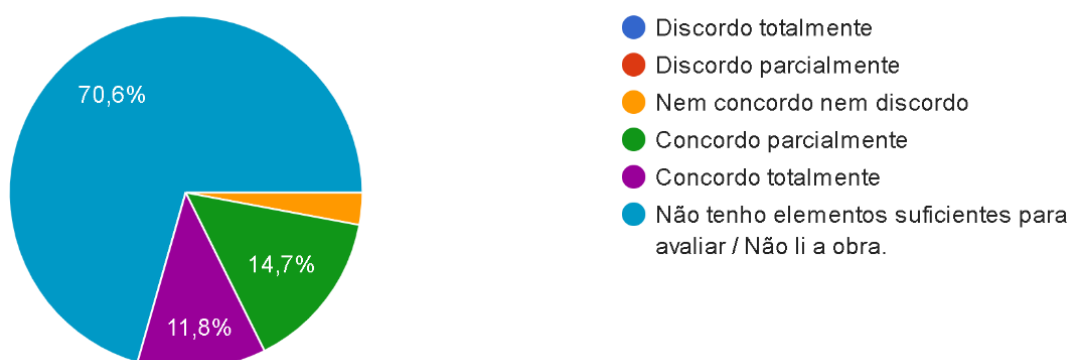
A produção literária de autores negros fortalece a representatividade ao conferir

voz a quem foi silenciado por longos anos:

É inegável que a afro-brasilidade, aplicada à produção literária enquanto requisito de autoria e marca de origem, configura-se como perturbador suplemento de sentido apostado ao conceito de literatura brasileira, sobretudo àquele que a coloca como “ramo” da portuguesa. Mas tão relevante quanto o “sujeito de enunciação próprio”, em que um eu lírico ou um narrador se autoproclama negro ou afrodescendente, é o ponto de vista adotado (Duarte, 2010, p. 120).

Na pergunta sobre se “A representação dos personagens negros na obra *Úrsula* apresenta características distintas em relação a outras obras da literatura brasileira do século XIX?”, os participantes responderam da seguinte forma: 70,6% responderam que não têm elementos suficientes para avaliar/não li a obra. 20,6% concordaram totalmente, 14,7% concordam parcialmente. As outras opções apresentaram percentuais menos expressivos e não houve registro de respostas na opção de discordância parcial. Dados ilustrados na Figura 19.

Figura 19 – Frequência de respostas sobre a representação dos personagens negros na obra *Úrsula*



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Segundo Mendes (2011), os personagens negros de *Úrsula* retratam memórias em pleno sistema escravista, muito de suas falas remetem graves cicatrizes de crimes oriundos do colonialismo e de uma sociedade organizada a serviço do racismo e da segregação racial.

Maria Firmina escreveu *Úrsula* com a intenção de ensinar ao leitor sobre sentimentos, como empatia, amor, gratidão e, de modo geral, emoções genuínas (Faustino, 2024). Ela criou personagens negros de forma humanizada, permitindo que o leitor se aproximasse de seus relatos de vida e compreendesse de suas dores em uma jornada de injustiças tanto da escravidão quanto da desigualdade social (Santos;

Carvalho, 2018). Desse modo, fez Tullio lapidado com bons valores e merecedor de respeito e direitos (Silva, 2021). Isso poderia ser uma afirmação comum, mas não se encaixa na literatura do século XIX, e muito menos para literatura brasileira, no que diz respeito à construção da personalidade de personagens negros, como ocorre com Pedro, retratado com traços de personalidade ardilosa por José de Alencar em *O demônio familiar*, em uma narrativa que gira em torno dos conflitos gerado por Pedro em um ambiente familiar de pessoas brancas (Pereira; Menez, 2019).

A literatura da branquidade revela uma tendência ao descrever sobre questões étnico-raciais, nesse sentido uma reflexão relevante é exposta por Santos; Botoso (2018, p. 225):

A literatura da branquidade se esquivava de qualquer compromisso com as questões étnico-raciais, muito embora esse tema atravessasse as tramas. (In)conscientemente, seus autores ventilam, em seus discursos literários, determinados silêncios e estereótipos em relação ao não branco, e ignoram, por outra via, os problemas concernentes ao racismo.

Isso acontece porque a literatura não é totalmente imparcial e, em certas situações, pode legitimar ideias opressivas, como na obra de Margaret Mitchell – *E o Vento levou*, que é apontada como racista por maquiar o período de escravidão sulista dos Estados Unidos, com uma visão distorcida da realidade, e até mesmo fantasiosa, colocando os personagens negros de acordo com o próprio regime escravista (Andrade, 2020; Silva, Tristão, 2022).

A obra *Úrsula* corresponde à primeira fase do Romantismo no Brasil, contudo, a escrita firminiana apresenta características singulares que a tornam única, entre as demais produções desse período (Muzart, 2013). Nesse cenário, mesmo que *Úrsula* pertença à segunda fase desse movimento literário, Firmina conseguiu incorporar críticas relevantes sobre a escravidão, sendo assim inovadora para época (Faustino, 2024).

A citação a seguir contribui para a compreensão da personalidade de Túlio:

O caráter de mudança oferecido pelo ethos do amor na proposta de hooks pode ser identificado no romance *Úrsula* como parte do projeto de educação sentimental promovido por Maria Firmina dos Reis, onde a autora se vale de Túlio enquanto personagem elaborada com a finalidade de ilustrar que a partir do amor se desencadeia uma rede de sentimentos emancipatórios. Esta construção de sentimentos que prioriza os afetos são elementos caros ao texto firminiano e essenciais na fundamentação antirracista que a autora empreende, assim como estratégia de convencimento da sociedade escravista para a libertação de sujeitos escravizados (Faustino, 2024, p. 167).

Escritas que valorizam a cultura negra e sua ancestralidade são formas de encontrar resistência a todo tipo de opressão, e a literatura afro-brasileira ela enfrenta não só o silenciamento de sua própria história, mas as discrepâncias no mercado editorial, na resistência de alguns leitores em discutir temas relevantes como o racismo presente na sociedade brasileira (Lima; Almeida, 2019). Por outro lado, Firmina travou uma luta difícil, porque além de ser uma escritora mulher e negra do século XIX, ela precisava contar uma história para leitores que na maioria eram brancos (Santos, 2023).

Firmina consegue criticar a sociedade do século XIX mediante aos relatos dos personagens negros da obra *Úrsula*, uma vez que sua escrita denota uma denúncia social à escravidão, o patriarcado; as injustiças sociais (Mendes, 2011), um silenciamento que se estende até os dias atuais, marcada por uma sociedade não se revolta diante da opressão sofrida por pessoas negras e por mulheres (Sales; Paiva, 2024).

No estudo de Oliveira (2019, p. 662), há uma descrição da organização dos personagens de *Úrsula* em dois grupos:

Mergulhando na narrativa propriamente dita, temos, por um lado, o jovem escravizado Túlio; Pai Antero; e a escrava Susana. Por outro lado, temos Tancredo, bacharel em direito; Úrsula, protagonista; e Fernando P., vilão. Essas personagens compõem dois universos distintos e em contato tenso a partir do qual a narrativa construirá suas tessituras (Oliveira, 2019, p. 662).

Recorrentemente, a representação de personagens negros na literatura perfaz discursos que legitimam o racismo e favorecem o pacto de branquitude existente em uma sociedade que consome esse tipo de escrita (Santos; Botoso, 2018). Por outro lado, cabe ao leitor tomar atitude de negar esse tipo de submissão e buscar ter experiências de leitura que valorizem a pluralidade em seu sentido completo, além de reconhecer o valor da produção intelectual de autores e autoras negras (Lima; Almeida, 2019).

Santos; Botoso (2018, p. 216) falam que:

Se os personagens de descendência africana são, recorrentemente, plasmados de maneira subalterna em textos literários – sobretudo em narrativas brasileiras –, significa que há, aí, uma correlação muito próxima com a realidade social dos negros no Brasil, visto que, nesse país, onde o sistema escravocrata operou deixando sequelas incomensuráveis, grande parte dos afrodescendentes não teve – e muitos ainda não possuem – acesso aos lugares de fala e às oportunidades que lhes garantiriam, certamente, melhores condições sociais.

Ao ler *Úrsula*, o leitor menos atento pode não perceber que a obra não se limita a um romance com características do Romantismo, contudo, revela que Firmina incorporou ao seu texto críticas ao sistema escravocrata e à sociedade patriarcal, ao mesmo tempo em que ressignifica a representação de personagens negros, afastando dos estereótipos recorrentes na literatura do século XIX (Campos, 2022). Nesse sentido, Firmina foi pioneira e continua sendo importante para o letramento e o entendimento das relações étnico-raciais na literatura e na sociedade brasileira (Silva; Fernandez, 2020).

Ao narrar relatos de vida dos personagens negros, Firmina expressa de certo modo suas próprias vivências, crenças e valores, construindo uma história que representa quem ela é, além de ajudar a compreender uma memória coletiva desse grupo social que carrega as cicatrizes até os dias atuais (Oliveira, 2021). Refletindo sobre a ideia construída por esse autor é possível abrir os olhos para a necessidade de preservar experiências historicamente invisibilizadas pela escravidão e desigualdades raciais no Brasil (Duarte, 2018; Krachenski, 2018). Nesse sentido, Firmina com sua escrita incentiva a reflexão sobre os impactos das injustiças históricas do passado para que haja mudanças nas relações raciais, sociais e políticas no presente.

4.3 Análise qualitativa das percepções dos participantes sobre as contribuições da leitura de *Úrsula*

A questão discursiva apresentada nesse estudo buscou compreender as percepções dos estudantes do curso de Letras sobre as contribuições da leitura do romance *Úrsula* para a literatura brasileira e/ou afro-brasileira e para a promoção de uma educação antirracista. A fim de garantir o anonimato dos participantes, todas as informações que possam identificá-los não foram divulgadas. Os participantes foram organizados e identificados por códigos alfanuméricos, de P1 a P16, preservando-se sua confidencialidade ao longo da pesquisa. Desse modo, a análise das respostas evidencia diferentes níveis de conhecimento da obra, revelando também lacunas na formação literária relacionada ao campo da literatura afro-brasileira.

Um primeiro aspecto observado referentes as respostas discursivas foi que dos 33 participantes da pesquisa, 16 responderam à questão discursiva proposta. Entre esses alunos, três afirmaram não ter realizado a leitura da obra, o que poderia ter dificultado uma percepção fundamentada sobre essa questão. Entretanto, um desses

três participantes fez a seguinte observação: "Não li. Mas, concordo que a leitura ajuda a combater o racismo" (P1).

Essa manifestação, embora proveniente de alguém que não teve contato direto com a obra, revela o reconhecimento da leitura de *Úrsula* como uma ferramenta de educação potencializadora no enfrentamento ao racismo. No entanto, o estudo de Ribeiro; Rêgo (2019), dialoga justamente com os participantes que responderam não ter lido a obra. Os autores apontam que: o esquecimento de Maria Firmina por muitos anos também é uma descrição da sociedade brasileira, uma vez que, as mulheres negras tiveram suas contribuições literárias diminuídas em contrapartida da divulgação e aceitação de obras feitas por pessoas brancas.

Além disso, as respostas negativas evidenciam a necessidade de letramento racial ou de ampliação do contato com a literatura afro-brasileira no curso de letras. Isso considerando, que os participantes são futuros professores no Brasil, e atualmente existem leis que atribuem obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira estabelecida pela Lei nº 10.639/2003. Logo, por isso as políticas públicas devem promover a inclusão social e econômica de forma eficaz, além de promover uma adoção de uma perspectiva antirracista (Costa Neto, 2022).

Entre os participantes que demonstraram conhecimento da obra, destaca-se o reconhecimento de seu pioneirismo na literatura brasileira: "*Úrsula* é pioneira por ser o primeiro romance escrito por uma mulher negra no Brasil, colocando a escravidão como denúncia e não como cenário natural. Maria Firmina dos Reis humaniza personagens negras como Susana e Antônio, dando-lhes memória, identidade e consciência crítica, o que rompe a visão do negro como propriedade. Essa representação antirracista, anterior a Castro Alves, contribui para uma educação que reconhece a subjetividade africana e afrodescendente na formação do povo brasileiro" (P10).

De acordo com Muzart (2013), o pioneirismo de Firmina está atrelado ao fato dela ser a primeira mulher escritora romancista do Brasil, e além disso é a primeira negra a produzir obras literárias.

Observou-se também que há predominância de respostas voltadas à associação da obra *Úrsula* com práticas antirracistas, como em: "A obra é importante para uma educação antirracista já começando por sua autoria Maria Firmina era uma mulher negra o que naquela época era improvável para época, ela é símbolo de resistência e representatividade" (P4); "Sei da extrema importância da literatura afro-brasileira para uma educação antirracista, em especial *Úrsula*" (P9) ou em "Promover discussões e

reflexões antirraciais” (P14).

Ao discutir as estruturas que sustentam o racismo, Moore (2007, p. 285) afirma que:

Restringir as considerações sobre o racismo à esfera ético-moral leva a ocultar o aspecto mais fundamental deste fenômeno, que é a compreensão da maneira em que essa consciência historicamente estruturada de poder e dominação total é exercida concretamente contra uma raça e em benefício de outra. Isto equivale dizer que o racismo beneficia e privilegia os interesses exclusivos da raça dominante, prejudicando somente os interesses da raça subalternizada. O racista usufrui privilégios e vantagens concretas, como o produto do exercício de um poder total, enquanto o alvo do racismo experimenta exatamente a situação contrária.

Nesse sentido, por meio da escrita, Firmina conseguiu contribuir para o conhecimento dos leitores sobre a discriminação social e racial do sistema escravista no Brasil, em contrapartida também oportunizou voz e humanidade às personagens negras e negros que muitas vezes são retratados sem dignidade, memória e identidade (Silva; Nascimento; Oliveira, 2021).

Dentre as respostas obtidas, uma se destacou por enfatizar uma crítica à ausência da obra e de autores maranhenses nos currículos da educação básica. A esse respeito, a participante (P6) declarou: “A obra é maravilhosa, sendo maranhense percebo uma falha grandiosa nos currículos das escolas básicas ao não incluir em seus trabalhos esta e outras obras que teriam um poder absurdo em divulgar autores maranhenses que são muito importantes para a nossa literatura”.

Essa crítica feita pela participante é válida, uma vez que, o Maranhão, é conhecido por sua expressiva tradição literária, representada com nomes, como da Maria Firmina dos Reis, Gonçalves Dias, Aluísio Azevedo, Ferreira Gullar, Josué Montello, Graça Aranha, Arthur Azevedo, Sousândrade entre outros construtores do chamado Atenas Brasileira (Miranda Filho, 2022). Mesmo dispondo de uma produção literária acentuada, a literatura maranhense ainda encontra espaço limitado (Oliveira; Castellanos, 2024). Isso pode ter diversas explicações, e muitas delas se materializam ainda mais no esquecimento da escrita de Firmina, mesmo ela sendo uma escritora importante na representação do estado, ela faz parte de um contexto mais amplo que abrange a literatura afro-brasileira (Rodrigues, 2021).

Um dos participantes apresentou uma crítica à escravidão, ao racismo e à exclusão social da população negra, segundo a participante: “É uma obra que fala das dificuldades vividas pelos negros escravos no que diz respeito à integração e inclusão

social - nada muito diferente do que vemos atualmente (2026/século 21). Lembro - vagamente- que a autora descreveu questões de desrespeito, fome, desprestígio político e as angústias dela em sua vida pessoal também. É um livro de muitas camadas e todas elas são muito atuais” (P8). A participante destaca o sofrimento das pessoas negras dentro do sistema escravista presente na obra da Maria Firmina e ao mesmo tempo ela associa que esse sofrimento perdura até os dias atuais. O racismo não é uma prática recente, ele foi construído ao longo dos tempos, por meio da escravidão e da discriminação de pessoas negras na sociedade (Santos, 2021). Logo, por isso, uma forma de combater o racismo é através da educação, respeito e valorização da diversidade cultural (Santo; Arantes, 2026; Costa; Arruda; Cadoná, 2024). E isso pode ocorrer através da literatura (Gomes; Souza; Aragão, 2025).

Nesse contexto, o racismo é compreendido não apenas como uma forma de discriminação, mas como instrumento para legitimar as desigualdades, exclusões e hierarquias sociais. Esse argumento pode ser evidenciado no seguinte trecho:

Para efeito das investigações contemporâneas, todavia, continua frutífera a hipótese interpretativa segundo a qual os grupos de cor brasileiros representam antes de tudo a segmentação da sociedade brasileira em dois blocos contíguos mas estranhados entre si: elite e povo, ricos e pobres, cidadãos e excluídos, brancos e negros. Em outros termos, que o racismo e o “preconceito de cor” sejam formas racializadas de naturalizar a segmentação da hierarquia social. A racialização dessa hierarquia pode inclusive ajustar-se, segundo as regiões e o tempo histórico, para prover sucedâneos simbólicos aos “negros” como são, no sudeste brasileiro, os “baianos”, os “paraíbaes” e os “nordestinos” (Maio; Santos, 1996, p. 155).

A participante identificada como P15 teceu o seguinte comentário a respeito da questão qualitativa apresentada no questionário: “A visibilidade do negro na arte literária simboliza uma quebra de paradigmas para a época em que representar os personagens negros e escravos dando vozes aos mesmos era trata-los como gente com sentimento, alma, criando uma identidade de seres humanos, que merecem respeito, dignidade e acima de tudo direitos e dentre esses a sua liberdade. Mesmo diante desse fato histórico que é o romance *Úrsula* (1859) há muito a ser conquistado no espaço literário brasileiro, haja vista tamanho preconceito e discriminação para com a cultura afro-brasileira”.

A fala da P15 é importante pois vai de encontro com a escrita de Firmina e a construção de seus personagens negros. A obra *Úrsula* apresenta personagens negros na literatura com uma imagem humana, com voz e sentimentos, ação que rompeu a visão limitada dessa época (Silva, 2021) ao mesmo tempo em que a autora experiencia por meio de Túlio, Antero e Susana, a vivência da população negra no século XIX

(Santos; Carvalho, 2018), sua obra continua importante na atualidade, uma vez que, ainda são temas recorrentes na sociedade brasileira (Chehab; Agapito, 2019).

Uma resposta apresentou uma perspectiva crítica ao afirmar que: “Academicamente, discordo que o romance *Úrsula* (1859) seja um retrato universal. Brasileira, não. Não representa o BRASIL e sim uma ínfima parte da sociedade da época, pois a literatura do século XIX era privilégio de uma elite minúscula” (P11).

A crítica da participante ao livro *Úrsula* de Maria Firmina do Reis perfaz a afirmação que ela não acredita que o livro represente a sociedade brasileira como um todo, mas sim um recorte dessa sociedade. Segundo o estudo de Santos; Carvalho (2018), a obra *Úrsula* representa experiências reais, narrativas que poderiam ser descritas por qualquer pessoa da população negra escravizada no Brasil e que viveu as amarras e as consequências desses crimes. Vale ressaltar que, mesmo sendo uma história de ficção literária, os relatos apresentados por Firmina são plausíveis e construídos como uma forma de denunciar algo que ela mesmo poderia ter vivido, uma vez que, a escritora sentia na pele as dores de ser uma mulher negra na sociedade do século XIX (Correia, 2014).

Para Duarte (2018), a escrita de Firmina não se restringe apenas a falar de escravidão, mas também é recorrente em sua obra a discussão sobre o poder patriarcal e a opressão das mulheres em uma sociedade colonial. Essa premissa designa o fato que durante o período colonial o patriarcado estruturou sua força, com relação os direitos e a liberdade das mulheres (Melonio; Moraes; Lobato, 2025), e o destino de *Úrsula* reflete justamente nesse cenário de dominação masculina e opressão da autonomia feminina (Santos; Carvalho, 2025).

Refletir sobre o papel da mulher na sociedade colonial brasileira constitui um aspecto fundamental para formação acadêmica pois possibilita, a compreensão e análise das desigualdades de gênero no Brasil (Knonkel; Cardoso; Hoff, 2015; Amaral; Marques; Coqueiro, 2026). Nesse sentido, Lopes; Mota (2026, p. 3) argumentam que: “Entender o patriarcalismo e a violência de gênero na sociedade colonial brasileira não é apenas um exercício histórico, mas um meio de lançar luz sobre as origens de desigualdades persistentes e desafios enfrentados por mulheres até os dias atuais”. Logo, portanto, considerar *Úrsula* apenas como uma obra de elite pode apagar justamente a força e a importância que representa a literatura afro-brasileira (Miranda, 2021), e também revelando como essas estruturas reforçaram a desigualdade de gênero e raça (Vieira; Nogueira, 2024).

5 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo permitiram caracterizar o perfil sociodemográfico e leitor dos participantes, além de analisar suas percepções sobre a literatura afro-brasileira e a obra *Úrsula*, tanto sob a perspectiva quantitativa quanto qualitativa. Observou-se que os resultados deste estudo revelaram o predomínio de participantes do gênero feminino (69,7%), com idade entre 41 e 50 anos (33,3%), autodeclarados brancos (45,5%), residentes na região Nordeste (51,5%), seguida da região Sul (27,3%) e matriculados no 3º ano (27,3%). Quanto ao perfil leitor, 39,4% afirmaram ler entre 1 e 3 livros por ano e 57,6% indicaram motivação tanto acadêmica quanto de lazer. Os dados evidenciaram que 57,6% dos participantes não tiveram contato com a literatura afro-brasileira em nenhuma disciplina do curso de Letras. Além disso, 39,4% declararam não conhecer a obra *Úrsula*, enquanto apenas 12,1% afirmaram tê-la lido de modo integral. Apesar disso, 78,8% concordaram totalmente que a literatura afro-brasileira deve ocupar maior espaço na formação docente, 87,9% reconheceram sua contribuição para uma educação antirracista e 82,4% defenderam a ampliação das discussões sobre relações étnico-raciais nos cursos de Letras. Em contrapartida, 70,6% afirmaram não possuir elementos suficientes para avaliar as contribuições da obra, evidenciando o desconhecimento ainda existente. Na análise qualitativa, apenas 16 participantes responderam à questão aberta, dos quais três informaram não ter lido *Úrsula*. Entre os respondentes, destacou-se o reconhecimento da obra como marco da literatura afro-brasileira, enfatizando o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis, a valorização das personagens negras, a denúncia da escravidão e do racismo e a necessidade de ampliar sua presença nos currículos. Como limitação, destaca-se o reduzido contato dos participantes com a obra, reflexo de seu histórico silenciamento no cenário nacional. Por outro lado, este estudo pode contribuir para fortalecer as discussões sobre a presença da literatura afro-brasileira no curso de Letras, tendo como referência obras pioneiras como *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que representa uma importante produção de autoria feminina negra na literatura brasileira. Além disso, a ampliação do contato dos estudantes com produções literárias dessa natureza pode favorecer processos educativos que contemplem a diversidade cultural, a formação crítica e a construção de práticas pedagógicas que estejam mais comprometidas com a educação antirracista.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, V. de M.; DIEGO, M. V.; MÓSTOLES, R. C. University social responsibility: The role of teachers. **Journal of Innovation & Knowledge**, v.9, e100464, 2024.
- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- ADLER, D. A. **Elogio à patrona Maria Firmina dos Reis**: ontem, uma maranhense; hoje, uma missão de amor! São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2014. 32 p.
- ADLER, D. A. Maria Firmina dos Reis: consolidando a ressignificação de uma precursora. **Rev. Estudos Linguísticos e Literários**, n. 59, p. 217–222, 2018.
- AGUIAR, C.; PINHEIRO, M. D. da S. L. B. Direito a educação integral na perspectiva dos direitos humanos, uma reflexão sobre o arcabouço jurídico e as políticas públicas. **Rev. do Direito – FDCI**, v. 6, n. 2, p. 133-162, 2024.
- ALEXANDRE, I. J.; VIEIRA, P. A. dos S.; NEVES, E. dos S. 20 anos da implementação da Lei n. 10.639/2003: a abordagem curricular nos cursos de licenciatura. **Educação Por Escrito**, v. 16, n. 1, p. e45375, 2025.
- ALFARHAN, I. E. A. The influence of literature on the society. **International Journal of Social Science and Humanities Research**, v. 12, n. 1, p. 263-270, 2024.
- ALMEIDA, G. da S. T. A experiência da mulher na literatura medieval, moderna e contemporânea. **Rev. Fronteira Digital**, v.1, n.07, p. 33-42, 2023.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMARAL, G. M. do; MARQUES, M. I. B.; COQUEIRO, W. dos S. Heranças do colonialismo e desigualdades no trabalho docente do ensino superior: uma análise interseccional. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 8, n. 2, p. 01–21, 2026.
- ANDRADE, Vanessa de Araújo. E o Vento Levou: cinema, Guerra Civil Americana e silenciamento sobre a abolição. **Rev. Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 37, P. 45-61, 2020.
- ANDRETA, B. L. A literatura afro-brasileira de autoria feminina: um estudo de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. **Rev. ao pé da Letra**, v. 15.2, p. 29-50, 2013.
- ANJOS, J. R. R. dos. ENSINO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ECOS DA LEI 10.639/2003. **Revista Pedagogia Social**, v. 16, n. 1, p. 1-19, 2023.
- ARAÚJO, A. F.; FERNANDES, J. P. R. de M.; ARAÚJO, J. M. de. A educação na contemporaneidade: entre a emancipação e o retrocesso. **Rev. Brasileira de Educação**, v. 26, p. 1-23, 2021.

ARAÚJO, A. M. A.; OLIVEIRA, B. C. de; OLIVEIRA, F. R. A. de; FERNANDES, N. L. R.; LIMA, P. R. F. The actuality of Paulo Freire's Liberating Pedagogy: paths for Professional and Technological Education?. **Research, Society and Development**, v. 11, n.14, e170111436077, 2022.

ARAÚJO, R. C.; VIEIRA JUNIOR, P. A. O lugar de fala da mulher negra em Olhos d'água, de Conceição Evaristo. **Rev. Trama**, v. 16, n. 38, p. 75-88, 2020.

ARAÚJO, M.; MAESO, S. R. History textbooks, racism and the critique of Eurocentrism: beyond rectification or compensation. **Ethnic and Racial Studies**, v.35, n.7, p. 1266-1286, 2012.

ASSIS, A. M. DE; SOUSA, A. F. DE; LACERDA, C. DE L.; OLIVEIRA, M. E. DE; MACEDO, N. N. DE; MORAES, R. M. DE; CASTELHANO, M. V. C. Educação libertadora e as suas mediações com a educação inclusiva: reflexões a partir do pensamento freiriano. **Rev. Brasileira de Filosofia e História**, v.14, n.4, p. 1969–1973, 2025.

ATIENZO, D. R. C.; GODOY, M. C. Mulheres e literatura: vozes de reconhecimento, transgressão e identidade. **Letrônica**, v.13, n.1, e34935, 2020.

AZEVEDO, A. R. de; CASEIRO, L. C. Z. A educação superior pública na modalidade a distância no Brasil: desafios e possibilidades. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, v. 3, n. 4, p. 247-284, 2021.

AYRES, M.; AYRES JÚNIOR, M.; AYRES, D. L.; SANTOS, A. D. A. **BioEstat**: aplicações estatísticas nas áreas das ciências Bio-médicas. Belém: CNPQ, 2007. 364p.

BAHIA, B. C. de M.; SANTANA, F. H. V. de L.; SIMPLICIO, M. D. Racismo estrutural, educação e identidade: uma análise crítica sobre a formação social brasileira. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, n.58, p. 1-17, 2023.

BANDEIRA, M. A.; PORTILHO, R. Reading conceptions and reader formation in the first years of fundamental education in official teaching documents. **Rev. Bras. Psico. e Educ.**, v. 22, n. 1, p. 171-188, 2020.

BARBOSA, A. G. da S.; MAGALHÃES, J. S. T.; ORDÓÑEZ, J. O ensino da literatura e sua contribuição para a formação do leitor no ensino médio. **Recima21**, v.3, n.6, e361499, 2022.

BARROS, A. A influência da cultura afro-brasileira na literatura: uma análise sobre a importância da representatividade através dos autores afro-brasileiros. **Rev. Tópicos**, v. 1, n. 4, p. 1-33, 2023.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos da Metodologia Científica**: A metodologia e a universidade; O trabalho científico: estruturação. 3. ed. São Paulo: **Pearson Education**, 2008.

BARROS, L. B. Racismo no Brasil: teorias raciais e as heranças da escravização no Brasil. **Rev. Em Favor de Igualdade Racial**, v. 5, n. 3, p. 49-60, 2022.

BARROS, S. Enraizando a Lei 10639/03: literaturas africanas na educação básica. **Rev. Mulemba**, v.10, n.19, p. 24-33, 2018.

BASSETE, C.S.; SANTANA, M. F.; BATISTA, M. F. Leitura literária como recurso pedagógico no processo de ensino aprendizagem de educação antirracista. **Inventário**, v. 32, p. 207-220, 2023.

BATISTA, L. M. B. M.; CUNHA, V. M. P. da. O uso das metodologias ativas para melhoria nas práticas de ensino e aprendizagem. **Docent Discunt**, v. 2, n. 1, p. 60–70, 2021.

BEM, G. M. de; SILVA, C. N. M. da; REGES, M. A. G. Educação e formação docente: uma visão a partir de Paulo Freire. **Rev. Ed. Popular**, ed. esp., p. 84-96, 2021.

BEZERRA, R. J. L. School history and History teaching in Brazilian basic schooling: Reflecting on historical courses, contexts and discussions. **Research, Society and Development**, v.10, n.8, e19510817344, 2021.

BIANCONI, L. A Natureza da Consciência Humana. **Rev. do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v.14, n.1, p. 1-10, 2022.

BICALHO, M. G. P.; SOUZA, M. C. R. F. Relação com o saber de estudantes universitários: aprendizagens e processos. **Educ. Pesqui.**, v. 40, n. 3, p. 617-635, 2014.

BORBA, P. Para uma teoria crítica do eurocentrismo: história, colonialismo e o resto do mundo. **Rev. Estudos políticos**, v.11, n.1, p. 51-70, 2020.

BRANDÃO, F. DCB. A literatura feminina no Maranhão, autoras e obras face à academia maranhense de letras (aml). **Racima21**, v. 2, n. 5, p. 1-10, 2021.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRAÚNA, C. J. D.; SOUZA, D. da S.; SOBRINHA, Z. M. L. A. Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.

BARTOSCH, J.; LOHMEYER, N.; AUSCHRA, C.; JACKSON, G. Gendered publication patterns in Socio-Economic Review, **Socio-Economic Review**, v.21, n.3, p. 1273–1289, 2023.

BERTOLI, L. D.; MOREIRA, C. R. B.; PACHECO, K. C. Necropolítica e biopoder: a representação da mulher negra nas obras de maria firmina dos reis. **Revista Guará – Rev. de Linguagem e Literatura**, v. 14, n. 1, p. 115–126, 2024.

CARDOSO, A.; ESTRELA, A.; FERREIRA, P.; GONÇALVES, C. Hábitos de leitura à entrada no ensino superior: o perfil de leitor de alunos da licenciatura em educação básica. **Pensares em Revista**, n. 26, p. 55–68, 2022.

CALEGARI, L. C. O cânone literário e as expressões de minorias: implicações e significações históricas. **Revell**, v. 2, n. 5, p. 29–44, 2015.

CAMATA, M. B. T.; COSTA, E. G. da. A Perspectiva histórica da Lei 10.639/03 – Movimentos, cenários e percursos. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, n.6, p. 180-193, 2021.

CAMPOS, M. A. de. Autorrecuperando Maria Firmina dos Reis. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 22, n. 2, p. 23–34, 2022.

CARVALHO, A. M. de; TEIXEIRA, G. M. I. A invisibilidade da literatura afro-brasileira. **Apoena**, v. 4, p. 1–16, 2021.

CARVALHO, C. F.; SILVA, J. de C. R. Percepções de estudantes do ensino superior sobre o feedback docente e desempenho acadêmico. **Rev. Brasileira de Educação**, v. 26, e260081, 2021.

CARVALHO, G. de A. P.; LUCAS, F. C. de; SANTOS, D. B. dos; SOUZA JÚNIOR, J. A. de; SOUZA, S. A. de; GOMES, M. R. A função social da literatura na construção de identidade e narrativas culturais. **IOSR Journal of Business and Management**, v.27, n.1, p. 12-25, 2025.

CARVALHO, T. R. de; SANTOS, D. S. dos; SANTOS, L. S. dos. Ancestralidade africana na literatura brasileira: a identidade cultural do sujeito diaspórico em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Rev. Alerê**, Tangará da Serra, vol. 20, n. 2, p. 43-70, dez. 2019.

CEZAR, M. dos S. Formação docente como prática da liberdade: contribuições do pensamento freireano na atualidade. **Rev. de História da Educação Matemática**, v. 10, p. 1–18, 2024.

CHAVES, V. P. Recepção e fortuna crítica de escritoras brasileiras no almanaque de lembranças luso-brasileiro. **Rev. de Literatura e Vida Social**, v. 24, p. 99–126, 2018.

CHEHAB, I. M. C.; AGAPITO, V. H. “Úrsula”: possíveis contributos para o enfrentamento da visão consolidada de “escravidão benigna” e dos seus conseqüências para o Brasil no tempo presente. **Themis: Revista da Esmec**, v. 17, n. 2, p. 125–149, 2019.

CLARK, C. P.; GRIESHABER, S. Teacher critical reflection: what can be learned from quality research?. **Aust. Educ. Res.** v.51, p. 697-717, 2024.

CONCEIÇÃO, S. L. da; COSTA, C. D. M. da; MORAIS, J. de S.; SILVA, J. C. A. Leitura literária afro-brasileira na educação infantil e suas contribuições numa prática sociocultural. **Educação Em Foco**, v.28, n.54, p. 1-26, 2025.

CONCEIÇÃO, N. C. da; SANTOS, I. S. dos. Educação antirracista: experiências com a poesia de negra áurea em sala de aula. **Rev. Contemporânea**, v.5, n.8, e8796, 2025.

CORRÊA, L. S. Maria Firmina dos Reis: protagonista da liberdade feminina e étnico-racial. **Caderno Prudentino de Geografia**, p. 80-101, 2025.

CORRÊA JUNIOR, P. C. S.; SOUZA, E. C.; BERND, Z. Antologia de poesia afro-brasileira e a educação básica: mudanças no ensino de literatura após a lei nº. 10.639/03. **La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v.15, n.2, p. 11-20, 2010.

CORREIA, J. dos S. O uso de fontes no ensino de história: o livro Úrsula de Maria Firmina dos Reis na busca pelo escravo real. **História & Ensino**, v. 18, n. 2, p. 179–201, 2012.

CORREIA, J. S. Maria Firmina dos Reis, vida e obra: uma contribuição para a escrita da história das mulheres e dos afrodescendentes no Brasil. **Revista Feminismos**, v. 1, n. 3, 2014.

COSTA, L. A. da S.; ARRUDA, R. R. de; CADONÁ, E. O papel da escola no combate ao racismo. **Jamaxi**, v.8, n.1, p. 28-35, 2024.

COSTA, L. C. S.; SOUZA, D. M. B. de. Entre o silêncio e a palavra: a autorrepresentação da mulher negra em Úrsula de Maria Firmina dos Reis. **A Cor das Letras**, v. 24, n. 1, p. 142-163, 2023.

COSTA, S. da R.; PEREIRA, S. da S.; DIAS, L. R. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. **Rev. da ABPN**, cidade, v. 14, n.3 9, p. 125-139, 2022.

COSTA, T. B.; EHRENBERG, M. C. Colonialismo, corpo negro e identidade: uma análise fanoniana sobre a experiência de estudantes negros no contexto escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, p. 1-17, 2025.

CRUZ, E. S.; CUNHA, E. dos S.; PIRES, R. M. C. Potência de vozes negras na literatura feminina de Conceição Evaristo. **Rev. Philologus**, n.78, p. 2889-2902, 2020.

COSTA NETO, A. G. da. Antirracismo, pertinência étnico-racial e a reparação da escravidão. **Conjecturas**, v. 22, n. 18, p. 582–605, 2022

CUNHA, I.; SILVA, N. A. da; MENDES, A. de M. Feminismo negro e o rompimento da história única: uma análise do conto “No seu pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Rev. A Cor das Letras**, v.24, n.1, p. 163-174, 2024.

DADICO, L. Leitura literária, experiência e formação do indivíduo: reflexões a partir da crítica de Adorno. **Rev. Psicologia USP**, v. 28, n. 2, p. 179-188, 2017.

DALCOL, M. S.; ALÓS, A. P. “O mundo da vida e o mundo do texto em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis”. **Rev. Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, e50550, 2019.

DAVID, J. K. de S.; FERREIRA, L. A. A.; ALEXANDRINO, T. M. A mulher negra, o mercado de trabalho e o acesso a direitos. **Rev. da Defensoria Pública RS**, v. 1, n. 34, p. 78-96, 2024.

DARWICH, R. A.; NUNES, P. M.; SILVA, M. do P. S. C. da; CASTRO, J. G. de O.; TEIXEIRA, L. R. Prazer em ler e formação de leitores: uma abordagem analítico-comportamental. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.72, n.2, p. 141-154, 2020.

DIEHL, V.; ALVES, I.; HONORATO, I. C. N. O ponto a ponto de uma costura antirracista: Literatura negra e arte na escola. **Rev. NUPEART**, v. 29, n. 1, P. 66-82, 2025.

DOURADO, L. A. da C.; CAMARGO, F. P. Estilhaçando a máscara do silenciamento: a potente literatura negra de Conceição Evaristo. **Signótica**, Goiânia, v. 35, p. e74432, 2023.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. São Paulo: Itaú Social; Mina Comunicação e Arte, 2020. 282 p.

DUARTE, E. de A. (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. 356 p.

DUARTE, E. de A. Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos Reis. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 59, p. 223–236, 2018.

DUARTE, E. de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, n.23, p. 113-138, 2010.

DUARTE, E. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, p. 11–23, 2011.

DUARTE, R. de J. Políticas de memória e literatura negra na Bahia: uma proposta de constituição de um acervo digital. **Rev. Estudos Linguísticos e Literários**, n. 76, p. 1–16, 2024.

EUZÉBIOS FILHO, A.; GUZZO, R. S. L. Psicologia e Consciência de Classe “Para-Situações e desafios na direção da mudança social. **Psicologia política**, v.15, n.33, p. 255-268, 2015.

EVARISTO, C. **Olhos d’água**. 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FAUSTINO, L. “Autora de Seus Dias”: a Mobilização Crítica de Maria Firmina dos

Reis no Romantismo Brasileiro. **Rev. Criação & Crítica**, v. 38, p. 150-173, 2024.

FERNANDES, H. de F.; ANDRADE, A. I. Formação de professores para a justiça social: uma revisão de estudos empíricos. **Educação em Revista**, v.36, e223663, 2020.

FERNANDES, J. S. Vozes femininas na poesia afro-brasileira dos Cadernos Negros. **Rev. Via Atlântica**, v. 26, n. 1, pp. 47-81, 2025.

FERREIRA, A. de S. S.; CONCHA, E. S. de A.; ARAS, L. M. B. de. “E eu não sou uma intelectual?": a afirmação da mulher negra no feminismo acadêmico. **Rev. Feminismos**, v. 11, n. 2, e11223065, 2024.

FERREIRA, C. J.; SILVA, T. da C. M. Minha cor, minhas marcas: ficção e história na obra Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Decifrar**, v. 10, n. 20, p. 63-87, 2022

FERREIRA, E. R. P.; ROQUE, M. C.; TAUFER, A. L. O estereótipo e a representação do negro na literatura brasileira do século XIX: entre fissuras e cristalizações de discursos. **Rev. Cad. Aplicação**, v.36, n.1, p. 1-18, 2023.

FERREIRA, J. F. V. Romantismo: A Formação da Literatura Brasileira. **Revista Vozes dos Vales**, n.2, p. 1-12, 2012.

FERREIRA, J. G. B. PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE LEITURA NO CURSO DE LETRAS. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 12, n. 35, p. 141–157, 2022.

FISCHER, R. M. B.; SILVA, T. R. S. da. Literatura e formação: o prazer do texto entre as margens do sistema escolar. **Rev. Brasileira de Educação**, v.23, e230097, 2018.

FIGUEIREDO, J. dos S.; OLIVEIRA, M. M.; ARAÚJO, J. do N. A Persistência da Letalidade e das Desigualdades Raciais na Sociedade Brasileira: um estudo sobre o legado colonial e o racismo estrutural. **REH-Revista Educação e Humanidades**. v. 6, n.2, p. 81-91, 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, J. D.; WANDERLEY, N. DE A. A representatividade de mulheres negras na literatura brasileira: uma leitura de cordéis de Jarid Arraes. **Rev. FronteiraZ**, v.31, p. 5-25, 2023.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Trad. J. E. Costa. São Paulo: Artmed, 2009.

FONTES, N. C. L. “Quarto de despejo”: a escrivência de Carolina Maria de Jesus sob a ótica da análise de discurso crítica. **Rev. Philologus**, n. 78, p. 3055-3072, 2020.

FORTUNATO, C.; PEREIRA, W. da S. A obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira": a formulação da lei nº 10.639/03 revisitada a partir do modelo de coalizão de defesa. **RP3 - Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, v. 1, n.

1, p. 1-10, 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, M. A. de. O Perfil do Aluno da Educação a Distância e seu Estilo de Aprendizagem. **EaD em Foco**, v. 6, n. 2, p. 76-91, 2016.

GOMES, B.; HERNECK, H. R. Relações étnico-raciais e produções de estereótipos e subjetividades racistas: pensando chaves interpretativas não eurocentradas. **Faces de Clio**, v. 10, n. 19, p. 65–80, 2024.

GOMES, E. R. R.; SOUZA, P. da S.; ARAGÃO, P. C. de. Literaturas infanto-juvenis negra-brasileira e indígena como prática inclusiva e antirracista nas infâncias. **REIN - Revista Educação Inclusiva**, v. 10, n. 1, p. 5–18, 2025.

GOVENDER, N. K. Alienation, reification and the banking model of education: Paulo Freire's critical theory of education. **Acta Academica: Critical Views on Society, Culture and Politics**, v.52, n.2, p. 204–222, 2020.

GUERRA, A. de L. e R. Metodologias e classificação das pesquisas científicas. **RECIMA21**, v.5, n.8, e585584, 2024.

GUERCH, C. A. Formação docente para a diversidade: um saber plural. **Holos**, v.6, p. 1–17, 2019.

GUIMARÃES, A. S. A. Acesso de negros às universidades públicas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 247-268, 2003.

GURIEVA, S. D.; KAZANTSEVA, T. V.; MARARITSA, L. V.; GUNDELAKH, O. E. Social Perceptions of Gender Differences and the Subjective Significance of the Gender Inequality Issue. **Psychol Russ.**, v.15, n.2, p. 65-82, 2022.

GUTIÉRREZ, S. M.; GRECCO, G. de L. Literatura antimordação. Escritoras e escritas silenciadas durante o franquismo. um estudo pela perspectiva de gênero. **Estudos Históricos**, v. 33, n. 70, p. 318-337, 2020.

HEINZ, M.; RORY, M.D.; KEANE, E. The essential role of teacher diversity in creating equitable and inclusive learning environments: an interdisciplinary conceptual framework. **Learning Environ Res.**, v. 28, p. 387–407, 2025.

HALLIDAY, E.; BOCKLER, J. How Transformative Experiences Reshape Values, Worldviews, and Engagement with Sustainability: An Integral Inquiry. **Challenges**, v.16, n.3, e30, 2025.

HIWARKHEDKA S. M.; SHARMA, A. Patriarchal Dominance in English Literature. **International Research Journal on Advanced Engineering and Management**, v.2, p. 1228-1231, 2024.

HOOKS, B. E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo. 2. ed. Rio de Janeiro: **Rosa dos Tempos**, 2020.

KEROMNES, G.; CHOKRON, S.; CELUME, M. P.; BERTHOZ, A.; BOTBOL, M.; CANITANO, R.; DU BOISGUEHENEUC, F.; JAAFARI, N.; COLLOT, N. L.; MARTÍN, B.; MOTILLON, T.; THIRIOUX, B.; SCANDURRA, V.; WEHRMANN, M.; GHANIZADEH, A.; TORDJMAN, S. Exploring Self-Consciousness From Self- and Other-Image Recognition in the Mirror: Concepts and Evaluation. **Front Psychol.**, v.7, n.719, p. 1-10, 2019.

KETKO, T. Teachers in Multi-Cultural Societies: Excellence and Leadership. International Journal of Learning, **Teaching and Educational Research**. v. 16, n. 4, p. 54-66, 2017.

KNONKEL, E. N.; CARDOSO, M. A.; HOFF, S. A condição social e educacional das mulheres no brasil colonial e imperial. **Roteiro**, v. 30, n. 1, p. 35–60, 2015.

KOWALCZUK, C. G.; OLIVEIRA, V. H. N.; VASQUES, D. G. Análise das percepções sobre ciência e iniciação científica de jovens estudantes do ensino básico. **Rev. Sobre Tudo**, v. 12, n. 2, p. 271-289, 2021.

KRACHENSKI, N. Escravidão e subjetividade: notas sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Itinerários**, n. 46, p. 51-61, 2018.

LAMSAL, H. L. Critical Pedagogy in Addressing Social Inequality and Promoting Social Justice in Education. **Advances**, v.5, n.3, p. 77-83, 2024.

LEONARDELI, P. B.; CASTRO, A. V. G.; MEIRELES, C. L. Literatura afro-brasileira e a afirmação da identidade cultural e étnicas de alunos negros dos anos iniciais do ensino fundamental de Linhares-ES, **Kiri-kerê**, v.1, n.19, p. 17-37, 2024.

LIMA, D. M. de S.; COSTA, L. C. S. Entre o silêncio e a palavra: a autorrepresentação da mulher negra em Úrsula de Maria Firmina dos Reis. **Rev. A Cor Das Letras**, v.24, n.1, p. 142-163, 2023.

LIMA, M. D. S.; ALMEIDA, V. G. Mercado Editorial Brasileiro e a Literatura Afrodescendente: visibilidade de autores (as) negros (as) e incentivo à leitura. **Folha de Rosto**, v. 4, n. Especial, p. 15-24, 2019.

LIMA, W. de A. A literatura afro-brasileira e o narrar interno. **Rev. Saridh**, v.3, n.1, p. 60-81, 2021.

LIRA, P. L. A escrita revolucionária de Maria Firmina dos Reis – a mina! **Lutas Sociais**, v.26, n.49, p. 297–313, 2022.

LOPES, L. do S. S.; MOTA, A. da S. Brasil colonial, patriarcalismo e violência de gênero. **Revista DCS**, v. 23, n. 90, p. 01-17, 2026.

LUCY, L.; GRIFFITHS, C.; YING, C.; EBIO, J. J. K.; LEVINE, S.; EBERHARDT, J. L.; BAMMAN, D.; DEMSZKY, D. Racial and ethinc representation in literature taught in US high schools, **Journal of Cultural Analytics**, v.10, n.1, p. 1-36, 2025.

MACHADO, M. H. P. T. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados**, v.33, n. 96, p. 93-108, 2019.

MACENA, K. P. da S.; AZEVEDO, N. D. de. Maria Firmina dos Reis na Imprensa do Século XIX. **Rev. Investigações**, v.37, n.1, p. 1-17, 2024.

MAHER, K.; RIGNEY, L. I.; KING, M.; GARRETT, R.; WINDLE, J.; MENON, N.; WRENCH, A.; CARTER, J.; PAIGE, K.; O'KEEFFE, L.; LOVELL, M.; SCHULZ, S.; SOONG, H.; COLTON, J.; MCDONALD, S.; HATTAM, R. Curriculum, democracy and pedagogies for justice: a collective futures dialogue. **Curric Perspect**, v.44, p. 105-119, 2024.

MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; CCB, 1996. 252 p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARCHESAN, J.; GUERBER, P. M. W.; LICNERSKI, J. R. Considerações sobre o processo de colonialismo brasileiro, **Rev. Profanações**, v. 12, p. 82-103, 2025.

MARIANO, J. Do mestiço à negra dor silenciada: o silêncio na literatura afro-brasileira. **Em Tese**, v. 28, n. 3, p. 168–181, 2023.

MARKAUSKAITE, L.; CARVALHO, L.; FAWNS, T. The role of teachers in a sustainable university: from digital competencies to postdigital capabilities. **Education Tech Research Dev.**, v.71, p. 181-198, 2023.

MARQUES, E. de S. Educação e relações étnico-raciais no Brasil: as contribuições das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 para a decolonização do currículo escola. **Revista de Educação Pública**, v. 23, n. 53/2, p. 553–571, 2014.

MARRA, L.; MARINGOLO, C. B. Literatura Afro-brasileira textualidade e corporeidade. **Rev. Em tese**, v.26, n.1, p. 14-31, 2020.

MARTINIAK, V. L.; SILVA, E. B. da. A leitura como uma prática social na escola: um estudo com alunos dos anos iniciais. **Rev. Profissão Docente Online**, v.13, n. 28, p. 58-69, 2013.

MARTINS, J. L. G.; JESUS, G. A. S. A Educação como caminho para a equidade social: o papel da escola e do professor. **Rev. Unifal em Pesquisa**, v.14, n.2, p. 236-252, 2024.

MASNAWATI, E.; KURNIAWAN, Y. Social Factors that Shape Reading Habits in Individuals. **Journal of Social Science Studies**, v.2, n.1, p. 143-146, 2022.

MATIAS, G.; GUIMARÃES, S. A produção sobre o tema relações étnico-raciais em cursos de licenciatura em letras um olhar sobre a literatura negro-brasileira na pesquisa acadêmica – um inventário. **IVY Enber Scientific Journal**, v.1, n.1, p. 60-90, 2021.

MAYO, P. A inflexão marxista de práxis na pedagogia política de Paulo Freire. **Debates em Educação**, v. 13, n. esp, p. 82–99, 2021.

MEDEIROS, F. C. N. de. A perspectiva libertadora da educação: uma análise do pensamento freiriano e suas contribuições na atualidade. **Rev. Inter-Ação**, v. 45, n. 3, p. 874–889, 2021.

MEDEIROS, V.; REZENDE, N. L. de. Literatura afro-brasileira no proletras: concepção e prática pedagógica. **Pensares Em Revista**, v.31, 151–167, 2024.

MEDEIROS, W. O. de; PINHO, F. A. Intercomunicação entre a organização da informação e do conhecimento, os estudos sobre memória e a produção de obras artísticas. **Liinc em Revista**, v. 14, n. 2, p. 184-198, 2018.

MELO, R. A. T. de; SILVA, L. P. da; SOUZA JUNIOR, E. V. de S. Uma análise histórico-literária da metáfora do escravizado nos romances *A escrava Isaura* e *Úrsula*: posições díspares. **Rev. C&Trópico**, v. 48, n. 2, p. 91-116, 2024.

MELO, L. A. N. de; MIRA, A. P. V. J. de. O pretuguês em sala de aula: racismo linguístico e as práticas pedagógicas da(o) docente de língua portuguesa. **Revista Inter-Ação**, v. 46, n. 3, p. 1395–1412, 2025.

MELONIO, B. D. M. L.; MORAIS, E. C.; LOBATO, L. M. O papel feminino na sociedade colonial brasileira: imaginário cristão, controle patriarcal e práticas de resistência. **Aurum Editora (e-books)**, p. 504–514, 2025.

MEMORIAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS. Imagens. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/categoria/imagens/page/2/>. Acesso em: 24 jun. 2026.

MEMORIAL MARIA FIRMINA DOS REIS. *Úrsula*. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/categoria/obras/ursula/>. Acesso em: 25 jun. 2026

MEMORIAL MARIA FIRMINA DOS REIS. Firmina na imprensa: outras referências (século XIX). Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/categoria/firmina-na-imprensa/nos-periodicos-seculo-xix/outras-referencias/>. Acesso em: 24 jun. 2026.

MENDES, A. de M. O discurso antiescravagista em *Úrsula*, de Maria Firmina Dos Reis. **Rev. Cerrados**, v.20, n.31, p. 75-92, 2011.

MENDES, M. R. T. “Maria Firmina dos Reis: mulher e escritora oitocentista”. **RevIU**. v. 2, n. 1, p. 39-48, 2014.

MENDES, R. G. Análise dos critérios da legislação brasileira sobre a garantia do acesso à educação. **ATÂTÔT**, v.4, n.1, p. 76-104, 2023.

MESQUITA, A. P. de; CASSIANO, L. J. dos S. Capitalismo, patriarcado e racismo: revisitando o lugar da mulher na formação socio-histórica brasileira. **Rev. Feminismos**, v. 11, n. 1, e11123039, 2023.

MIRANDA, F. R. Maria Firmina dos Reis: a fundadora negra de outra tradição literária brasileira. *Rev. Cadernos de Literatura Comparada*, n. 43, p. 61–74, 2021.

MIRANDA, F. R. Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras: silêncios prescritos. *Revista Crioula*, n. 23, p. 214–230, 2019.

MIRANDA FILHO, J. R. C. A origem da literatura maranhense. *Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 13, n. 26, p. 37-52, 2022.

MITSUUCHI, J. T. A. Contextos, reflexões e análises: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo. *Rev. Vernáculo*, v. 41, p. 255-282, 2018.

MOODLEY, D. E.; CHETTY, R. Conceptualizing critical thinking pedagogy in teacher education. *Childhood & Philosophy*, v.20, p. 02-23, 2024.

MOORE, Carlos. Racismo: passado conflituoso, presente comprometido, futuro incerto. In: MOORE, Carlos. Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: **Mazza Edições**, 2007. p. 279-286.

MOURA, D. C. de. A Leitura de Literaturas Negras na Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades. *Rev. Internacional de Educação de Jovens e Adultos*, v. 4, n. 08, p. 60–76, 2023.

MORAES, C. L. G.; PEREIRA, D. de C. Diálogos interculturais e narrativa épica no “Romance brasiliense” Gupeva, de Maria Firmina dos Reis. *Contexto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES*, n.37, p. 28-46, 2020.

MORAIS FILHO, N. **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2>. Acesso em: 2 de fev 2026.

MULLER, D. V. da R. Apontamentos sobre escravidão e racismo no Brasil. *Laborare*, n.9, p. 151-169, 2022.

MUNANGA, K. (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204 p.

MÚSICA BRASILIS. **Maria Firmina dos Reis – Hino à liberdade dos escravos**. Disponível em: https://musicabrasilis.org.br/pt-br/partituras/maria-firmina-dos-reis-hino-a-liberdade-dos-escravos/?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 25 mar. 2026.

MUZART, Z. L. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. *Rev. Muitas Vozes*, v.2, n.2, p. 247-260, 2013.

NASCIMENTO, L. S.; SANTOS, M. dos. A linguagem da mulher negra: vozes que transcendem o silenciamento. *Rev. Água Viva*, v. 3, n. 3, p. 1-21, 2018.

NAVRRO, J. Exploring Gender and Society: A Sociological Perspective on Inequality and Social Constructs. *Journal of International Social Research*, v.17, n.119, 2024.

NICOSON, C.; TEIXEIRA, B. M.; MÅRTENSSON, A. Re-Imagining Peace Education: Using Critical Pedagogy as a Transformative Tool. **International Studies Perspectives**, v.25, p. 448-468, 2024.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Rev. Educação & Sociedade**, n.78, p. 15-36, 2002.

NOVACK, V.; CHAGAS, G. Um novo sistema literário se consolida: uma análise das obras de escritoras negras entre 2003 e 2023. **Palimpsesto**, v. 24, n. 48, p. 440-464, 2025.

NUNES, D. de F.; PIRES, E. F.; MAIA, M. F. G. Relações de gênero, renda e trabalho em microdados sobre formação inicial de professores/as no Brasil: uma análise multivariada. **Educação**, v. 45, e40318, 2020.

OLIVEIRA, A. de J.; REIS, M. S. C. Escritas negras femininas: algumas leituras de resistência. **Rev. A Cor das Letras**, v. 21, n. 3, p. 198-211, 2020.

OLIVEIRA, A. V. de; SOUSA, M. V. S. de; SOUZA, D. C. C. de. Os desafios da literatura afro-feminina no brasil: um debate crítico da cultura afrodescendente. **Rev. Educ., Cult. Soc.**, v. 9, n. 1, p. 110-124, 2019.

OLIVEIRA, B. R. C. de; CASTELLANOS, S. L. V. Letramento literário: as obras maranhenses na formação do aluno-leitor. **ARACÊ**, v. 6, n. 3, p. 5637–5655, 2024.

OLIVEIRA, G. de; VENERA, R. A. S. O papel da memória nas narrativas de vida e resignificação de sentidos: narrativas e memórias. **Missões: Rev. de Ciências Humanas e Sociais**, v.8, n.3, p. 88-105, 2024.

OLIVEIRA, I. B. de. Educação bancária é emissão de conteúdos: transmissão exige comunicação dialógica. **Rev. de Comunicação Dialógica**, n. 5, p. 9–30, 2021.

OLIVEIRA, L. H. S. de. A razão negra e o projeto romântico: dupla face do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. **Rev. Matraca**, v.26, n.48, p. 654-671, 2019.

OLIVEIRA, N. da S. de. “Escrever é sangrar”: reflexões sobre ancestralidade, racismo e dor em *Olhos d’água* de Conceição Evaristo. **Rev. Aletria**, v. 29, n. 1, p. 179-195, 2019.

OLIVEIRA, N. P. de; PEDROZA, R. L. S.; PAULINO, L. H. C. Z. Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista. **Rev. Brasileira de Educação**, v. 28, p. 1-23, 2023.

OLIVEIRA, N. da S. de; SOARES, A. N. Literatura afro-brasileira e exclusão. Literatura afro-brasileira e exclusão: dificuldades enfrentadas na materialização da Lei 10.639/2003. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 7, p. e133521, 2021.

OLIVEIRA, S. de; GUIMARÃES, O. M.; FERREIRA, J. de L. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. **Revista Linhas**, v. 24, n. 55, p. 210–236, 2023.

OLIVEIRA, S. H.; DIAS, E. da S.; CARVALHO, D. B. A. de. A experiência literária numa perspectiva humanística. **Via Atlântica**, v. 20, n. 1, p. 253–265, 2019.

OLIVEIRA, S. Maria Firmina dos Reis: a literatura subversiva de uma mulher negra contra a escravidão no Brasil do século XIX. **Romanica Olomucensia**, v. 33, n. 2, p. 275-287, 2021.

ORLANDO, A. F.; FERREIRA, A. de J. A sensibilização sobre a diversidade étnico-racial na formação inicial e/ou continuada de professores de línguas. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 36, n. 2, p. 207–216, 2014.

OZDEMIR, A.; KOC, Y.; GUNDOGDU, K. Development of Science Education Peer Assessment Scale: Validity and Reliability Study. **Psycho-Educational Research Reviews**, v.7, n.2, p. 93–103, 2018.

PAIVA, M. C. de. Entre a lembrança e o esquecimento: memória, história e patrimônio cultural afro-brasileiros. **Rev. Brasileira de História**, v. 41, n. 88, p. 57-80, 2021.

PALMEIRA, F. S. Narrativas afro-brasileiras: Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, diário de Bitita, de Maria Carolina de Jesus, e becos da memória, de Conceição Evaristo. **Rev. A Cor Das Letras**, v.10, n.1, p. 111-122, 2017.

PASQUALINI, J. C.; LAVOURA, T. N. A transmissão do conhecimento em debate: estaria a pedagogia histórico-crítica reabilitando o ensino tradicional?. **Educação em Revista**, v.36, e221954, 2020.

PAULA, M. H. de; FELÍCIO, C. F. Os impactos da lei 10.639/03 nos cursos de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Catalão. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 36, p. 348-369, 2020.

PAZ, S. O. Representatividade negra na literatura infantil: práticas de leitura que incentivam o empoderamento a partir da representação do cabelo crespo em livros infantis lidos em sala de aula. **Form@re**, v. 11, n. 2, p. 110-120, 2023.

PEREIRA, A. A.; TEIXEIRA, E. L. O Papel do Professor Diante das Diversidades e Singularidades dos Discentes Vivenciadas em Sala de Aula. **Docent Discunt**, v. 6, n. 00, p. e01963, 2025.

PEREIRA, D. C. Escravidão “um grande mal”: a tese de Maria Firmina dos Reis. **Rev. Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, n.40, p. 67-82, 2022.

PEREIRA, D. de C.; MENEZ, E. P. de. Picardia e malandragem em Pedro: O demônio familiar. **Revista ECOS**, v. 26, n. 1, p. 25-43, 2019.

PEREIRA, J. G. Uma análise sobre as categorias de desumanização do sujeito entre as personagens negras na obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. **Estudos Linguísticos**, v.48, n.2, p. 994-1011, 2019.

PEREIRA, M. M.; BRAULIO, W. L. de A. Literatura Afro-brasileira na escola: letramento racial e Afroletramento como instrumento de formação antirracista. **EccoS – Revista Científica**, n. 66, p. e25178, 2023.

PÖLLÄNEN, E.; OSIKA, W.; HORWITZ, E. B.; WAMSLER, C. Education for Sustainability: Understanding Processes of Change across Individual, Collective, and System Levels. **Challenges**, v.14, n.1, e5, 2023.

PORTO, L. B.; SILVA, J. R. L. da; SOUSA, N. S. de. A implementação da Lei 10.639/2003 nas escolas públicas brasileiras: desafios e perspectivas para a promoção de uma educação antirracista. **Rev. Educação e Emancipação**, v. 16, n. 3, p. 768–793, 2023.

PRADO, K. Formação docente e crítica social nas perspectivas de Paulo Freire e Bell Hooks. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 25, n. 01, p. EE05, 2025.

PUCHNER, M. **O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUADROS, D. M. de. Maria Firmina dos Reis e suas contribuições para a escrita feminina negra. **Trem de Letras**, v. 3, n. 1, p. 112–123, 2016.

QUADROS, D. M. Inscritura negrofeminina de Helena do sul (1940-2009): Os nós de "As filhas das lavadeiras" (2002). **Revista (Entre Parênteses)**, v. 12, n. 2, 2024.

RAMALHO, T. M. G. As escrevivências de Conceição Evaristo: as mulheres negras no centro das narrativas, **Sinop**, v.16, n.44, p. 594-617, 2023.

REIS, M. F. dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2018.

REIS, S. M. A. de O. Paulo freire: 100 anos de práxis libertadora. **Rev. Práxis Educacional**, v. 17, n. 47, p. 238-258, 2021.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. 1º ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, M. A. da. Na escrita romântica de Maria Firmina dos Reis, os primórdios de um feminismo negro brasileiro. **Rev. Fórum Identidades**, v. 38, n. 1, p. 233–246, 2023.

RIBEIRO, N. de J. M.; RÊGO, S. R. da C. O “silenciamento” da voz negra feminina: uma análise discursiva da obra de Maria Firmina dos Reis. **Cadernos Cajuína**, v.4, n.1, p. 208-231, 2019.

RIBEIRO, W. S.; MENDES, M. T. Racismo estrutural e permanência de estudantes negras/os na universidade. **Educação em Debate**, v. 45, n. 90, p. 1-15, 2023.

RICHARDS, J. S. Jurisdiction and Afro-Brazilian Legal Politics from Colonialism to Early Independence. **Past & Present**, v.265, s.17, p. 139-168, 2024.

RODRIGUES, D. de M. Teto de vidro: desconstrução dos discursos silenciados e autoria feminina negra em Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 5, n. 1, p. 4–18, 2021.

RODRIGUES, R. L. A ética na práxis freireana: educação para a liberdade e emancipação humana. **R. Katál.**, v.27, e-96359. 2024.

RODRIGUES, R. de O. B. Identidade textual e literatura negro-brasileira: processos de formação de leitores literários e escritores e a lei 10.639/03. **Rev. Interinstitucional Artes de Educar**, v. 10, n. 1, p. 164–178, 2024.

SAHOO, M. K.; DIVI, S. Integral Education with Societal Extension: Factoring Social Environment to Empower Future Generations with Holistic Human Development and Social Leadership. **Journal of Environmental Management and Tourism**, v. 14, n. 3, p. 670 - 677, 2023.

SALES, F. A.; PAIVA, J. S. de. Desvelando silêncios: Histórias e resistências de mulheres negras periféricas. **Periferia**, v.16, n.1 e85896, 2024.

SCHINKEL, A.; WOLBERT, L.; PEDERSEN, J. B. W.; RUYTER, D. J. de. Human Flourishing, Wonder, and Education. **Stud. Philos Educ.**, v. 42, p. 143–162, 2023.

SCHWERTNER, S. F. Entre a universidade e a escola: propostas de intervenção em instituições escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.21, n.1, p. 125-128, 2017.

SANTIAGO, D. L. Nênia: a musicalidade nos versos poéticos de Maria Firmina dos Reis. **Revista Criação & Crítica**, v. 31, n. 31, p. 312–325, 2022.

SANTOS, A. L. D. dos; VOSS, D. M. da S. O O que é feito da educação das relações étnico-raciais nos currículos?. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 11, p. 1-12, 2025.

SANTOS, B, F.; AGUIAR, F. S. de; SILVA, A. S. da. Educação antirracista: concepções teóricas e práticas na contemporaneidade. **Rev. Culturas & Fronteiras**, v.7, n.1, p. 54-74, 2023.

SANTOS, F. J. dos; CAVALCANTI, R. J. de S. Problematization of the Literary Canon: Anti-Patriarchal Perspective and Discussion on the Erasure of Literature by Female Authors in the School Curriculum. **Global Journal of Human-Social Science**, v. 23, n. G10, p. 49–68, 2023.

SANTOS, D. S. dos; CARVALHO, T. R. de. A representação do negro escravo na

narrativa Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Rev. Humanidades e Inovação**, v.5, n.1, p. 30-43, 2018.

SANTOS, K. S.; CARVALHO, Z. de J. V. de. Relações de gênero no romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 7, n. 3, p. 01–25, 2025.

SANTOS, I. M. dos. O direito antidiscriminatório na educação básica: uma proposta para além do “juridiquês”. **Rev. Em favor de igualdade racial**, v.8, n.4, p. 128-143, 2025.

SANTOS, M. A. F. dos. Uma voz feminina dissonante no Maranhão do século XIX: O discurso antiescravagista de Maria Firmina dos Reis. **Literatura e Autoritarismo**, v.40, p. 83–92, 2023.

SANTOS, M. C. dos. **Palavras além dos livros**: literatura negro-brasileira escrita por mulheres. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.

SANTOS, J. B. dos. A literatura afrodescendente de Maria Firmina dos Reis. **Literartes**, n. 5, p. 184-208, 2016.

SANTOS, J. R. de O.; BOTOSO, A. Autores brancos, personagens negros e a literatura da branquitude. **Em Tese**, v. 24, n. 3, p. 215–235, 2018.

SANTOS, J. R. de O.; VALE, R. A. L. do. Crítica literária negra: o estado da questão. **Estud. lit. bras. contemp.**, n. 70, e7006, 2023.

SANTOS, R. A. da S. O racismo estrutural no Brasil: desafios para o pensamento e atitudes antirracistas. **Rev. Crítica Histórica**, v.12, n.24, p. 415-420, 2021.

SANTOS, R. B. R. Entre a educação bancária e a interculturalidade: refletindo os ideais de Paulo Freire em tempos de “pátria educadora”. **Rev. Desenvolvimento & Civilização**, v. 3, n. 2, p. 59–77, 2022.

SANTOS, R. O. A literatura afro-brasileira e africana, caminho para implementação da lei 10.639/03. **Rev. Interinstitucional Artes de Educar**, v. 1, n. 2, p. 277–292, 2015.

SANTOS, Z. A.; RODRIGUES, I. de O. Literatura Afro-brasileira: questões teóricas-críticas. **Matraga**, v. 27, n. 49, p. 229-243, 2020.

SANTO, L. A. do E.; ARANTES, A. S. Percepções estudantis sobre racismo em uma escola pública. **Educação**, v. 51, n. 1, p. e85/01–20, 2026.

SARTESCHI, R. As literaturas de língua portuguesa no ensino básico: breve reflexão. **Via Atlântica**, v. 11, n. 2, p. 133–146, 2010.

SEIDEL, R. W.; BENTLEY, L. Teacher preparation needs critical consciousness. Social and Emotional Learning: **Research, Practice, and Policy**, v.5, e 100119, 2025.

SEMIÃO, D.; MOGARRO, M. J.; PINTO, F. B.; MARTINS, M. J. D.; SANTOS, N.; SOUSA, O.; MARCHÃO, A.; FREIRE, I. P.; LORD, L.; TINOCA, L. Teachers' Perspectives on Students' Cultural Diversity: A Systematic Literature Review. **Educ. Sci.**, v.13, n.12, e1215, 2023.

SERPA, L. G.; MACHADO, C. J. dos S.; NASCIMENTO, G. A. do. ALMEIDA, A. R. de. For an education in favor of praxis: action, education and culture. **Research, Society and Development**, v. 10, n.1, e54210112104, 2021.

SILVA, A. L. dos R.; LIRA, B. R. F.; RUELA, G. de A. Importance of active teaching-learning methodologies in higher education: An integrative review. **Research, Society and Development**, v. 14, n.3, e7313445360, 2024.

SILVA, A. R. S. da. A LITERATURA DE ESCRITORAS NEGRAS: UMA VOZ (DES) SILENCIADORA E EMANCIPATÓRIA. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 11, p. 175-188, 2013.

SILVA, A. W. da; OLIVEIRA, M. D. de. A literatura infantil negra em sala de aula: caminhos a desbravar por meio da formação docente. **Revelli**, v. 15, e-202309, 2023.

SILVA, C. C. S.; BRAGA, I. M. M.; SILVA, P. I. N. da; GOMES, S. F. M. O feminino negro: corpos afetados pelas faces da opressão e da desigualdade racial. **Rev. de Políticas Públicas**, v. 28, p. 557–574, 2024.

SILVA, C. S. da. a Túlio e Preta Suzana como sujeitos de sua própria história. **Rev. Zabelê**, v. 2, n. 2, p. 31-48, 2021.

SILVA, C. S. da. O Negro como símbolo de libertação em Úrsula: um olhar para Túlio e Preta Suzana como sujeitos de sua própria história. **Revista Zabelê**, v. 2, n. 2, p. 31-48, 2021.

SILVA, E. B. da; MARTINIAK, V. L. A LEITURA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL NA ESCOLA: um estudo com alunos dos anos iniciais. **RPD – Revista Profissão Docente**, v.13, n. 28, p. 58-69, 2013.

SILVA, E. F. A.; ARAÚJO, S. S. Colonialidade e modernidade: um complexo legado na integração da américa latina. **Cadernos Miroslav Milovic**, v.1, n.1, p. 41-46, 2023.

SILVA, E. K. S. da. Literatura Afro-brasileira e suas interfaces. **Palimpsesto**, v. 20, n. 36, p. 478-504, 2021.

SILVA, F. C. da. A literatura como suplemento da história em memórias silenciadas sobre a nação. **Afro-Ásia**, n. 62 p. 473-483, 2020.

SILVA, G.; PAIXÃO, F. A evolução do conceito "flexibilidade curricular", suas linhas e questões resultantes durante a década (2010-2019). **Rev. Contemporânea**, v.5, n.4, p. 1-14, 2025.

SILVA, G. R. da; BARROS FILHO, J. PRECONCEITO RACIAL. **Rev. Ibero-Americana De Humanidades, Ciências e Educação**, v.9, n.8, p. 2442–2458, 2023.

SILVA, J. A. da. A aprendizagem e o desenvolvimento sobre o ensino da leitura: uma reflexão para formação do leitor. **Rev. Falas Breves**, n.6, p. 57-64, 2019.

SILVA, J. B. da; COLVERO, R. B.; KNACK, E. Memória, identidade e representações sociais. **RIHGRGS**, n. 158, p. 43-58, 2020.

SILVA JUNIOR, C. da. Slavery and Racism as Major Factor of Structural Inequalities in Brazil in the Long-run. e-Journal of Portuguese History, **e-JPH**, v.20, n.1, p. 117-122, 2022.

SILVA, K. A. C. P. C. da. A formação de professores na perspectiva crítico-emancipadora. **Linhas Críticas**, v.17, n.32, p. 13–32, 2011.

SILVA, K. M. da. A importância da educação escolar para a formação humana. **Rev. Gesto-Debate**, v. 22, n. 22, p. 383-395, 2022.

SILVA, M. do S. L. da; LIMA, K. R. R.; PAULA, A. S. do N. de. Diversidade étnico-racial e a construção da identidade docente no curso de Letras: Estado da Questão. **Revista de Educação Popular**, v. 21, n. 1, p. 249–264, 2022.

SILVA, M. N. da. A população negra e o ensino superior no Brasil: algumas considerações. **Revista Universidades**, n. 87, p. 91-111, 2021.

SILVA, M. R. P. da. Literatura afro-brasileira na educação infantil: desafios à formação docente. **Rev. Educ. Form.**, v. 8, p. e10060, 2023.

SILVA, M. V. da; RODRIGUES, F. L. da C. A voz feminina e negra na literatura brasileira oitocentista: a autora e as personagens de úrsula. **Rev. Afluente**, v. 3, n.8, p. 2525-3441, 2018.

SILVA, R. A. da; FERNANDEZ, R. A. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica**, v.13, n.1, e35105, 2020.

SILVA, R. A. da; NASCIMENTO, B. dos S.; OLIVEIRA, P. L. Escritas negras importam: Maria Firmina dos Reis e seu romance Úrsula. **Littera online**, v.12, n.24, p. 88-107, 2021.

SILVA, R. B. da. A relação da literatura clássica brasileira com o racismo: uma análise sobre a reprodução dos estereótipos de raça. **Rev. Periagoge**, v.7, p. 1-25, 2024.

SILVA, R. da; TOBIAS, J. da S. A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. **Rev. do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 65, p. 177–199, 2016.

SILVA, S. T.; TRISTÃO, I. N. N. Representações de gênero e raça na cultura cinematográfica do filme E O Vento Levou (1939). **Rev. Práticas Educativas**,

Memórias e Oralidades, v.4, n.1, p. 1-6, 2022.

SILVA, R. R. C. C.; CARVALHO, F. O. História e cultura Afro-Brasileira e Africana: experiência na formação de professores a partir de um projeto de pesquisa-ação. **Revista Teias**, v. 22, p. 73–92, 2021.

SILVEIRA, J. I.; NASCIMENTO, S. L.; ZALEMBESSA, S. Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: para refletir sobre os desafios educação em direitos humanos. **Educar em Revista**, v. 37, e71306, 2021.

SOARES, F.; LOPES, A.; SERRÃO, C. FERREIRA, E. Fostering humanization in education: a scoping review on mindfulness and teacher education. **Front. Educ.**, v.9, e1373500, 2024.

SOARES, H. A.; ROCHA, M. T. G. Interculturalidade na escola: um estudo sobre os documentos que orientam as políticas de educação. **Rev. brasileira de educação, cultura e linguagem**, v. 9, n.18, p. 289–305, 2025.

SOARES, C. M.; JORGE, G. L. da S. Mulher negra na literatura: a palavra como instrumento de luta e resistência. **Revista Temas em Educação**, v. 29, n. 3, p. 27-46, 2020.

SOUZA, L. da S. Passado e presente em textos tecidos por mulheres: do processo histórico de subordinação das mulheres à escalada de Maria Firmina dos Reis e a literatura afro-brasileira. **Rev. Decifrar**, v. 11, n. 22, p. 85–104, 2024.

SOUZA, J. A. de; BRUSSIO, J. C. Racismo estrutural no Brasil: a luta por uma sensibilidade do mundo decolonial. **Rev. Odere**, v. 8, n.1, p. 264-284, 2023.

SOUZA, A. dos S. O tempo e o espaço no texto literário: perspectivas para o ensino da leitura. **Rev. do GELNE**, v.20, n.2, p. 177-189. 2018.

SOUZA, A. C.; ALEXANDRE, N. M. C.; GUIRARDELLO, E. de B. Psychometric properties in instruments evaluation of reliability and validity. **Epidemiol. Serv. Saude**, v.26, n.3, p. 649-659, 2017.

SOUZA, A. R. G. de; GODINHO, J. B. de A.; VALLE, M. E. do N. B. do. Literatura nacional e transformação social: a influência de autoras afro-brasileiras. **RE-UNIR**, v. 11, n. 2. p. 188-206. 2024.

SOUZA, R. de S.; SILVA, Y. F. de O. e. A educação na perspectiva emancipatória frente ao capitalismo neoliberal. **Rev. Buildind The Way**, v. 8, n. 2, p. 5-17, 2018.

SOUZA, S. A. de; BELTRAME, K. dos S. A importância da literatura: explorando seus papéis na sociedade contemporânea. **Rev. Geadel**, v.05, n.2, p. 11-25, 2024.

SOUZA, T. A.; PUCCI, R. H. P.; FERREIRA, L. H. Neotecnicismo pedagógico, inovação e o impacto na docência na educação superior. **Linhas Críticas**, v. 31, e54157, 2025.

- TAVARES, C. Educação integral, educação contextualizada e educação em direitos humanos: reflexões sobre seus pontos de intersecção e seus desafios. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 31, n. 2, p. 141-150, 2009.
- TAVAKOL, M.; DENNICK, R. Making sense of Cronbach's alpha. **Int. J. Med. Educ.**, v.2, p. 53-55, 2011.
- TEDESCHI, L. A. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Rev. Raído**, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016.
- TEIXEIRA, L. L.; VIEIRA, N. C. F.; SALES, S. M. de O. C. e. O ensino de literatura na escola: retrospectiva e desafios. **Revista X**, v. 14, n. 3, p. 105–120, 2019.
- TENNINA, L. Crítica situada: quatro postulados sobre o trabalho da crítica literária na cotidianidade. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.64, e641, 2021.
- THOMAS, E. S. S.; PEREIRA, A. L. Discursos de identidades de raça e etnia em representações de pessoas negras em livros didáticos. **Revelli**, v.15, p. 1-18, 2023.
- THUMALA OLAVE, M. A. Exploring the sacrality of reading as a social practice. **Am J. Cult. Sociol.**, v.9, p. 99-114, 2021.
- TIMBANE, A. A.; SANTOS, A. L. dos. A literatura afro-brasileira em sala de aula: caminhos para o incentivo da leitura e da história e da cultura. **Rev. Desenredo**, v.18, n.2, 2022.
- TOLOMEI, C. N. Maria Firmina dos Reis, decolonialidade e escrita abolicionista na imprensa maranhense oitocentista. **Rev. Ex aequo**, n. 39, p. 153-168, 2019.
- TRAVASSOS, C.; WILLIAMS, D. R. The concept and measurement of race and their relationship to public health: a review focused on Brazil and the United States. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n.3, p. 660-678, 2004.
- TRIGUEIRO, R. M.; RICIERI, M.; FREGONEZE, G. B.; BOTELHO, J. M. Metodologia científica. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2014.
- WAHYUNI, L.; JIA, C.; WAHYUNI, S.; MUJianto, G.; VINAHARI, D. K.; MELATI, I. K. The role of literature in shaping cultural identity and social consciousness in contemporary education. **KEMBARA**, v.10, n.2, p. 789-803, 2024.
- VAN BEVEREN, L.; ROETS, G.; BUYSSE, A.; RUTTEN, K. We all reflect, but why? A systematic review of the purposes of reflection in higher education in social and behavioral sciences. **Educational Research Review**. v.24, p. 1-9, 2018.
- VIEIRA, B. V. G. Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis: o que fala ou cala em uma obra afro-brasileira. **Rev. Itinerários**, n. 59, v. 2, p. 167-189, 2024.
- VIEIRA, M.; CRUZ, J. F. da; OLIVEIRA, M. R. R. de. Literatura afro-brasileira: uma instância das linguagens para uma educação antirracista. **InterAção**, v.15, n.3, e88450, 2024.

VIEIRA, J. P.; NOGUEIRA, N. H. de A. A interseccionalidade trágica em Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis: um estudo da personagem Mãe Susana. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 34, n. 4, p. 221–235, 2024.

VITORINO, C. C.; FERREIRA, E. M. de O. Literatura negra, cultura e formação cidadã antirracista. **Rev. Alembra**, v.3, n.6, p. 1-5, 2021.

ZONTA, G. A.; ZANELLA, A. V. Sentidos da vivência universitária para estudantes com mais de 40 anos. **Psicologia em Estudo**, v. 27, e48550, 2022.

ZIN, R. B. O direito à literatura afro-brasileira. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 32, p. 23–37, 2021.

ZUKOSKI, A. M. S. A marginalização da escrita feminina: a trajetória de obstáculos enfrentados pelas escritoras. **Raído**, v.14, n.35, p. 77–91, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A OBRA *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Pesquisadora responsável: Ana Florise Morais Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Dênis Moura de Quadros
Instituição de ensino: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Curso de Licenciatura em Letras – Português (EaD)
Local da coleta de dados: Google Forms
Informações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIPAMPA):
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa (CEP/UNIPAMPA)
Endereço: Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, Uruguaiana – RS, CEP 97.501-970.
Telefone: (55)3911-0202
E-mail: cep@unipampa.edu.br
Página eletrônica: <https://sites.unipampa.edu.br/cep/>
Parecer de aprovação do CEP: nº 8.454.505

Convite para participar

Você está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada "Literatura Afro-Brasileira e Representatividade: um estudo sobre a obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis". Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as percepções de estudantes do curso de Letras sobre a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, relacionando essas percepções à importância da literatura afro-brasileira e o enfrentamento do racismo. Caso não deseje participar, não haverá qualquer prejuízo em suas atividades acadêmicas ou em sua relação com sua instituição de ensino.

O que você terá que fazer

Se aceitar participar, você responderá a um questionário on-line composto por perguntas objetivas e abertas, relacionadas aos seguintes temas:

- Literatura afro-brasileira;
- Maria Firmina dos Reis;
- A obra *Úrsula*;
- Representação dos personagens negros na obra *Úrsula*;
- Romantismo brasileiro;
- Formação docente e educação antirracista.

O tempo estimado para responder ao questionário é de aproximadamente 5 minutos.

Riscos e desconfortos

Os riscos decorrentes da participação nesta pesquisa são considerados mínimos, semelhantes aos de responder a qualquer questionário on-line. Entre eles, podem ocorrer: cansaço ou desconforto durante o preenchimento do questionário; desconforto emocional ao refletir sobre temas relacionados ao racismo, desigualdade social e discriminação. Caso você se sinta desconfortável em qualquer momento, poderá interromper sua participação, deixar de responder qualquer pergunta ou encerrar o questionário, sem necessidade de justificativa e sem qualquer prejuízo.

Direito à indenização e proteção à saúde

Em conformidade com a Resolução CNS nº 466/2012, caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação nesta pesquisa, você terá direito à assistência integral e à indenização, conforme a legislação vigente.

Benefícios

Você não receberá qualquer benefício financeiro pela participação. Entretanto, sua participação poderá contribuir para: ampliar os estudos sobre literatura afro-brasileira; fortalecer as discussões sobre representatividade na literatura brasileira; promover reflexões sobre a formação de professores e a educação antirracista; incentivar a valorização da obra de Maria Firmina dos Reis e da produção literária afro-brasileira. Além disso, a participação pode proporcionar uma oportunidade de reflexão sobre a presença da temática racial na literatura e na formação acadêmica.

Confidencialidade e proteção dos dados

As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Os resultados da pesquisa serão apresentados de forma agrupada, sem identificação individual dos participantes. Os dados serão armazenados em ambiente seguro, com acesso restrito à pesquisadora e ao orientador, em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD (Lei nº 13.709/2018). Em artigos, apresentações e demais publicações decorrentes desta pesquisa, nenhum participante será identificado.

Participação voluntária e direito de desistir

Sua participação é voluntária. Você poderá recusar-se a participar ou desistir da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de apresentar justificativas e sem qualquer prejuízo acadêmico ou pessoal. Também poderá deixar de responder qualquer pergunta que lhe cause desconforto.

Contatos para dúvidas

Caso tenha dúvidas sobre a pesquisa ou sobre sua participação, você poderá entrar em contato com:

Pesquisadora responsável: Ana Florise Moraes Oliveira

Curso de Licenciatura em Letras – Português (EaD)

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

E-mail: anaflorise.aluno@unipampa.edu.br

Telefone: (99) 98406-0746

Orientador: Prof. Dr. Dênis Moura de Quadros

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

E-mail: denisquadros@unipampa.edu.br

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIPAMPA

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa – CEP/UNIPAMPA

Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592

Prédio Administrativo – Sala 23

Uruguaiana – RS

CEP 97501-970

Telefone: (55)3911-0202

E-mail: cep@unipampa.edu.br

Página eletrônica: <https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Consentimento

() Declaro que fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisa, seus procedimentos, possíveis riscos e benefícios, e que concordo voluntariamente em participar deste estudo.

() Declaro estar ciente de que posso desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

APÊNDICE B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A OBRA *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Pesquisadora responsável: Ana Florise Moraes Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Dênis Moura de Quadros

Instituição de ensino: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Curso de Licenciatura em Letras – Português (EaD)

Local da coleta de dados: Google Forms

Eu, Ana Florise Moraes Oliveira, responsável pelo presente projeto me comprometo a preservar a confidencialidade dos seus dados envolvidos no trabalho. Informo, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que elas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas (por um período de cinco anos) sob a responsabilidade de Ana Florise Moraes Oliveira, no seguinte local: Endereço: UNIPAMPA, Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592 Prédio Administrativo – Sala 7ª, Caixa Postal 118 Uruguaiana – RS CEP 97500-970 e os dados obtidos on-line serão armazenados em computador específico para a realização desta pesquisa e em HD externo exclusivo, o qual apenas a pesquisadora terá acesso. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIPAMPA em 24/05/2025, com o número de registro CAAE: 96905226.2.0000.5323 e Número do Parecer: 8.454.505.

APÊNDICE C - FORMULÁRIO DA PESQUISA

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A OBRA *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Bloco 1 – Perfil do participante

Informar nome completo (ou só as letras iniciais do seu nome e sobrenome)

Informações sobre o participante

1. Qual a sua Idade:

- ☐ 18 a 24 anos
- ☐ 25 a 30 anos
- ☐ 31 a 40 anos
- ☐ 41 a 50 anos
- ☐ 51 a 60 anos

2. Qual Gênero você se identifica:

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Não binário
- ☐ Prefiro não informar

Outro: _____

3. Qual a sua identificação étnico-racial:

- ☐ Branco(a)
- ☐ Preto(a)
- ☐ Pardo(a)
- ☐ Amarelo(a)
- ☐ Indígena
- ☐ Prefiro não declarar

4. Qual a região onde reside:

- ☐ Norte
- ☐ Nordeste
- ☐ Centro-Oeste
- ☐ Sudeste
- ☐ Sul

5. Em qual ano você está no curso superior?

- ☐ 1ª ano (1º e 2º semestres)
- ☐ 2ª ano (3º e 4º semestres)
- ☐ 3ª ano (5º e 6º semestres)
- ☐ 4ª ano (7º e 8º semestres)
- ☐ 5ª ano (9º e 10º semestres)
- ☐ 6º ano (11º e 12º semestres)
- ☐ Acima do tempo regular do curso

Outro: _____

6. Qual foi sua principal forma de ingresso no curso de graduação atual? *

- ☐ ENEM (SISU)
- ☐ Transferência
- ☐ Portador(a) de diploma (segunda graduação)
- ☐ Vestibular específico (indígena, quilombola, PCD ou outros)

Outro: _____

7. Você trabalha atualmente?

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Você atua ou pretende atuar como professor(a)?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Ainda não sei

Escala de frequência de hábitos de leitura e leitura de literatura afro-brasileira

1. Quantos livros você lê por ano?

- ☐ menos de 1 livro
- ☐ 1 a 3 livros
- ☐ 4 a 6 livros
- ☐ mais de 6 livros

2. Qual é o principal motivo pelo qual você lê?

- ☐ Exigências acadêmicas ou profissionais
- ☐ Informação/atualização
- ☐ Lazer e entretenimento
- ☐ Ambos (acadêmico/profissional e lazer)

Outro: _____

3. Você já cursou disciplinas que abordaram durante o processo de ensino sobre a literatura afro-brasileira?

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. Você teve contato com literatura afro-brasileira durante a educação básica?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não me recordo

5. Você teve contato com obras da literatura afro-brasileira durante a educação superior (universidade)?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não me recordo

BLOCO 2 – percepções sobre a literatura afro-brasileira e a obra *Úrsula***Parte A – Contato com a obra *Úrsula***

1. Você já leu a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis?
☐ Li integralmente.
☐ Li parcialmente.
☐ Conheço a obra, mas não a li.
☐ Não conheço a obra.
2. Em qual contexto você teve contato com a obra *Úrsula*?
☐ Em disciplina(s) do curso de Letras.
☐ Por leitura individual.
☐ Em projetos de ensino, pesquisa ou extensão.
☐ Em eventos ou grupos de leitura.
☐ Não tive contato com a obra
Outro: _____

Parte B – Percepções sobre literatura afro-brasileira e formação docente**Escala Likert**

1. Discordo totalmente
2. Discordo parcialmente
3. Nem concordo nem discordo
4. Concordo parcialmente
5. Concordo totalmente
1. A literatura afro-brasileira é trabalhada na formação docente de forma suficiente?
☐ Discordo totalmente
☐ Discordo parcialmente
☐ Nem concordo nem discordo
☐ Concordo parcialmente
☐ Concordo totalmente
2. A literatura afro-brasileira deve ocupar um espaço mais amplo na formação de professores?
☐ Discordo totalmente
☐ Discordo parcialmente
☐ Nem concordo nem discordo
☐ Concordo parcialmente
☐ Concordo totalmente
3. A literatura afro-brasileira pode contribuir para a formação crítica dos estudantes de Letras?
☐ Discordo totalmente
☐ Discordo parcialmente
☐ Nem concordo nem discordo
☐ Concordo parcialmente
☐ Concordo totalmente
4. A presença de autores afro-brasileiros no currículo do curso de Letras contribui para a ampliação da formação docente dos estudantes?
☐ Discordo totalmente

- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

5. A literatura afro-brasileira pode contribuir para a promoção de uma educação antirracista?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

6. A literatura pode ser instrumento de combate ao racismo?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

7. A formação em Letras deve promover discussões sobre relações étnico-raciais e diversidade cultural?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

Parte C – Percepções sobre a obra *Úrsula*

1. A obra *Úrsula* contribui para reflexões sobre racismo?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

2. A leitura de *Úrsula* amplia a compreensão sobre a escravidão no Brasil?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

3. A representação dos personagens negros na obra *Úrsula* apresenta características distintas em relação a outras obras da literatura brasileira do século XIX?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo

- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

4. A leitura de *Úrsula* favorece reflexões sobre as relações raciais e a desigualdade social no Brasil?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

5. A leitura de *Úrsula* é relevante para formação de estudantes de Letras?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

6. A obra *Úrsula* contribui para debates sobre desigualdade social?

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Nem concordo nem discordo
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

7. Na sua percepção, a partir da leitura do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, quais são as contribuições de sua leitura para a literatura brasileira e/ou afro-brasileira e para uma educação antirracista?
